

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ILZE ARDUINI DE ARAÚJO

EXPERIÊNCIAS DE MIGRANTES NORDESTINOS EM UBERLÂNDIA:
estranhamentos, preconceitos e estratégias de pertencimento

Uberlândia
2008

ILZE ARDUINI DE ARAÚJO

EXPERIÊNCIAS DE MIGRANTES NORDESTINOS EM UBERLÂNDIA:
estranhamentos, preconceitos e estratégias de pertencimento

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Prof^a. MSc. Sandra Alves Fiuza.

Uberlândia

2008

EXPERIÊNCIAS DE MIGRANTES NORDESTINOS EM UBERLÂNDIA:
estranhamentos, preconceitos e estratégias de pertencimento

Ilze Arduini de Araújo

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação da Profª. MSc. Sandra Alves Fiuza.

Uberlândia, 17 Dezembro 2008

BANCA EXAMINADORA

Profª. Ms. Sandra Alves Fiuza – Orientadora

Profª. Ms. Sandra Mara Dantas

Prof. Ms. Miguel Rodrigues de Sousa Neto

Uberlândia

2008

*Aos queridos filhos, Rodrigo e Júlia.
Paixões maiores da minha existência.*

AGRADECIMENTOS

À Professora MSc. Sandra Alves Fiuza, pela paciência e pela orientação precisa e capaz.

À Prof^a MSc.. Sandra Mara Dantas e ao Prof. MSc. Miguel Rodrigues de Sousa Neto, que prontamente se dispuseram a participar da Banca Examinadora.

À minha família, que esteve presente, apoiando-me em todos os momentos, compreendendo a falta de tempo e as ausências.

Aos amigos e companheiros de trabalho e de escola, que compartilharam das alegrias e tristezas desta caminhada.

Finalmente, quero agradecer a todos os meus entrevistados, que me confiaram suas memórias, seus sentimentos, cuja participação foi de fundamental importância para a realização deste trabalho.

Orgulho de Ser Nordestino

*Além da seca ferrenha
Do chão batido e da brenha
O meu nordeste tem brio
Quer conhecer então venha
Que eu vou te mostrar a senha
Do coração do brasil
São nove estados na raiva
Todos com banho de praia
Num céu de anil e calor
São nove estados unidos
Crescentes fortalecidos
Onde o brasil começou
E hoje no calcanhar da ciência
Formam uma grande potência
Irrigando o chão que secou
É verdade que a seca inda deixa sequela
Mas foi aprendendo com ela
Que o nosso nordeste ganhou
Deixou de viver de uma vez de esmola
E foi descobrindo na escola
A grandeza do nosso valor
Eu quero é cantar o nordeste
Que é grande e que cresce
E você não conhece doutor
De um povo guerreiro, festivo e ordeiro.
De um povo tão trabalhador
Por isso não pise, viaje e pesquise.
Conheça de perto esse chão
Só pra ver que o nordeste
Agora é quem veste
É quem veste de orgulho a nação*

Flávio José

RESUMO

O objetivo deste trabalho é refletir sobre as relações sociais entre migrantes nordestinos e os moradores da cidade de Uberlândia, Minas Gerais e analisar a situação sociocultural desses migrantes, bem como as condições de aceitação ou rejeição social vividas por eles, como, por exemplo, os estigmas e estereótipos. Esses são construídos, muitas vezes, a partir de uma associação da região Nordeste e da sua população com miséria, seca, atraso, violência e inferioridade. A metodologia usada para este estudo foi a história oral, pois acreditamos na importância de se trabalhar com depoimentos dos próprios nordestinos. O momento da entrevista, no qual os depoentes narram e interpretam suas experiências de vida é ímpar, pois além de nos possibilitar ouvir aqueles que foram por muito tempo excluídos e silenciados pela história oficial, transforma-se também em um espaço privilegiado para a expressão de suas angústias e de seus anseios. Para as entrevistas, foram selecionados depoimentos de migrantes de diferentes perfis: trabalhadores assalariados, diaristas, aposentados, além de profissionais liberais, que são considerados pessoas “bem sucedidas” em Uberlândia como professores universitários e empresários. A partir do discurso desses nordestinos entrevistados, procuramos compreender diversos aspectos, dentre eles, que visão eles têm de si mesmos, como se sentem em relação a outras práticas culturais, como cada um deles sente o olhar do outro, no que se refere à sua origem, como vivem em Uberlândia, como têm ou não enfrentado preconceitos e de que forma têm reagido a essas situações. Pelo fato de nos sentirmos incomodados com a presença em Uberlândia do preconceito velado, e às vezes explicitado, contra os nordestinos, resolvemos pesquisar esse tema. Assim, acreditamos que este trabalho possa contribuir para que o leitor conheça um pouco mais sobre a história dessa gente e retire, quando houver, o véu do preconceito com relação ao nordestino, respeitando suas diferenças.

Palavras-chave: migração; nordestino; estereótipos; preconceito.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 Alcides Melo, radialista com o Trio Sucupira, em apresentação no “Canta Nordeste”.....	84
Figura 2 - Apresentação do Trio Sucupira no restaurante Mandacaru	87
Figura 3 - Fátima no Restaurante Mandacaru.	89
Figura 4 - Vicente Reinaldo e Adão Fernandes (repentistas) com Vamberto	92
Figura 5 - Feira da Rua Monsenhor Eduardo, músicos e comunidade.....	93
Figura 6 - Folheto distribuído durante apresentação cultural no projeto “Caravana Nordestina” nas feiras livres de Uberlândia.	95

ÍNDICE DE QUADROS

Tabela 1 Levantamento de idade, sexo, curso dos universitários e onde geralmente ocorrem os contatos com nordestinos.	52
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO I IMAGENS FASCINANTES DA CIDADE DE UBERLÂNDIA E A MIGRAÇÃO NORDESTINA.....	17
1.1 A noção de migração	18
1.2 Os projetos de progresso e modernização da cidade de Uberlândia.....	21
1.3 Imagens e representações de Uberlândia: alguns estudos	26
1.4 A propaganda de Uberlândia chega a todo canto	34
1.5 Cidade moderna, mas não para todos: disciplinarização do espaço urbano	38
CAPÍTULO II A INVENÇÃO DO NORDESTE E MEMÓRIAS DE MIGRANTES NORDESTINOS: ESTEREÓTIPOS, PRECONCEITOS E IDENTIDADES.....	47
2.1 História oral e metodologia de pesquisa.....	48
2.2 A invenção do Nordeste: a interpretação de Albuquerque Júnior	55
2.3 Experiências de migrantes: escolhas, estranhamentos, estereótipos e preconceitos	60
CAPÍTULO III A RECRIAÇÃO AFETIVA DO NORDESTE E ESTRATÉGIAS DE PERTENCIMENTO	83
3.1 O ritmo “arretado”	83
3.2 Os sabores do Nordeste	87
3.3 A ANUDI e a caravana nordestina	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS	101
ANEXO	105
1. Depoimentos orais	105
1- Alcides Melo da Silva	105
2. Maria de Fátima Pereira Souza.....	105
3 – Maria de Lourdes Araújo Silva	105
4 - Maria Ivonete Santos Silva	106
5 - Marta Messias da Cruz Oliveira.....	106
6 – Severino Ramos da Silva.....	107
7 - Vamberto Figueiredo.....	107
8 – Wilton da Silva Oliveira.....	107

APÊNDICES	109
A – Questionário com os universitários	109
B – Roteiro das entrevistas com os nordestinos.	110

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre as relações sociais cotidianas entre migrantes nordestinos e os moradores da cidade de Uberlândia, Minas Gerais e analisar sua situação socioeconômica, bem como as condições de aceitação ou rejeição social vividas por eles. Visa também a discutir e a analisar alguns estigmas e estereótipos preconceituosos geralmente associados à região Nordeste e à população nordestina, observando a forma pela qual esses preconceitos manifestam-se nos moradores de Uberlândia e, sobretudo, o modo pelo qual os nordestinos reagem a eles.

Ao falarmos da migração na cidade de Uberlândia, torna-se necessário voltarmos às primeiras décadas do século XX, período em que encontramos as raízes do ideal de cidade progressista e moderna, cuja elite local tanto fez por demonstrar. Apoiada pela mídia (jornais, anúncios no rádio e trabalhos dos memorialistas), o desejo dessa elite de tornar Uberlândia uma cidade moderna criou e recriou no imaginário dos uberlandenses a idéia de prosperidade, de uma cidade em constante busca pela modernidade.

Devemos trazer ainda à tona a “eficaz” propaganda ufanista uberlandense que conseguiu atrair um expressivo número de migrantes para esta cidade. Além disso, investigamos uma imagem do Nordeste, construída durante décadas, perpetuando essa região à idéia de eterna miséria, seca, atraso, violência e inferioridade. Enfim, este estudo procura compreender também os possíveis motivos da saída de alguns nordestinos, nossos depoentes, dos seus lugares de nascimento, rumo à cidade de Uberlândia.

Para isso, três movimentos terão grande destaque para estimular a economia local e efetivar o desenvolvimento da cidade de Uberlândia, que já fazia parte do discurso oficial da elite como cidade *predestinada* ao progresso. O primeiro foi a construção da Estação da Companhia Ferroviária Mogiana, em 1895; o segundo, a conclusão da Ponte Afonso Pena sobre o Rio Paranaíba, que ligava o Estado de Minas Gerais ao estado de Goiás em 1909; e o terceiro, a inauguração da Companhia Mineira de Auto-viação Intermunicipal, que

levava não só mercadorias como também foi de grande importância para a locomoção das pessoas residentes tanto em Uberlândia como das cidades vizinhas.

Com o aumento do fluxo de pessoas e de mercadorias na cidade, houve também um crescimento na arrecadação de impostos para esse município, que possibilitou aos governantes locais continuarem com o projeto de modernizar a cidade. A partir daí, houve um maciço investimento na propaganda ufanista, de elogios a Uberlândia, com o intuito de atrair pessoas e investidores para ela.

Os migrantes que aqui chegavam, em sua maioria, já incorporavam a idéia de que moravam numa cidade moderna, que oferecia oportunidades para melhorar suas condições de vida e prosperar. Essa propaganda, muitas vezes forjada, sobre as maravilhas que Uberlândia oferecia, foi um dos atrativos que trouxeram tantos migrantes nordestinos. Alguns ouviam por meio dos programas de rádio as chamadas sobre as vantagens em morar em Uberlândia, outros, pelas manchetes dos jornais. Uma grande parte dos nordestinos migrava para o Triângulo Mineiro depois de ter recebido cartas de parentes que já estavam vivendo aqui e descreviam nelas a cidade como uma espécie de “paraíso”.

Da mesma forma que encontramos uma forjada construção de Uberlândia como “Cidade Progresso”, durante o levantamento bibliográfico, encontramos também, segundo ALBUQUERQUE JR. (1999), os possíveis motivos que, durante vários anos, construíram a idéia de um Nordeste pobre, flagelado, faminto pela seca, afundado num eterno “atraso” pelos interesses da elite nordestina. Isso nos fez despertar o interesse em entender por que permanece, ainda na atualidade, essa imagem da população margeada por uma eterna “miséria” e fadada ao fracasso.

O grande interesse, mas não o único, de termos escolhido esse tema para pesquisar, foi termos presenciado, durante boa parte da juventude, diversos momentos de preconceito contra os nordestinos e contra seus descendentes que vivem em Uberlândia. Uma das formas mais recorrente é a generalização. Incluem-se todas as pessoas vindas na região Nordeste em uma mesma denominação, supondo-as como vindas de um mesmo Estado, ou seja, generalizam-se todos os nordestinos como sendo “baiano”, por exemplo. Aqui vemos claramente a discriminação por não se respeitarem as diferenças

de cada estado a que cada um desses nordestinos pertence. Em cada estado Nordestino e, evidentemente, não se considerado apenas suas demarcações territoriais, partilham-se referenciais culturais próprios, um sotaque, uma culinária, uma dança típica, seus artistas específicos, como qualquer outro estado do Sudeste. A historiadora Selma Santos Borges nos esclarece que:

De fato, não existe uma só cultura nordestina, mas várias, à medida que estas não são homogêneas e cada Estado tem as suas particularidades culturais. A Bahia, por exemplo, se diferencia dos demais estados do Nordeste. Tendo como um dos fatores relevantes a presença marcante dos negros escravos que trouxeram da África elementos culturais que deram origem a especificidades locais, a exemplo da culinária afro-baiana (acarajé, vatapá, caruru, etc.), da capoeira, e de uma musicalidade característica que se expressou especificamente no aspecto rítmico. Em outros Estados onde a escravidão negra foi um fato, esta influência não aconteceu da mesma forma. (BORGES, 2007, p. 21).

A denominação de “baiano”, utilizada para nomear nordestinos, muitas vezes é acompanhada por outras marcas, outros estereótipos: “preguiçoso”, “sujo”, “feio”, “violento”, “brega”, “cabeça chata”, “pau-de-arara” e tantos outros que são relacionados se não a todos, mas à maioria dos migrantes nordestinos.

O fato de sermos filha de mãe mineira e pai nordestino também foi uma influência na investigação desse tema. Durante boa parte da infância e da adolescência, sofremos a interferência das duas culturas. Corriqueiramente, uma família estranhava os costumes da outra e, nesse estranhamento, não faltavam os “elogios” depreciativos e estereotipados, cujos motivos eram difíceis de ser compreendidos.

Os imigrantes nem sempre são bem aceitos no país adotivo, particularmente se forem marcantes as diferenças físicas e/ou culturais (língua, hábitos alimentares, crenças religiosas, cor da pele, etc.) entre os nativos e os estrangeiros. Em razão disso, muitos enfrentam obstáculos quando pretendem participar plenamente da vida sócio-econômica e cultural do lugar adotivo. Isso os coloca na condição de grupos minoritários, discriminados, vistos com desconfiança e ridicularizados. (QUEIROZ, 1995, p. 43).

Apesar de ter nascido na cidade de Uberlândia, não ficamos imune aos tantos estigmas e preconceitos dedicados aos nordestinos, passando um período significativo da adolescência vexada com críticas estereotipadas, devidas ao fato de ser filha de nordestino. Somente na fase adulta é que percebemos que o simples fato de ser “nordestino” ou descendente, não era motivo para nos sentirmos inferiores. “Todavia, o preconceito é às vezes tão forte que se torna possível reavaliar corretamente uma pessoa depois de certo tempo de convívio, mas nem mesmo isso nos faz alterar o juízo a respeito do grupo a que ela pertence” (QUEIROZ, 1995, p. 19).

Por ser nossa família oriunda do Nordeste do País, mais especificamente, do Rio Grande do Norte, ela é mais um exemplo típico de família que, assim como tantas outras retirantes, saiu do Nordeste (Currais Novos - Rio Grande do Norte) e veio tentar uma “vida melhor” aqui no “Sul”. Esse fato fez com que esta pesquisa se tornasse ainda mais interessante e emocionante.

O fascínio que as práticas culturais nordestinas exerce sobre nós (o forró, a literatura, o artesanato, a culinária e a alegria desse povo) foi outro ponto importante a nos instigar nessa pesquisa. Esperamos que este trabalho possa contribuir para ampliar a compreensão dos possíveis leitores sobre a história dos migrantes nordestinos e sobre a diversidade de referências culturais que os orienta para onde quer que eles se dirijam.

Os depoimentos orais contribuíram enormemente para a realização deste trabalho. A partir deles, foi possível perceber alguns indícios de como os depoentes se sentiram e reagiram frente a comportamentos discriminadores e preconceituosos.

Produzimos documentos orais por meio da transcrição de oito entrevistas realizadas com nordestinos no decorrer da pesquisa, o que foi uma etapa importante. O momento da entrevista, no qual os depoentes narraram e interpretaram suas experiências de vida, foi ímpar, pois, além de nos possibilitarem ouvir aqueles que foram por muito tempo excluídos e silenciados pela história oficial, transformou-se também em um espaço privilegiado para expressão de suas angústias e de seus anseios. Para as entrevistas, foram selecionados depoimentos de migrantes de diferentes perfis: trabalhadores

assalariados, diaristas, aposentados, além de profissionais liberais que são considerados pessoas “bem sucedidas” em Uberlândia, como professores universitários e empresários. A partir do discurso desses nordestinos entrevistados, procuramos compreender diversos aspectos, dentre eles, que visão têm eles de si mesmos, como se sentem em relação a outras práticas culturais, como cada um deles sente o olhar do outro, no que se refere à sua origem, como vivem em Uberlândia, como têm ou não enfrentado preconceitos e de que forma têm reagido a essas situações. Procuramos, também, saber que lugares os nordestinos possuem para se socializar com outros conterrâneos.

Nas entrevistas, procuramos dialogar a respeito das barreiras, das resistências e do desenraizamento sofrido por eles, ao chegarem ao Triângulo Mineiro. Buscamos perceber se fizeram algo para manter sua identidade de origem, se reconstruíram suas identidades a partir do contato com outras pessoas e costumes, ou se optaram por uma brusca mudança, numa tentativa de um novo enraizamento, para serem mais bem aceitos pela sociedade local.

Alertamos que as experiências narradas pelos depoentes estão em constantes mudanças, sendo apresentadas como experiências tanto individuais como sociais. Ou seja, as entrevistas orais possibilitaram-nos conhecer um pouco de suas histórias de vida.

Queremos reforçar a importância da aliança que esses nordestinos estabelecem com os seus conterrâneos. Percebemos que os migrantes buscam estabelecer novas raízes nos novos lugares a que chegam como resposta ao processo de desenraizamento vivenciado desde que saem do seu lugar de origem. Para conseguir firmar-se na nova cidade, esses migrantes procuram outros que passam ou passaram pelos mesmos caminhos da migração: estranhamento, exclusão, readaptação, em busca de apoio, não só financeiro, mas também, emocional.

Uma das formas de se sentirem “pertencentes” à nova cidade é pela manutenção de seus costumes, como a culinária, a dança, a música, os locais de lazer, a aliança de amizade com outros conterrâneos e até mesmo, com familiares.

Para perceber aspectos da visão dos moradores nascidos em Uberlândia a respeito dos nordestinos que vivem nesta cidade, sobretudo no que diz respeito a preconceitos e estereótipos, elaboramos um questionário que foi respondido por 30 estudantes universitários.

Além da *história oral* e dessa pesquisa de campo, para o embasamento deste trabalho foi feita uma pesquisa bibliográfica em livros, teses, dissertações, artigos em periódicos acadêmicos e jornais.

Mas, a tarefa de trabalhar o tema do “preconceito” contra o nordestino não é fácil. Além de ser delicado tratá-lo numa entrevista, existem poucos trabalhos que apresentam uma abordagem histórica do preconceito em relação a essa população. Sobre isso, destacamos o livro do autor José Leon Crochik (1997), intitulado *Preconceito, cultura e indivíduo*. Segundo esse autor:

Para se estudar e entender o preconceito é necessário se recorrer a mais do que uma área do saber. Embora ele seja um fenômeno psicológico, aquilo que leva o indivíduo a ser preconceituoso ou não, pode ser encontrado no seu processo de socialização, no qual se transforma e se forma enquanto indivíduo. (CROCHIK, 1997, p. 15).

O que se encontra em maior quantidade são trabalhos que tratam do preconceito e da discriminação aos negros, às mulheres e aos homossexuais. Sobre essa questão nos fala Ricardo Nóbrega:

A discriminação por origem regional é um tema ainda pouco estudado nas ciências sociais brasileiras. Embora a migração nordestina tenha sido sociologicamente investigada em diversas ocasiões, a maioria dos trabalhos relaciona-se à urbanização, à integração ao mercado de trabalho e à participação política. A discriminação pela qual passam os migrantes nordestinos nas grandes metrópoles do sudeste brasileiro, bem como suas conseqüências sociais e psicológicas, por outro lado, não tem recebido grande atenção dos pesquisadores. (NÓBREGA, 2007).

Para nos auxiliar na compreensão dos estigmas e estereótipos dedicados freqüentemente à região Nordeste e sua população, aliamos-nos entre outros trabalhos, a duas obras de Durval Muniz Albuquerque Júnior¹: A

¹ Durval Muniz Albuquerque Júnior é Doutor em História Social pela Universidade Estadual de Campinas, Pós-Doutor em Educação pela Universidade de Barcelona, professor adjunto do

*invenção do nordeste e outras artes*², e *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar*³. Para esse historiador,

O preconceito quanto à origem geográfica é justamente aquele que marca alguém pelo simples fato deste pertencer ou advir de um território, de um espaço, de um lugar, de uma vila, de uma cidade, de uma província, de um estado, de uma região, de uma nação, de um país, de um continente considerado por outro ou outra, quase sempre mais poderoso ou poderosa, como sendo inferior, rústico, bárbaro, selvagem, atrasado, subdesenvolvido, menor, menos civilizado, inóspito, habitado por um povo cruel, feio, ignorante, racialmente ou culturalmente inferior. Estes preconceitos quase sempre estão ligados e representam desníveis e disputas de poder e nascem de diferenças e competições no campo econômico, no campo político, no campo cultural, no campo militar, no campo religioso e nos campos dos costumes e das idéias. (ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 11).

Assim, escolhemos trabalhar as relações sociais cotidianas entre uberlandenses e nordestinos, juntamente com os motivos que fizeram de Uberlândia uma cidade atrativa aos olhos desses migrantes.

Nas décadas de 1950 e 60, os trabalhadores nordestinos chegaram em massa, à procura das novas e promissoras oportunidades que haviam sido anunciadas. Espalharam-se por essa vasta região trazendo seu modo de vida, sua linguagem, estabelecendo diferenças, que deram origem a interpretações variadas, gerando explicações, conceitos e preconceitos. De um lado os nordestinos que chegavam, observavam e eram observados, de outro, os mineiros. Criou-se uma imagem. (SILVA, 1997 p. 08).

Entre as diversas questões que nortearam esta investigação, destacamos algumas que são fundamentais: (a) Qual a visão que os migrantes nordestinos entrevistados têm de si mesmos, como cidadãos inseridos em uma

Departamento de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, membro do corpo docente dos Programas de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco e de Sociologia de Campina Grande e na Universidade da Paraíba.

² ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.

³ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar. As fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007.

nova cultura? (b) Como cada um deles sente o olhar do outro em relação à sua origem? (c) Os nordestinos que vivem em Uberlândia têm ou não enfrentado preconceitos por sua origem? Em caso positivo, de que forma têm reagido a essas situações? (d) Os entrevistados procuram manter contato com sua cultura de origem? De que forma? (e) Existem locais utilizados pela comunidade nordestina em Uberlândia com o intuito de reafirmar e preservar suas tradições? Quais são eles?

Para a compreensão dessas questões formuladas e das relações entre migrantes nordestinos e a população da cidade de Uberlândia, levantamos duas hipóteses. A primeira é a de que os migrantes nordestinos, muitas vezes, para serem aceitos, procuram esquecer suas origens e integrar-se à nova sociedade escolhida; e a segunda é a de que, com o passar do tempo e em decorrência desse esforço psicológico de reintegração, os migrantes perdem paulatinamente os laços com a terra natal, exceto em alguns aspectos, como a culinária e algumas festas tradicionais. Mas, apesar disto, reelaboram as suas referências identitárias no novo lugar. A esse respeito, o informante Vamberto Figueiredo, natural do estado da Paraíba nos fala:

O cotidiano sofre interferências da nova região. Vivemos noutra região que embora não eliminando os costumes regionais, os atenua consideravelmente, mas a comida e a música regionais sempre estão presentes no cotidiano mesclando a existência do povo nordestino que migra e disso precisa para se encontrar consigo próprio⁴.

Essas pessoas que se deslocaram do Nordeste para Uberlândia trouxeram na bagagem mais do que o desejo de uma vida melhor. Com eles vieram também a cultura nordestina, suas tradições, seus costumes, seus sotaques, sua força de trabalho e seus sonhos.

O nordestino, com o seu jeito de ser e de viver, foi recebido pelo mineiro com reserva e uma dose de desconfiança. A incompreensão quanto às diferenças culturais, transformou-as em barreiras erguidas pelo preconceito. Conceitos errôneos eram formulados e disseminados de boca em boca por toda a região, formando opinião sobre o outro, que era mantido à

⁴ Entrevista concedida por Vamberto Figueiredo em 11 de outubro de 2008.

distância. Esses conceitos nortearam, por muito tempo, as relações entre mineiros e nordestinos. (SILVA, 1997, p. 08).

Contudo, os migrantes, ao se estabelecerem em Uberlândia, tentam reorganizar suas vidas diante de um novo cotidiano, de uma nova realidade de trabalho, de alimentação, de clima, de novas redes de amizade.

Privilegiamos, nesta pesquisa, o período que vai da década de 1940 até os dias atuais. Justificamos tal recorte cronológico, considerando o crescimento do padrão de desenvolvimento urbano brasileiro após a década de 1940, em decorrência dos planos governamentais de desenvolvimento industrial. Assim, um intenso fluxo migratório foi desencadeado, seja ele vindo do campo ou de cidades pequenas. As pessoas se dirigiam para as áreas de maior concentração de indústria, portanto, com maiores oportunidades de trabalho. De acordo com Nunes (1993), a intensa migração ocorrida em Uberlândia foi responsável pelo crescimento exacerbado da população da cidade a partir dos anos 1940, quando “todo mundo parece que deseja fixar nesta cidade”.

A apresentação escrita da pesquisa foi dividida em três capítulos. No primeiro, abordamos a construção da “Cidade Jardim” e investigamos em bibliografia especializada argumentos que nos ajudassem a produzir algumas explicações sobre os motivos pelos quais a cidade de Uberlândia tem atraído migrantes de diferentes estados do Nordeste. No segundo capítulo, procuramos entender a experiência de vida dos nordestinos mediante suas memórias e interpretações narrativas acerca das suas relações com a população uberlandense; e no terceiro, trazemos alguns locais de sociabilidade voltados para a comunidade nordestina, geralmente utilizados para matar saudade da culinária, da música da dança e dos conterrâneos. Esses locais se apresentam como forma de “pertencimento” na cidade de Uberlândia: Associação de Nordestinos e seu projeto “Caravana Nordestina”; Programa de rádio “Canta Nordeste”; Restaurante “Mandacaru”.

CAPÍTULO I

IMAGENS FASCINANTES DA CIDADE DE UBERLÂNDIA E A MIGRAÇÃO NORDESTINA

O ato de migrar é seguido de estranhamentos, de inseguranças e de dificuldades; também é orientado por esperança de melhores dias. O migrante não sabe ao certo quais serão as dificuldades e nem se terá êxito com a mudança. O que sabe é que está deixando o lugar onde nasceu e onde criou raízes. Partirá para outro ao qual não pertence. No entanto, para que alguém deixe sua terra, seus amigos e seus pertences para trás, a nova moradia precisa apresentar algo positivo. Nesse sentido, neste capítulo, procuraremos apresentar algumas possíveis explicações sobre os motivos pelos quais a cidade de Uberlândia tem atraído migrantes de diferentes estados do Nordeste.

Ao falarmos da migração dos nordestinos para a cidade de Uberlândia, torna-se necessário voltarmos às primeiras décadas do século XX, período em que encontramos as raízes do ideário de cidade progressista, desenvolvida e moderna que a elite local tanto fez para edificar. Esse desejo de torná-la uma cidade moderna impulsionou políticos e empresários, juntamente com a mídia local (jornais, anúncios no rádio e os trabalhos dos memorialistas), a criar projetos concretos de reestruturação urbana e recriar no imaginário dos uberlandenses a idéia de prosperidade, de uma cidade em constante busca pela modernidade.

Uma das estratégias usadas para aumentar o crescimento econômico da cidade e torná-la mais próxima desse ideal progressista foi justamente forjar uma propaganda de que em Uberlândia, além das vantagens naturais, como o clima, o relevo, hidrografia e localização geográfica privilegiada, haveria também emprego e prosperidade para os “forasteiros”, “empreendedores” que aqui chegassem.

Com o aumento de fluxo de pessoas e de mercadorias na cidade, houve um crescimento na arrecadação de impostos para o município, o que possibilitou aos governantes locais continuarem com o projeto de

modernização da cidade. A partir daí, houve um maciço investimento na propaganda ufanista, com elogios a Uberlândia, no intuito de atrair pessoas e investidores para ela.

Tanto é que grande parte dos migrantes que aqui chegavam já incorporavam a idéia de que morariam numa cidade moderna, ou seja, absorviam o discurso oficial construído pela elite dominante, que oferecia a “toda” a população, “trabalhadora e ordeira”, oportunidades para melhorar suas condições de vida e prosperar. Acreditamos ser essa propaganda forjada sobre as maravilhas que Uberlândia oferecia um dos atrativos que trouxeram tantos migrantes nordestinos.

Para fundamentar essa hipótese, apresentamos em seguida um levantamento bibliográfico referente à construção da História dessa cidade, cujo principal objetivo consiste em destacar os motivos possíveis que têm levado moradores distantes a idealizarem ou escolherem Uberlândia para viver.

Selecionamos trabalhos de autores pesquisadores que analisaram o imaginário oficial de Uberlândia relacionado ao ideário de *trabalho, ordem, progresso e disciplina*. As expectativas criadas a respeito dessa cidade e se elas foram concretizadas ou não também são questões que procuramos abordar. Os principais trabalhos selecionados foram os textos de Alem (1991), Dantas (2001), Lopes (2002), Machado (1990), Nunes (1993) e Soares (1995).

1.1 A noção de migração

“Fato social total”, é assim que o sociólogo franco-argelino Abdelmalek Sayad denomina os estudos sobre o fenômeno da imigração e emigração. Falar da imigração, para ele,

[...] é falar da sociedade como um todo, falar dela em sua dimensão diacrônica, ou seja, numa perspectiva histórica, e também em sua extensão sincrônica, [...] do ponto de vista das estruturas presentes da sociedade e de seu funcionamento (SAYAD, 1998, p.16).

Resumidamente, podemos denominar a migração como a mobilidade humana. Ela surge, principalmente, dos interesses políticos e econômicos de grupos hegemônicos socialmente, que buscam atrair e utilizar a mão-de-obra dos migrantes para realizar seus projetos. Surge, ainda, das aspirações subjetivas dos indivíduos em busca de uma vida melhor, pois, ao perceberem que a antiga vida já não lhes é mais atraente ou suficiente, procuram na mudança de cidade, de estado ou de país, o fim de suas misérias, mazelas ou infelicidades.

[...] de fato, o imigrante só existe na sociedade que assim o denomina a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa seu território; o imigrante 'nasce' nesse dia para a sociedade que assim o designa. Dessa forma, ela se arvora o direito de desconhecer tudo o que antecede esse momento e esse nascimento. Essa é outra versão do etnocentrismo: só se conhece o que se tem interesse em conhecer, entende-se apenas o que se precisa entender, a necessidade cria o conhecimento; só se tem interesse intelectual por um objeto social com a condição de que esse interesse seja levado por outros interesses, com a condição de que encontre interesses de outra espécie (SAYAD, 1998 p. 16).

As migrações internas, no Brasil, passaram, a partir de 1930, a intensificar-se, devido, principalmente, às primeiras restrições e ao controle estabelecido pelo Estado, especialmente a partir de 1929, à imigração estrangeira. Com isso, o movimento da população migrante ficou diretamente relacionado às mudanças tanto sociais como econômicas e políticas da sociedade brasileira.

Sobretudo após 1940, o padrão de desenvolvimento urbano brasileiro cresceu rapidamente com os planos governamentais de desenvolvimento industrial, o que gerou um intenso fluxo migratório, vindo do campo ou de cidades pequenas, para as áreas de maior concentração de indústria, portanto, com maiores oportunidades de trabalho.

Vindos geralmente de cidades de pequeno porte, estagnadas economicamente, com poucas ou quase nenhuma perspectiva de melhores opções de emprego, educação e saúde, os migrantes dirigiam-se, inicialmente,

para os grandes centros urbanos, principalmente para São Paulo e Rio de Janeiro, seduzidos pelo rápido desenvolvimento industrial dessas capitais.

Uberlândia se destacou como uma das cidades que passou a ter um significativo reconhecimento no quadro de desenvolvimentismo nacional, principalmente por sua localização geopolítica privilegiada, tornando-se ponto obrigatório de entrecruzamento das regiões Sul, Nordeste e Centro Oeste brasileiro.

Particularmente, o povo nordestino se destaca como uma das populações que mais deixam sua terra. Por terem sofrido entre as décadas de 1930 e 1950 com as terríveis secas e com o descaso dos governantes, deslocaram-se para regiões brasileiras, especialmente para o Sudeste que se encontrava em pleno desenvolvimento industrial. Partiam em busca de trabalho e melhores condições de vida. Para a historiadora Dalva Maria de Oliveira Silva, “o que leva o migrante a deixar a terra natal, normalmente, é o fato de ela não oferecer perspectivas de vida, tendo em vista as expectativas que cada um constrói ou espera dela.” (1997, p. 38).

Ou seja, a intenção de migrar seria estimulada por determinados fatores de expulsão do local de origem juntamente com fatores de atração das áreas escolhidas como destino dos migrantes. No entanto, não devemos generalizar esse processo apenas com os fatores de “atração” “expulsão”, pois a decisão e motivação individual, subjetiva dos agentes sociais é bastante expressiva. Segundo os autores Lima e Vale (2001),

A cultura migratória faz a intermediação entre as trajetórias estruturadas social e economicamente e o nível da decisão individual de migrar. Mesmo que no processo de decisão esteja envolvida uma forma de alienação, em função da ilusão migratória, deve ficar claro que as migrações não são um processo exclusivamente determinado pelas necessidades estruturais da sociedade e da economia e pelas imposições políticas do Estado. Durante a trajetória que escolheram para trilhar, os migrantes suportam uma série de obstáculos, passando por uma “socialização progressiva” até chegarem ao seu destino. Após esse período, “o emigrante tenderia, no seu destino final, depois de um determinado tempo de residência, a aumentar a sua capacidade de integração no lugar de destino, melhorando o seu nível de educação e ocupação e, conseqüentemente, a sua renda.” (LIMA; VALE, 2001).

A tradição de migrar no Brasil é reforçada por um eficiente sistema que propaga as informações pelos meios de comunicação de massa (rádio, T.V., jornais, sites eletrônicos, etc.). Esses meios de comunicação, juntamente com as “redes de interação social” de migrantes conterrâneos, apresentam como atrativas cidades ou regiões que ofereçam trabalho, escola ou outra vantagem qualquer. Desse modo, sujeitos propensos a migrar se sentem ainda mais motivados a deixar suas cidades de origem em busca de novas oportunidades.

Além dos fatores de expulsão nas regiões de origem, a economia, com suas aceleradas taxas de crescimento e altíssima capacidade de geração de emprego, assim como a sociedade se modernizando, criavam um amplo leque de oportunidades que, se não eram plenamente acessíveis a todos os migrantes, devido à seletividade, eram, de fato, reais e possibilitavam o êxito de alguns. Essa realidade, por certo, reforçava o migrante a se estabelecer e firmar-se na terra nova. (LIMA; VALE, 2001).

A história da ocupação de grande parte do território brasileiro está repleta do papel dos migrantes, especialmente nordestinos, tidos como “reserva” de mão-de-obra por circularem pelo País, conforme a oferta de trabalho e outras oportunidades. Apesar dessa interpretação vinculada estritamente aos fatores econômicos, consideramos necessário investigar tanto os projetos acionados no processo de modernização da cidade quanto os discursos construídos, no âmbito oficial, sobre Uberlândia.

1.2 Os projetos de progresso e modernização da cidade de Uberlândia

Os grupos dominantes procuraram, no seu dia-a-dia, criar projetos concretos que vislumbrassem o progresso e a modernização da cidade, moldando-a no num modelo utópico de cidade “ideal” para se viver. Segundo a historiadora Maria Clara Tomaz Machado,

A modernidade é parte constitutiva desse pressuposto e significa, em termos amplos, estar aberta a todas as conquistas tecnológicas que pudessem trazer benefícios à sociedade. Aplicada à sua história cotidiana, pode ser traduzida por medidas concretas que vão desde a luta política por condições que favoreçam o seu desenvolvimento econômico até o planejamento e disciplinarização do seu espaço urbano, aliando o gosto estético à ordem (MACHADO, 1990, p. 17).

Sobre os projetos efetivados pela elite dominante, Machado (1990) nos apresenta como relevantes: as lutas por aberturas de estradas, objetivando a inclusão de Uberlândia no mercado nacional; o desvio da Companhia da Estrada de Ferro de Uberaba para Uberlândia; a luta para ser essa cidade; sede de galpões de armazenamento, distribuição e importação de grãos produzidos na região; a criação da Companhia Mineira de Auto-Viação, ligando por meio de uma malha rodoviária, as cidades da região e Goiás; a instalação de grandes fábricas como Souza Cruz, Daiwa, Coca-cola, formando o Distrito Industrial; a construção da Universidade Federal; a instalação da sede do 36º Batalhão de Infantaria Motorizada; a implantação da radiodifusão e da telecomunicação que integrou Uberlândia à região e ao sistema Globo de televisão e, ainda, a criação de projetos utilizados para a disciplinarização do espaço urbano.

Com base na crença de que Uberlândia tinha um destino a cumprir, o discurso que foi de início forjado, foi-se materializando e compondo um cenário com realizações promissoras. Para isso, foram viabilizadas, com ajuda da elite local, projetos que facilitassem o acesso ao município para que ela se pudesse integrar à região.

Com esse intuito, foi inaugurada em dezembro de 1895, a Estação Ferroviária da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro, que participou efetivamente do ingresso de Uberlândia, na época ainda denominada “Uberabinha⁵”, no ideário de cidade moderna. A ferrovia trouxe um novo impulso para o crescimento da cidade e proporcionou, dentre outras melhorias, facilidade e rapidez na circulação de mercadorias.

⁵ A partir de 1929, pela Lei Estadual nº. 1126, de 19/10/1929, São Pedro do Uberabinha passou a chamar-se Uberlândia. Assim, independente do ano citado, tomaremos a liberdade de sempre que nos referirmos a essa cidade, neste trabalho, será como *Uberlândia*.

A construção da ponte Afonso Pena sobre o Rio Paranaíba, em 1909, teve igual importância nesse desenvolvimento, pois garantiu o acesso entre a cidade de Uberlândia com o estado de Goiás, possibilitou a extensão do mercado consumidor e as transações comerciais e efetivou o escoamento das mercadorias produzidas para além das fronteiras municipais.

Também a criação, por iniciativa privada, da Companhia Mineira de Auto-Viação Intermunicipal no município de Uberlândia, a partir de 1912, foi de grande importância para os projetos políticos de desenvolvimento da cidade, porque abriu estradas rodoviárias que ligavam Uberlândia a outras cidades próximas e facilitou a migração para a cidade. Essa Companhia, segundo Machado (1990), foi um empreendimento de lucro, porque explorava, além do transporte, a cobrança de pedágio.

Sendo assim, podemos afirmar que Uberlândia teve não somente um, mas vários fatores que possibilitaram denominá-la uma “cidade rumo ao progresso. De acordo com a pesquisa de Dantas,

A chegada dos trilhos da ferrovia Mogiana, a ponte Afonso Pena sobre o rio Paranaíba, ligando a região à província de Goiás, a energia elétrica, a fixação de forasteiros, notadamente os comerciantes que, dotados de iniciativa, apostaram na nascente cidade proporcionando melhoramentos; que, sistematizados e aperfeiçoados pelos administradores constituem causas explicativas, e, juntamente à demonstração das finanças municipais, atendimento educacional, órgãos de imprensa, vias de transporte, indicadores do comércio, lavoura e pecuária, indicam porquê a cidade estava caminhando em direção ao progresso. (DANTAS, 2001 p.86).

Principalmente após as inaugurações da Estação Mogiana, da Companhia de Auto Viação Intermunicipal e da Ponte Afonso Pena, Uberlândia passou a firmar-se como entreposto comercial na região. Na visão de Lopes (2002), a

[...] conseqüente abertura de estradas interligando a cidade aos estados de Goiás, Mato Grosso, São Paulo e Rio [...] foram fatores que contribuíram para que Uberabinha se transformasse em um entreposto comercial de referência na região (LOPES, 2002, p.81).

A autora ainda afirma que

O desenvolvimento de Uberlândia somente foi possível tendo em vista o tripé ferrovia – rodovia – ponte, o que determinou uma nova geografia econômica e espacial do município na região, estabelecendo as prerrogativas para que aqui se instalasse outros futuros projetos de interligação, em um movimento contínuo de construção e afirmação de um ponto privilegiado. Não fossem essas condições práticas que possibilitaram o desempenho comercial de Uberlândia, ela poderia ter “perdido o bonde da história” assim como aconteceu com Sacramento, Conquista, Araguari, dentre outras (LOPES, 2002 p. 61-62).

Para estar à altura do ideal de “Cidade Jardim”, a construção das estradas tornou-se interesse dos políticos e empresários influentes; para isso, dedicaram-se para que obras “certas” fossem realizadas na cidade. Procuravam ser favorecidos com o

[...] intercâmbio comercial e financeiro com a região. [...] Esses caminhos estavam sendo deliberadamente traçados, compondo uma teia na qual a cidade de Uberlândia permaneceria como centro polarizador das atividades comerciais da região. (LOPES, 2002, p. 64).

Acreditamos que a construção da Capital Federal tenha sido outro fator significativo para que Uberlândia chegasse a ser considerada um importante pólo comercial. Após sua construção no Centro Oeste, Uberlândia estaria estrategicamente localizada entre o centro do Governo Federal, Brasília, e o centro industrial brasileiro, Rio e São Paulo. Segundo Lopes (2002, p. 56), Uberlândia “passa a ser a partir de 1961, com a construção de Brasília, “ponto obrigatório” de passagem para passageiros e mercadorias que cruzavam do sul, norte e nordeste com o centro-oeste do país.”

Dentre os projetos de modernização da cidade, a Educação Superior tem um lugar de destaque, pois uma cidade que tem por destino o desenvolvimento constante necessita de profissionais qualificados para assumir determinados cargos e funções, no sentido de manter com “competência”, o bom funcionamento da cidade. De acordo com Soares (1995),

[...] outro projeto político foi, inicialmente, pensado pela elite uberlandense no início dos anos 50, quando é lançada na imprensa local uma campanha em favor da instalação de uma faculdade de Medicina, em Uberlândia (SOARES, 1995, p. 161).

O Hospital de Clínicas da Universidade Federal de Uberlândia foi inicialmente construído como unidade de ensino para o ciclo profissionalizante do curso de Medicina da extinta Escola de Medicina e Cirurgia de Uberlândia, em 1970 e tornou-se uma Universidade Federal em 1978. Hospital público de referência para média e alta complexidade, atende, em média, a população de 86 municípios do entorno de Uberlândia e, com isso, atrai um grande número de profissionais da saúde, pacientes e parentes para a cidade.

Ou seja, a partir da criação da Universidade Federal de Uberlândia, em 1978, houve um significativo aumento de professores, técnicos administrativos, alunos e parentes, que passaram a residir em Uberlândia, por estarem de alguma forma ligada a essa instituição de Ensino Superior, o que fez com que o número de migrantes nesta cidade aumentasse a cada semestre. Segundo Soares (1995 p. 244-5), “Diversas vezes, esses estudantes acabam se fixando em Uberlândia, trazendo suas famílias, uma vez que encontram oportunidades de trabalho.”

A mesma autora relata que a imprensa foi uma das idealizadoras da campanha pró-instalação da Faculdade de Medicina, pois recorria ao ideário ufanista dos habitantes da própria cidade.

Uberlândia está empenhada em mais um movimento de envergadura, desses que só mesmo essa cidade é capaz, quando deseja dar um passo em direção ao seu maior engrandecimento. Queremos ter uma Faculdade de Medicina em 1967. O queremos compreende-se, equivale dizer que teremos, pois com justificado ufanismo, temos presenciado conquistas de Uberlândia capazes de assombrar.⁶

⁶ **Jornal Correio de Uberlândia**, 05 de ago. 1966 *apud* SOARES, 1995, p. 163.

Observamos semelhante reflexão sobre a Educação na década de 1950 nos estudos de Nunes. Em sua dissertação⁷, ele ressalta a importância da Educação nesse período, pois em grande medida era mais um motivo de migração para Uberlândia. Para ele, o significativo crescimento econômico de Uberlândia, principalmente a partir do final dos anos 1950, colocou-a na condição de terceira cidade mais industrializada de Minas Gerais.

A ampliação da rede escolar uberlandense de

[...] primeiro e segundo graus, a instalação de escolas profissionalizantes e a criação das escolas de nível superior contribuíram decisivamente para o seu rápido crescimento populacional, atraindo migrantes de diversas regiões (NUNES, 1993, p. 07).

Além de todos esses projetos políticos que foram efetivados, para confirmar o discurso de cidade "predestinada ao desenvolvimento", temos ainda em Uberlândia, algumas características naturais tidas como indispensáveis ao desenvolvimento da cidade: "bom reservatório de água, clima ameno, solo ubérri-mo, topografia plana." (DANTAS, 2001, p. 54).

1.3 Imagens e representações de Uberlândia: alguns estudos

Nesse ideário ufanista, a imagem de Uberlândia era geralmente apresentada como uma cidade "fascinante", juntamente com o desenvolvimento econômico, populacional e o seu modo progressista que a destacava das demais cidades da região. Sendo assim, a partir da leitura dessa literatura especializada⁸ sobre a história de Uberlândia objetivamos encontrar vestígios que fizeram dela uma cidade tão atrativa aos olhos do migrante, sejam esses motivos forjados ou não, pois

Desde os primeiros anos de sua emancipação político-administrativa, em 1888, Uberlândia arvora-se destinada ao

⁷NUNES, Leandro José. **Cidade e Imagens: progresso, trabalho e quebra-quebras – Uberlândia – 1950 1960**. Dissertação (Mestrado em História) PUC, São Paulo, 1993.

⁸ALEM, 1991; DANTAS, 2001; LOPES, 2002; MACHADO, 1990; NUNES, 1993; SOARES, 1995.

progresso. E a fim de concretizar tal ideal, foi forjado, na primeira metade do século XX, um discurso que buscou imprimir à cidade uma imagem de ordem e progresso, civilidade e modernidade. (DANTAS, 2001 p. 4).

O sociólogo João Marcos Alem ressalta merecer atenção sobre a história de Uberlândia o constante registro eloqüente da capacidade de iniciativa da classe dominante local, com intenção de forjar um destino especial para a cidade, numa busca inquietante pelo desenvolvimento.

Produzida por segmentos de intelectuais muito próximos do poder, a memória histórica dominante se repete, sistematicamente, por meio de categorias fetichizadas como trabalho, progresso, comunidade, cidade, futuro e outras, independente da diversidade ideológica que possam ter os produtores da memória local. De um ângulo sociológico, as fontes históricas e seus interpretes são quase sempre os mesmos, permanecendo caladas diversas memórias coletivas e individuais importantes. [...] os diversos grupos imigrantes que foram aportando à cidade ao longo de sua história teriam apenas se incluído em uma experiência social predestinada, concebida como triunfo desde a fundação da cidade e, por isso, irrecorrível, obrigatoriamente aceitável por todos. [...] Enfim, dentre uma multiplicidade de discursos efetivamente existentes, há um discurso histórico e cultural nativo, elaborado pelas elites, que pretende fixar as categorias históricas locais, ao mesmo tempo que absorve e tenta integrar os outros diferentes sujeitos que vão se constituindo na cidade. (ALEM, 1991, p. 80).

O discurso oficial, que alega ser a cidade e a população uberlandense ordeira, laboriosa, limpa, sempre no rumo do progresso e do desenvolvimento, tendo o trabalho como único meio de geração de riqueza e prosperidade e possuir uma localização geográfica “privilegiada”, vai-se materializado no imaginário tanto da elite como no restante da população, até mesmo no imaginário dos “forasteiros” que aqui chegam.

O progresso de Uberlândia pode ser atribuído a alguns fatores: o espírito guerreiro de sua gente que acaba por contagiar o forasteiro; a hospitalidade que facilita a divulgação da imagem da cidade; a higiene manifesta nas residências, nos veículos, geralmente, de cores claras, ruas e praças bem ajardinadas e cuidadas; a construção de estradas para ligação com outras

regiões que, ao mesmo tempo, impulsionou o comércio; o considerável número de escolas formando cidadãos cultos, a excelente posição geográfica. Somados, desencadeiam o progresso. Esses fatores tomam vida ao serem representados, ou seja, à proporção que os indivíduos vão incorporando-os ao seu cotidiano, seja na forma do trabalho, na manutenção da higiene privada e pública, torna-se real. Na verdade, a indicação desses fatores como responsáveis pelo progresso local, se ampara no discurso oficial que foi incorporado pelo imaginário social e tornando-se comum nas falas dos indivíduos. (DANTAS, 2003, p. 147).

O grupo que dominava tanto a política como a economia da cidade, formado por uma elite restrita desde seu surgimento no final do século XIX, construiu um discurso que visava a privilegiar não só o progresso da cidade, mas também, o caráter ordeiro de sua população, numa busca ávida pelo desenvolvimento do município.

Segundo Alem (1991, p. 81), outra forma de constatar esses pressupostos das práticas e dos discursos políticos forjados pela elite dominante é encontrada “especialmente nos livros do Co Pedro Pezzuti e do Professor Tito Teixeira, não somente pelo que representam de elementos explícitos, mas pelo que têm de implícito e se mostram transparentes no momento presente”. De acordo com Bosi (2005), o livro *Município de Uberabinha: História, administração Finanças e Economia*, escrito em 1922 pelo Cônego Pedro Pezzuti, cuja feitura foi uma obra encomendada pelos vereadores de Uberabinha, deveria tornar-se, na visão dos políticos daquela época, uma referência fundamental para a História da cidade.

A vetusta Matriz, limpa e bem conservada embora, fica sempre uma constucção obsoleta, de pesada architectura colonial, e a Capella do Rosário não passa de acanhada e desguarnecida ermida sertaneja. São senões da moderna Uberabinha que, temos fé, quanto antes serão sanados. [...] A par do progresso material o progresso intelectual de Uberabinha se há grandemente acentuado nesse ultimo deccenio. [...] Uberabinha é hoje uma cidade de bastante conforto, quer na habitação, quer na locomoção, quer na convivência social. Suas casas em sua grande parte de estylo moderno, arejadas, limpas, graciosas, impressionam favoravelmente os visitantes e proporcionam todo conforto aos inquilinos. A população de Uberabinha, franca, leal, morigerada e hospitaleira, intelligente

e activa, enveredou desassombradamente pela senda luminosa do progresso e tudo faz crer que a passos largos continuará a ir avante, sem vacilações e sem desfalecimentos. [...] Data d'ahi o progresso ascensível de Uberabinha, que viu succesivamente augmentada a sua população pela immigração de elementos forasteiros, interessados nos intercâmbios, e muitos deles portanto, de melhoramentos locais e regionaes. (PEZZUTI, 1922, p. 28-30).

Esses projetos de torná-la uma cidade “Maravilhosa” promovida principalmente pelos políticos e empresários, com ajuda da imprensa local, atraíram um número significativo de migrantes, trabalhadores ou investidores, aumentou a arrecadação de impostos para Uberlândia e permitiu concretizar o ideário burguês de desenvolvimento da cidade. Para perpetuar esse “progresso” urbano, algumas estratégias foram adotadas no cotidiano de Uberlândia, como, por exemplo, a constante interferência da elite uberlandense em diversos momentos de sua História, nos projetos políticos, econômicos e até culturais locais. Esses projetos, que sofriam interferência da classe dominante, visavam a, de alguma forma, beneficiar e destacar Uberlândia perante o cenário nacional.

Em favor dos trilhos da Companhia Mogiana que, em seus planos de expansão, chegariam até Uberaba, e de lá, seguiriam para Estrela do Sul e Catalão, interligando a produção da região a São Paulo e Goiás. Por interferência do Coronel Carneiro, representante das classes dominantes desta cidade junto às forças políticas nacionais, o trajeto da Companhia de Estrada de Ferro foi desviado para Uberabinha, sendo inaugurada a Estação Ferroviária em 1896. Dessa forma, a região se interligou definitivamente ao mercado industrial e comercial importador de São Paulo, sendo Uberabinha, a partir de então, o ponto mais extremo a oeste dos portos de Santos e Rio de Janeiro servido pela estrada de ferro. (MACHADO, 1990, p.42).

Pelo uso de influências diante do panorama político tanto estadual como nacional, negociavam e convenciam com o argumento de ser Uberlândia ponto estratégico de entreposto entre as regiões do Brasil visando a receber “melhorias” para a cidade, por meio de verbas para construção de obras

públicas, instalação de fábricas ou qualquer outro fator que servisse para acentuar o desenvolvimento do município. Ou seja,

O progresso material de Uberlândia foi possível não só pela intensificação do processo de urbanização brasileiro [...], mas também, pela capacidade da classe dominante em articular e por em prática todo um discurso político do progresso e da ordem (MACHADO, 1990, p. 3-4).

A imprensa, com toda sua facilidade em disseminar e alcançar grande número de leitores, foi fator determinante para “convencer” e reforçar a necessidade de se construírem obras que concretizassem o desenvolvimento de Uberlândia, já que as condições sociais, espaciais e econômicas a colocavam como uma das principais cidades do Triângulo Mineiro.

O nosso Prefeito, também quer fazer a propaganda do nosso município, procurando torná-lo conhecido em todo o Brasil e até mesmo fóra de suas fronteiras. É assim que está promovendo a confecção de sugestivas lithogravuras, em miniatura, focalizando os pontos pittorescos da cidade, as suas ruas e praças, os seus jardins arborizados, enfim tudo o que Uberlândia possui que mereça ser apreciado.⁹

As estatísticas sobre a situação do município eram regularmente divulgadas pela imprensa, sempre em destaque, para confirmar que o progresso se efetivava; servia, ainda, para reafirmar as expectativas para um futuro próximo.

Ao pesquisarmos a imprensa local, especificamente o *Jornal Correio de Uberlândia*, observamos que, ainda nos dias atuais, existem resquícios deste ideário ufanista sobre a cidade de Uberlândia, ou seja, ainda permanece no imaginário de grande parte de seus habitantes, a idéia de que ela é uma cidade que ainda “seduz” seus visitantes e “encanta” seus moradores. Como exemplo, podemos citar o artigo escrito em comemoração aos 120 anos de Uberlândia pela jornalista Analú Guimarães no dia 31 de agosto de 2008 no *Jornal Correio de Uberlândia*:

⁹ Jornal **A TRIBUNA**. 05 Ago. 1934 *apud* DANTAS, 2001 p. 129.

Uberlândia, terra gentil que seduz. Assim começa o hino de Uberlândia, escrito por Moacir Lopes de Carvalho e Remi França. E é assim que verdadeiramente acontece nesta cidade que seduz seus visitantes e encanta seus moradores. Pode parecer em alguns casos até um pouco prepotente a parte que diz “tua marcha é triunfal”. Mas para quem conhece essa cidade, localizada em Minas Gerais, no Triângulo Mineiro, sabe que ela se destaca por seu forte desenvolvimento econômico, mas sem perder a ingenuidade de suas raízes e a brejeira hospitalidade e cordialidade característica do interior de nosso país. (GUIMARAES, 2008).

A trajetória de crescimento econômico e populacional permanece no discurso dos que, auxiliados pelos meios de comunicação de massa, conseguem atingir não só os uberlandenses mais também os “forasteiros”.

Segundo o historiador José Leandro Nunes, nas imagens produzidas pelos meios de comunicação,

[...] Uberlândia é apresentada como a parte do Brasil que deu certo. [...] “A idade do ouro” do desenvolvimento teria então se tornado quase continua, desde a fundação da cidade, projetando uma expectativa de futuro sempre superior ao presente (NUNES, 1993 p.07).

A justificativa de vermos Uberlândia ser corriqueiramente declarada fadada ao desenvolvimento deve-se, também, à sua localização geográfica privilegiada, justamente no entroncamento entre as regiões Sul e Sudeste brasileiro.

A projeção da imagem da cidade fora de seus limites atrai migrantes e a cidade cresce. O progresso veio sobre trilhos e rodas, inicialmente a estrada de ferro – Companhia Mogiana –, em seguida a Companhia Mineira de Auto-Viação Intermunicipal que abrindo estradas possibilitou o intercâmbio com outras cidades, fazendo-a um entreposto comercial. Por fim, a implantação de estradas de rodagem que interligavam o Centro Oeste ao Centro Sul brasileiro, e a construção da nova capital federal, Brasília, que deslocou grande contingente de pessoal e capital passando pela região, beneficiou o comércio e os empreendimentos locais. Aliado ao afã de novas transformações o poder público encomendou ao Departamento Geográfico de Minas Gerais um plano urbanístico, para que, assim, a cidade pudesse manter-se na “senda do progresso”, sem sobressaltos. (DANTAS, 2001 p. 137).

De acordo com Bosi (2005), no livro do Cônego Pedro Pezzuti¹⁰, a elite política agiu a partir do poder público municipal desde pelos menos 1912 e modificou a face de Uberabinha, transformando a rústica e pequena vila numa cidade próspera e rica. Essa imagem foi suficientemente forte para tornar-se a principal explicação sobre a História da cidade e, à medida que sofreu poucos questionamentos, terminou por se converter em mito.

Resta sempre uma crença corroborada pela confiança nos destinos a que é fadada essa cidade nos surtos cada vez mais assinalados do seu commercio e industria no futuro. Servida pela Estrada de Ferro Mogyana, que põe em fácil communicação com os portos de mar e maiores centros commerciaes do paiz, por um lado e base de uma extensa rêde automobilística por outro lado, que aliga com todas as demais cidades do Triangulo e de Goyaz, num raio de cerca de 3.000 kilometros de estradas entre principaes e secundarias, tornou-se essa praça um importante centro de viação. (PEZZUTI, 1922, p 51).

Para Dantas (2001), a imagem dominante e progressista de Uberlândia que é divulgada se deve não a uma, mas a diversas atribuições, forjadas ou “naturais”, que juntas, possibilitaram o desenvolvimento da cidade.

Apoiada na argumentação de uma localização geográfica privilegiada, considerada uma facilidade logística, a cidade impressiona: boa malha rodo-ferroviária e aérea, rede de telecomunicações considerada pioneira no país, excelente capacidade de armazenamento de grãos, e um distrito industrial com empresas de renome nacional que a faz conhecida como centro atacadista. E mais, obras faraônicas marcam sua paisagem edifícios públicos e privados, shopping Center, viadutos, estádio de futebol, clubes de recreação, universidades, agroindústrias, baixas taxas de analfabetismo e mortalidade infantil, ativo comércio e sistema bancário consolidado. (DANTAS, 2001, p. 07)

¹⁰ Município de Uberabinha: História, administração Finanças e Economia. Uberabinha: Oficinas Livraria Kosmos, 1922.

Fica evidente, ainda, que os esforços dos grupos privilegiados como políticos e empresários, para criar no imaginário da grande maioria da população a idéia de que estavam vivendo numa “Cidade Jardim” foi, em certo sentido, eficaz, pois esse discurso ufanista ainda é proferido pela elite da cidade nos dias atuais. Como podemos observar nestes dois artigos recentes em comemoração ao 120º aniversário da cidade de Uberlândia. O primeiro foi escrito pelo empresário e diretor do Dmae (Departamento Municipal de Água e Esgoto), Rubens de Freitas Filho, em 31 de agosto de 2008 no Jornal Correio de Uberlândia.

De cidade pacata a metrópole. Uberlândia é uma cidade que inspira amor e orgulho por tudo que ela representa e nos dá. [...] Tive a felicidade de nascer e crescer em uma cidade que se preocupa com a qualidade de vida das pessoas. Em 2008, Uberlândia completa 120 anos e esta realidade não é diferente. Vivemos numa cidade que deixou de ser pequena, desde a construção de Brasília, mas que ao longo dos anos tentou preservar a qualidade de vida de quem escolhe o seu chão como pátria. [...] Aqui é uma terra de homens de visão, personalidades que elevaram o nome de Uberlândia, que a fizeram despontar como cidade-pólo, numa das regiões mais ricas de Minas Gerais. Este é um motivo de orgulho que ao mesmo tempo nos traz uma grande preocupação. Lembro da minha infância com uma imensa gratidão pela formação ética que recebi dos meus familiares e do ambiente que a cidade me proporcionou. A boa educação me fez enxergar com clareza, planejar e realizar o sonho desejado. Não tenho 120 anos como Uberlândia, mas carrego em mim a felicidade e o orgulho de ter vivido aqui, com qualidade de vida, por 54 anos. (FREITAS FILHO, 2008).

A exaltação da cidade, criada a partir da valorização do trabalho, da disciplina, do desenvolvimento e do sentido de futuro, ao ser compartilhada por diversos setores da população, especialmente os trabalhadores mais humildes, validava os projetos para a cidade que a classe dominante tanto almejava, fazendo com que os mecanismos de controle social ficassem cada vez mais reforçados. Este segundo artigo foi escrito também em comemoração aos 120 anos da cidade de Uberlândia pelo Professor e consultor de estratégia e gestão Hélio Mendes, em 31 de agosto de 2008, Jornal Correio de Uberlândia:

Uberlândia nasceu como um entreposto e graças a essa característica cresceu com qualidade. Hoje é uma cidade que se destaca em várias atividades. Os seus atributos se renovam e aumentam na proporção do seu crescimento, o que faz bem à alma de todos que vivem e dos que adotaram a cidade como sua. Temos, de fato, que nos orgulhar e comemorar. [...] O setor de educação torna-se cada dia mais importante. Estimam-se mais de 40 mil universitários. A cada ano, as faculdades aumentam as suas vagas e oferecem novos cursos. Com esta base de capacitação, a cidade cresce com segurança. É a atividade empresarial aliada ao conhecimento. O resultado é mão de obra qualificada e melhores salários e oportunidades. [...] Este espírito empreendedor é contagiante e faz bem para a cidade e para o País. [...] Esta é a Uberlândia que todos conhecem. [...] Temos o que comemorar neste dia 31 de agosto. A cidade nos faz sentir também como vencedores, porque cada um dos seus moradores e visitantes participou da construção desta cidade. Temos que abrir o coração e sorrir. Esta cidade é local de vencedores. Sempre tivemos neste dia o nosso momento olímpico (MENDES, 2008).

1.4 A propaganda de Uberlândia chega a todo canto

A idéia de ser Uberlândia uma cidade limpa, com belas praças, repleta de jardins bem cuidados, água em abundância, clima ameno, sem mendigos nas ruas, local que dá oportunidade para os “forasteiros” que queiram trabalhar ou investir seu capital, cidade ordeira, onde “todos” que aqui chegam teriam chance de prosperar e vencer na vida, atingiu várias regiões do Brasil, inclusive o Nordeste por meio de diferentes mídias, oficiais ou não.

Wilton da Silva Oliveira, ex-morador da cidade Barra do Corda, no Maranhão narra sobre a sua decisão:

Eu, quando era menino, dez anos, tinha um pessoal que viajava pra todo o Brasil, falavam daqui do Sul que as Minas Gerais era muito bonito, muito rico [...]. O que me motivou pra eu vir pra cá foi, quando minha mãe faleceu, eu fiquei lá (Barra do Corda, Maranhão) praticamente só, porque eu morava com ela, eu era solteiro. Eu já tinha seis irmãos que moravam aqui (Uberlândia, Minas Gerais), aí eu vim pra trabalhar com eles. Meus irmão falavam muito bem dessa cidade, aí eu resolvi, pronto, não vou lá ficar sozinho. Aí eu vim pra cá, direto pra Uberlândia, como meus irmãos já moravam aqui, sempre

quando iam lá (Maranhão), eles contavam como era aqui, levavam fotos, filmagens, aí, quando eu cheguei aqui não me espantei¹¹.

Podemos notar que essa propaganda ufanista, enaltecadora da cidade de Uberlândia chegava até os nordestinos por diferentes meios. A propaganda anunciada nos noticiários do rádio, manchetes de jornais e revistas, livros publicados pelos memorialistas e o mais comum, por indicações de amigos ou parentes que já viviam ou ouvia falar das vantagens desta cidade, instigou a maioria dos retirantes nordestinos a tentar uma vida melhor em outra região do Brasil.

O Sul torna-se, principalmente a partir da década de quarenta, a miragem de uma vida melhor para estes homens pobres, já que o processo de decadência da economia nordestina só se acentuava, ao mesmo tempo que persistiam as relações tradicionais de poder aí imperantes. A melhoria dos transportes e dos meios de comunicação, como: correios, jornais de circulação nacional e, principalmente, a presença do rádio como o grande veículo de comunicação de massas desde a década de trinta, torna as notícias das oportunidades no Sul, constantemente propagandeadas por governos e instituições interessadas na atração desta mão-de-obra, um estímulo crescente para a migração. (ALBUQUERQUE JR., 1999, p. 152).

Forjada com ajuda do discurso da classe dominante uberlandense, e apoiada pela imprensa e projetos políticos locais que criaram estratégias tanto para desenvolver a cidade economicamente como para discipliná-la, a propaganda em nome da “ordem” e do “progresso” foi um importante meio de captação de migrantes não só do Nordeste, (população escolhida neste trabalho) mas também de diversas regiões do Brasil.

Na maioria das vezes, a associação entre a falta de perspectiva de melhora de vida na terra natal e a propaganda, era a responsável pela tomada de decisão do caboclo. Outras vezes, na esperança de fazer fortuna, vendiam tudo que possuíam e partiam atrás desse sonho. (SILVA, 1997, p. 53).

¹¹ Entrevista concedida por Wilton da Silva Oliveira, em 22 de maio de 2008.

Nesse sentido, os estudos apontam que a propaganda criada sobre o prisma de “Cidade Jardim” contribuiu para que diversos nordestinos escolhessem a cidade de Uberlândia como sua nova moradia.

A imprensa local em geral, representando a classe dominante, produziu na primeira metade do século XX publicações que direta ou indiretamente, contribuíram para a consolidação do imaginário ufanista de Uberlândia, pois absorvia o discurso do progresso se posicionando cotidianamente, frente aos leitores. Voltada para a veiculação dos problemas e perspectivas locais, a imprensa – aí incluídas as revistas e as emissoras de rádio – deu forma a um discurso de exaltação da cidade, elaborando-o a partir das noções de modernidade, progresso, ordem e de um hipotético caráter do uberlandense, que se expressaria na capacidade de lutar unido ao adversário político, ideológico ou de classe, pelo desenvolvimento da cidade. (NUNES, 1993, p.15).

O ufanismo utilizado na edificação da memória tanto dos uberlandenses como dos “uberlandinos”¹², a respeito da cidade e dos próprios habitantes foi e continua sendo parte importante do controle para se ter e manter a “ordem” nesta cidade. Assim, de acordo com Nunes, “os jornais e revistas, o rádio e, posteriormente, a televisão, foram os veículos por excelência da construção e transmissão de uma imagem ufanista da cidade.” (NUNES, 1993, p. 35).

O ideário de progresso presente nos meios de comunicação alcança toda a população, alguns com maior outros com menor vigor. Com o pretexto de defender os interesses da sociedade.

Sendo assim, os migrantes, não só do Nordeste mais também de outras regiões do Brasil, são atraídos pela propaganda utópica de Uberlândia, a “Cidade Jardim”. Esse adjetivo, segundo Dantas (2001), foi o que mais ficou marcado no imaginário da população, mas essa não foi a única denominação construída com o propósito de enaltecer a cidade. Outros nomes foram sugeridos como: *Princesa do Triângulo*, *Terra da Promissão*, *Canaan*, *Capital do Triângulo*, *Atenas Mineira*, *Morada da Alegria*, *Bizâncio*.

¹² *Uberlandino* foi o termo criado pelo jornalista Luiz Fernando Quirino na década de 1970, utilizado pra denominar as pessoas que não nasceram em Uberlândia mas se encontram radicados nessa cidade.

Soares (1995) informa ainda outras denominações dedicadas à Uberlândia, criadas principalmente para perpetuar as idéias conservadoras da classe dominante uberlandense: *Nova York do Centro Oeste, Metrópole Regional, Cidade-pólo, Portal do Cerrado*.

Quando esses adjetivos chegavam ao conhecimento de pessoas em lugares longínquos, seja por meio das manchetes de jornais, de programas de rádio ou pelos trabalhos dos memorialistas, de cronistas ou por fotografias e cartas de parentes e amigos, contribuíam para mobilizar moradores de outras regiões – sobretudo do Nordeste, que muitas vezes conviviam com a escassez de água e uma economia estagnada – num primeiro momento, a uma idealização da cidade de Uberlândia como a cidade “dos sonhos” e, depois, no planejamento efetivo da mudança.

Uma das entrevistadas, Fátima, narra as dificuldades que enfrentava no Nordeste por causa da seca, onde a própria alimentação básica podia ser às vezes, escassa. A abundância de água em Uberlândia foi, para ela, um importante fator de decisão no momento de escolher essa cidade para morar.

O que me chamou atenção em ficar aqui (Uberlândia) foi, naquela época, as praças eram lavadas com carro pipa, e eu vinha do Nordeste, onde a gente controlava água, lavava tudo com latinha, eu falei, olha, é pra cá que eu venho.¹³

Acreditamos que sua localização geograficamente privilegiada, o processo de urbanização, a propaganda ufanista, juntamente com os projetos políticos e econômicos desenvolvidos a partir da década de 1950 em Uberlândia, foram os maiores responsáveis pelo grande número de migrantes que buscaram e ainda buscam nesta cidade suprir suas expectativas de terem melhores condições de vida. Esses fatores possibilitaram concretizar o ideário da elite uberlandense que consistia, e ainda consiste, em transformá-la na cidade mais promissora da região.

¹³ Entrevista concedida por Fátima em 01 jun. 2008.

1.5 Cidade moderna, mas não para todos: disciplinarização do espaço urbano

Para Nunes, a intensa migração ocorrida foi responsável pelo crescimento exacerbado da população da cidade a partir dos anos 1940, quando “todo mundo parece que deseja fixar nesta cidade”, onde as possibilidades de um futuro garantido são um chamariz sedutor. Entretanto, se o aumento da população devido à migração confirmou o discurso ufanista por um lado, pelo outro, ele contribuiu para acentuar ainda mais as contradições sociais.

Encontra-se nas manchetes dos jornais, durante todo esse período, uma campanha explícita em prol da “moralização de costumes e de denúncias da precariedade do sistema de repressão e fiscalização. [...] a mendicância e a vadiagem, vistas como as verdadeiras manchas negras incrustadas na vida da sociedade local.” (NUNES, 1993, p. 57).

Ainda nos dias atuais, podemos ver políticas relacionadas à disciplinarização do espaço urbano, pelas quais determinados sujeitos sem “qualificação” profissional que migram para essa cidade com esperança de ter melhores condições de vida, são “convidados” a se retirar, pois são vistos, geralmente, como responsáveis pelas mazelas da sociedade uberlandense. De acordo com o repórter Rick Paranhos (2005):

Considerada pólo de desenvolvimento, Uberlândia continua atraindo pessoas de várias partes do País. [...] Motivadas por este crescimento, a maioria dessas pessoas chega a cidade à procura de emprego, mas nem sempre o desejo de ter uma moradia e trabalho digno para o sustento da família é alcançado. Por mês, as assistentes sociais do setor de migração da Prefeitura abordam cerca de 80 pessoas que perambulam pelas ruas sem ter onde passar a noite. Identificados, os migrantes são conduzidos ao Albergue Ramatis, instituição subvencionada pelo Município, que disponibiliza banheiros para higienização, além de alimentação e local de pouso. Outro serviço oferecido pela PMU¹⁴ é a disponibilidade de passagens para aqueles que estão em trânsito e que, por falta de dinheiro, não têm como seguir viagem, ou ainda para quem estava em situação de risco social e que deseja retornar à cidade de origem. Segundo

¹⁴ Prefeitura Municipal de Uberlândia.

informações do Núcleo de Atendimento ao Migrante, instalado no terminal rodoviário do Município, mensalmente são emitidas cerca de 350 passagens para atender à demanda. Os que se arriscam a permanecer na cidade enfrentam dificuldades por não possuírem residência fixa e ainda em função do baixo grau de escolaridade e da falta de qualificação profissional (PARANHOS, 2005).

Sendo assim, o discurso forjado pela elite e adotado pelo restante da população como sendo uma cidade “privilegiada”, “ideal” para se morar, torna-se incoerente com relação à migração. Ao mesmo tempo em que incentivava a vinda de pessoas visando ao crescimento da cidade, à arrecadação de mais impostos, negava o direito de alguns “forasteiros” permanecerem aqui. Atribuía aos migrantes a principal causa do aumento da pobreza, da violência e da mendicância, estabelecendo, assim uma conexão estereotipada entre migrante e criminalidade. Conforme o interesse dos líderes locais, a propaganda era usada para atrair ou repelir os “forasteiros”, os migrantes.

Segundo Machado, (1991) a imagem que foi formada por meio do discurso oficial, possui como pressuposto fundamental da História uberlandense, o lema da “Ordem e Progresso”, de ter sido uma cidade edificada graças ao “trabalho de sua população”, escondendo as demais formas de opressão social intrínseca na maioria das sociedades burguesas. Assim, o progresso aparece forjado sob a imagem de uma sociedade ordeira, laboriosa e passiva que é, aos poucos, moralizada pelo ideário da elite. Nessa sociedade “ordeira” não há espaço para migrantes pobres e sem qualificação profissional.

O número expressivo de migrantes, que busca Uberlândia com esperança de melhores condições de vida, é resultado do acelerado processo de urbanização que essa cidade conhece a partir de 1950 e do seu desempenho com uma das cidades mais promissoras da região. Dessa época em diante, os mecanismos de controle elaborados pela classe dominante aparecem como um aviso claro aos migrantes: “só são tolerados aqueles necessitados que forem de Uberlândia”. a prática de recambiar mendigos para outras cidades é bastante conhecida pelas diversas denúncias feitas pela imprensa local e da região, como também o é, desde 1970, a prática da triagem e encaminhamento dos migrantes aqui aportados. O

controle e a disciplinarização do mendigo no espaço urbano é efetivado ainda como em 1913 (MACHADO, 1991, p. 57).

Assim, deparamo-nos com essa contradição no discurso de empresários e políticos uberlandenses: de um lado a propaganda ufanista que eleva as qualidades desta cidade como sendo um lugar propício para se alcançar a “prosperidade”, que serviu para atrair um grande número de migrantes; e de outro, projetos políticos, cujos propósitos consistem em “disciplinar” o espaço urbano controlando a entrada de migrantes na cidade, e até mesmo “despachando-os”, após uma triagem, para suas cidades de origem.

Machado (1990) aponta entre outros temas, o dilema vivido pelo poder público municipal juntamente com os empresários da cidade durante a década de 1970, segundo o qual os empresários se sentiam, por um lado, empolgados com o rápido desenvolvimento da cidade de Uberlândia, que vivia “um reflexo da política desenvolvimentista a nível federal, efetivada pelo conhecido milagre brasileiro; de outro, assustaram-se com as seqüelas sociais advindas desse desenvolvimento.” (MACHADO, 1990, p. 219).

[...] seja através de medidas policiais, seja pelas leis de ordenação do espaço urbano [...] que, além de intervenções no saneamento e higiene pública, cuidam da moral e das regras que garantem a ordem pública, ou ainda, através de instituições assistenciais ou órgãos especiais do governo que têm por fim afastar a mendicância das ruas, coibir o processo migratório, regulamentar o trabalho, prevenir o desemprego, a ociosidade e a vagabundagem. Ao folhearmos esses discursos que, em um primeiro momento, aparecem, de forma fragmentada e dispersa, em revistas locais, nos jornais, nas atas do poder público, nas atas e ofícios da Associação Comercial e Industrial de Uberlândia (ACIUB), podemos encontrar um fio condutor que alinhava projetos e práticas políticas, recriando o imaginário social a partir do “progresso e da ordem”. Esta é a imagem que transparece no discurso oficial, enfeixando e conformando a vontade social. (MACHADO, 1991, p. 46).

Na imagem fabricada de cidade ideal, não havia espaço para mendigos, ruas sujas sem asfalto, casebres mal conservados, pessoas desocupadas perambulando pelos bares, lixo nos terrenos vagos. Para isso, foi elaborado o

Código de Posturas composto de táticas responsáveis principalmente pela viabilização do progresso a qual objetivava determinar o lugar

[...] de cada um [...] neste espaço social. Higienizar a cidade, ou delimitar lugares não são questões meramente técnicas, são parte de um debate político mais amplo, onde a técnica está a serviço do poder constituído (MACHADO, 1990, p. 55).

A autora nos fala ainda do receio que a classe dominante uberlandense desenvolveu com relação à migração desordenada e suas conseqüência para a sociedade como, por exemplo, o desemprego, a proliferação das favelas, a mendicância, a violência e a miséria em geral. Segundo ela, fica evidente perceber em diversos discursos a situação conflitiva entre progresso e marginalização:

[...] Uberlândia é comprovadamente um pólo comercial, industrial e agropecuário e oferece cada vez mais aspectos de grande metrópole. [...] Isto vem determinando um surto migratório extraordinário de regiões próximas e mesmo de distantes estados, gerando mão-de-obra ociosa, o subemprego, o desemprego, a marginalização coletiva e, sobretudo o cinturão de favelamento descaracterizando a ação dos órgãos de assistência e amparo.¹⁵

A disciplinarização de Uberlândia foi pensada tendo como colaborador de manutenção da “ordem” na cidade a ICASU¹⁶ (Instituição Cristã de Assistência Social de Uberlândia). Essa instituição foi, segundo Machado (1990, p. 116), “uma resposta da classe dominante à necessidade de contrapor, ao espetáculo da mendicância, o espetáculo da vigilância.”

Ao se verem pressionada pelos problemas sociais relacionados à pobreza, surgidos principalmente após a década de 1960 com o crescimento desenfreado da cidade, a classe empresarial se viu coagida a desenvolver e efetivar medidas que continuassem a manter a imagem da “Cidade Jardim”, ou seja, os empresários tentaram manter uma imagem ideal para seus negócios, construída durante vários anos de ordem e progresso.

¹⁵ CÂMARA MUNICIPAL, Uberlândia. Ata da reunião ordinária da Câmara Municipal, realizada em 26 de set. 1977, livro 62, p. 87-8, Arquivo Público Municipal *apud* MACHADO 1990, p. 221.

¹⁶ Instituição Cristã de Assistência Social de Uberlândia, fundada em 27 de nov. 1967.

A ICASU, segundo Machado (1990) foi idealizada pela Associação Comercial e Industrial de Uberlândia (ACIUB), criada principalmente pela necessidade de disciplinar o espaço urbano. Dentre algumas das finalidades elegemos duas que a nosso ver, estão diretamente ligadas aos problemas que envolvem a migração: a eliminação da mendicância e pobreza nas ruas e o agenciamento de pessoas adequadas e necessitadas na colocação de emprego honesto.

A ICASU, um grão de areia que compõe o universo dessa sociedade disciplinar, enquanto instituição assistencial que controla e disciplinariza esse espaço através de um saber e tecnologias próprias, pode ser um desses lugares por onde as relações de poder se exteriorizam. O espetáculo da vigilância, que se impõe desde 1967 no cenário urbano de Uberlândia, com força para suprimir as imagens da pobreza, tornando-a “invisível” no espaço público, é obra da ação despendida pela ICASU desde sua fundação. (MACHADO, 1990, p. 118)

Para que a ICASU conseguisse atingir sua finalidade, que era principalmente, retirar os mendigos e desocupados das ruas de Uberlândia, estabeleceram-se rondas e policiamento em todo o espaço urbano. Esse policiamento era mantido graças a um acordo verbal com a polícia, segundo o qual ela ficaria à disposição para prestar seus serviços à ICASU, atendendo as solicitações dos feirantes, comerciantes e da população em geral, quando esses denunciassem a presença de mendigos nas ruas. Com isso, a ICASU consegue “manter uma forma de controle social em que o espaço urbano disciplinarizado nega a própria existência da pobreza, tornando-a invisível aos olhos da sociedade uberlandense.” (MACHADO, 1990, p. 134).

Entre os anos 1970 e 1980, a ICASU foi a responsável direta por fazer a triagem de migrantes mais carentes que chegavam em Uberlândia, encaminhando os adultos ao SINE¹⁷, com a perspectiva de empregá-los; no entanto, nos casos em que os migrantes não tinham condições, seja por saúde ou idade, de trabalhar, eram “convidados” a voltar para o lugar de origem.

¹⁷ Sistema Nacional de Empregos.

Com relação a essa política de devolução e/ou traslado do migrante para outras cidades, regiões ou estados, é possível perceber um forte cerco a essas famílias que, na maior parte das vezes, por sua indigência, foram obrigadas a procura a instituição na esperança de resolução de seus problemas; na verdade, eram convencidas de que Uberlândia não era o Eldorado que se propagava, de que não existiam as condições de emprego desejadas e de que a melhor solução seria buscar outros caminhos. (MACHADO, 1990, p. 222)

Observamos que, no jogo de interesses, tanto dos políticos como dos empresários de Uberlândia, permanecem na cidade somente aqueles que se encaixam nas ofertas de trabalho capitalista, ou seja, apenas aqueles que estão em idade e disposição para o trabalho, de serem produtivos.

Em seu depoimento Fátima nos fala da ausência de “mendigos” nas ruas de Uberlândia na primeira visita que fez a essa cidade; para ela, esse foi um dos motivos que contribuiu na sua decisão de se mudar para Uberlândia. “[...] eu falei: olha, é pra cá que eu venho (risos). Essa abundância de água, cidade calma, eu não vi também mendigo, morador de rua, pois em Fortaleza tinha muito. Aí eu falei: é aqui que eu vou ficar”.¹⁸

O projeto de se manter o mais longe possível, os “indesejáveis” (pedintes e migrantes sem qualificação profissional) da sociedade “moderna, limpa e ordeira”, está, com o auxílio da ICASU, presente ainda nos projetos políticos atuais de Uberlândia. Na reportagem do Jornal Correio de Uberlândia, de junho de 2008, titulado *Pedintes e migrantes serão prioridades da nova Secretaria* da repórter Margareth Castro, notamos o mesmo discurso de meados do século XX.

Ainda sem os números reais da situação social de Uberlândia, a nova secretária municipal de Desenvolvimento Social, Marilene de Oliveira Quércia, revela que a resolução do problema da migração e dos pedintes, são emergenciais. No entanto, no primeiro momento, todos os esforços estão concentrados na conclusão de um diagnóstico que norteará o trabalho nos próximos quatro anos. [...] Marilene de Oliveira ressalta o problema da migração. De acordo com levantamento feito pela Seção de Apoio aos Migrantes, em 2004 foram emitidas 2.062 passagens e abordadas 178 pessoas. "Temos que retomar e ampliar o serviço da ronda, pois ele nos dá um

¹⁸ Entrevista concedida por Fátima em 01 de jun. de 2008.

diagnóstico da situação", diz Marilene de Oliveira. A secretária afirma que ainda não tem diretrizes para o trabalho, mas confirma a retomada da prática de reencaminhamento dos migrantes que chegam aqui. "Uberlândia é um chamariz, mas temos que mandar de volta as pessoas que vêm para cá ou encaminhá-las para atendimentos na rede pública" [...] Segundo ela, a equipe da Seção de Apoio aos Migrantes é formada por quatro servidores e que este número não é suficiente para o trabalho que deve ser realizado. No caso da ronda, a abordagem das pessoas tem que ser feita com o apoio da polícia, porque muitos são dependentes químicos ou têm doenças infectocontagiosas e se sentem ameaçados com a presença dos assistentes sociais. O último levantamento sobre pedintes na cidade foi feito em 2001, quando foi constatada a existência de 92 pedintes. Marilene de Oliveira diz que o aumento de pessoas nas ruas vivendo de esmolas é notório e que está diretamente relacionado ao problema da migração. "Esta situação requer um tratamento diferenciado, que deve envolver a comunidade", diz a secretária, ressaltando a importância das pessoas não darem esmolas (CASTRO, 2008).

A disparidade presente no discurso, tanto da imprensa local, como dos políticos e empresários em relação à migração na cidade de Uberlândia, reflete-se diretamente nos diferentes depoimentos colhidos dos nordestinos, demonstrando que esse processo não foi homogêneo. As subjetividades e os sentimentos de cada depoente devem ser respeitados, pois cada um traz consigo uma bagagem de conhecimento e de vivências anteriores ao processo de migração. Conforme as circunstâncias, eles poderão, inclusive, assimilar o discurso "ufanista", sobretudo, porque a população pode se sentir "valorizada" por participar da construção da cidade. Também podem envolver-se com discurso da "disciplinarização" do espaço urbano, que estigmatiza, segrega e "despacha" os migrantes sem "qualificação", associando-os a pobreza, a violência ou a vadiagem.

O nordestino, com o seu jeito de ser e de viver, foi recebido pelo mineiro com reserva e uma dose de desconfiança. A incompreensão quanto às diferenças culturais, transformou-as em barreiras erguidas pelo preconceito. Conceitos errôneos eram formulados e disseminados de boca em boca por toda a região, formando opinião sobre o outro, que era mantido à distância. Esses conceitos nortearam, por muito tempo, as relações entre mineiros e nordestinos. (SILVA, 1997, p. 08).

As relações sociais, os estranhamentos, preconceitos e estereótipos entre a população da cidade de Uberlândia e os migrantes nordestinos serão abordados no próximo capítulo.

Nordestino sim, Nordestinado não.

Nunca diga nordestino
 Que Deus lhe deu um destino
 Causador do padecer
 Nunca diga que é o pecado
 Que lhe deixa fracassado
 Sem condições de viver
 Não guarde no pensamento
 Que estamos no sofrimento
 É pagando o que devemos
 A Providência Divina
 Não nos deu a triste sina
 De sofrer o que sofremos
 Deus o autor da criação
 Nos dotou com a razão
 Bem livres de preconceitos
 Mas os ingratos da terra
 Com opressão e com guerra
 Negam os nossos direitos
 Não é Deus quem nos castiga
 Nem é a seca que obriga
 Sofrermos dura sentença
 Não somos nordestinados
 Nós somos injustiçados
 Tratados com indiferença
 Sofremos em nossa vida
 Uma batalha renhida
 Do irmão contra o irmão
 Nós somos injustiçados
 Nordestinos explorados
 Mas nordestinados não
 Há muita gente que chora
 Vagando de estrada afora
 Sem terra, sem lar, sem pão
 Crianças esfarrapadas
 Famintas, escaveiradas
 Morrendo de inanição
 Sofre o neto, o filho e o pai
 Para onde o pobre vai
 Sempre encontra o mesmo mal
 Essa miséria campeia
 Desde a cidade à aldeia
 Do Sertão à capital

Aqueles pobres mendigos
 Vão à procura de abrigos
 Cheios de necessidade
 Nesta miséria tamanha
 Se acabam na terra estranha
 Sofrendo fome e saudade
 Mas não é o Pai Celeste
 Que faz sair do Nordeste
 Legiões de retirantes
 Os grandes martírios seus
 Não é permissão de Deus
 É culpa dos governantes
 Já sabemos muito bem
 De onde nasce e de onde vem
 A raiz do grande mal
 Vem da situação crítica
 Desigualdade política
 Econômica e social
 Somente a fraternidade
 Nos traz a felicidade
 Precisamos dar as mãos
 Para que vaidade e orgulho
 Guerra, questão e barulho
 Dos irmãos contra os irmãos
 Uma vez que o conformismo
 Faz crescer o egoísmo
 E a injustiça aumentar
 Em favor do bem comum
 É dever de cada um
 Pelos direitos lutar
 Por isso vamos lutar
 Nós vamos reivindicar
 O direito e a liberdade
 Procurando em cada irmão
 Justiça, paz e união
 Amor e fraternidade
 Somente o amor é capaz
 E dentro de um país faz
 Um só povo bem unido
 Um povo que gozará
 Porque assim já não há
 Opressor nem oprimido

Patativa do Assaré

CAPÍTULO II

A INVENÇÃO DO NORDESTE E MEMÓRIAS DE MIGRANTES

NORDESTINOS: ESTEREÓTIPOS, PRECONCEITOS E IDENTIDADES

Além das medidas e ações tomadas oficialmente principalmente no âmbito da propaganda, e da construção ufanista como causadoras dos interesses de moradores de outras regiões, tornou-se necessário investigar como esse ideário foi e ainda é recebido pelas pessoas.

Se Uberlândia foi construída também por pessoas que não nasceram na cidade, é interessante verificar: de que forma esses cidadãos “forasteiros” são vistos pela população da cidade? A convivência entre nordestinos e uberlandenses no dia-a-dia é harmoniosa ou conflituosa? Onde e como seriam esses momentos e de que forma esses nordestinos reagem aos conflitos sociais? Os uberlandenses reconhecem alguma parcela de influência dos nordestinos na edificação e funcionamento da cidade, positivamente ou negativamente? De onde surgiram os estereótipos ligados à figura do migrante nordestino?

Os processos migratórios e imigratórios, que já no passado ocasionaram tensões, conflitos e proporcionaram a emergência de preconceitos e visões pejorativos sobre dados grupos humanos e sobre os lugares de onde provinham, parecem ser, hoje, um dos principais motivos da emergência de visões preconceituosas e até mesmo racistas em relação a algumas populações. (ALBUQUERQUE JR., 2007 p. 14).

Para compreender essas questões, procuramos penetrar no cotidiano desses sujeitos, assim como dialogar com autores que fizeram de suas opções de pesquisa, a trajetória desses migrantes que saíram do Nordeste em busca de melhores oportunidades de vida e também com aqueles que pesquisaram os estigmas e estereótipos associados à população nordestina construídos no decorrer dos anos.

2.1 História oral e metodologia de pesquisa

Os depoimentos orais contribuíram enormemente para a realização deste trabalho. Por meio deles, foi possível perceber alguns indícios de como se sentiram e como reagiram frente a comportamentos discriminadores e preconceituosos.

Produzimos documentos orais a partir da transcrição de oito entrevistas realizadas com nordestinos no decorrer da pesquisa. Oito pessoas falaram sobre suas histórias de vida. Elas vieram de diferentes estados do Nordeste¹⁹, e exercem atividades sociais também distintas. São trabalhadores assalariados, diaristas, aposentados, além de profissionais liberais que são consideradas pessoas “bem sucedidas” em Uberlândia como professores universitários e empresários. Todas essas pessoas possuem algo em comum, são nordestinas. E por algum motivo vieram residir na cidade de Uberlândia.

O momento da entrevista, no qual os depoentes narraram e interpretaram suas experiências de vida foi ímpar, pois além de nos possibilitar ouvir aqueles que foram, por muito tempo, excluídos e silenciados pela História oficial, transformou-se, também, em um espaço privilegiado para expressão de suas angústias e de seus anseios.

Nas entrevistas procuramos, dialogar a respeito das barreiras, das resistências e do desenraizamento sofrido por eles ao chegarem ao Triângulo Mineiro. Buscamos perceber se fizeram algo para manter sua identidade de origem, se reconstruíram suas identidades a partir do contato com outras pessoas e costumes, ou se optaram por uma brusca mudança, numa tentativa de um novo enraizamento para serem mais bem aceitos pela sociedade local.

Alertamos que as experiências narradas pelos depoentes estão em constante mudança, sendo apresentadas como experiências tanto individuais como sociais.

A História Oral tem sido usada como metodologia por diversos pesquisadores em diferentes áreas de conhecimento. Os depoentes escolhidos para narrarem suas memórias, suas paixões e seus cotidianos, passam a ser os

¹⁹ São eles: Marta, da Bahia; Fátima do Ceará; Wilton, do Maranhão; Alcides e Maria Ivonete, de Sergipe; Lourdes e Severino, do Estado do Rio Grande do Norte; e Vamberto da Paraíba.

construtores de suas próprias vidas, assim, contribuem para produção da História. “A memória oral é um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano” (BOSI, p.15) Ou seja, é também por meio dos depoimentos que pessoas humildes se tornam sujeitos da História, sujeitos esses que ficaram durante muito tempo, à margem da História Oficial.

Como nos diz Machado, a História Oral “é também uma maneira de dar voz àqueles que, enquanto sujeitos da história, atores sociais de seu tempo, não tiveram acesso às formas de impressão, de marcas, sejam elas quais forem, de suas experiências de vida.” (MACHADO, 1996, p.27).

Ao reconstruirmos as vivências e as memórias do entrevistado, devemos ter sempre cuidado com o comprometimento e a fidelidade para com esses sujeitos, evitando os pré-julgamentos, respeitando cada um, com seus sentimentos, suas perspectivas, os gostos e os costumes de seu tempo, as crenças e as peculiaridades de cada indivíduo.

A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo. O tempo não flui uniformemente, o homem tornou o tempo humano em cada sociedade. Cada classe o vive diferentemente, assim, como cada pessoa. (BOSI, 2004, p. 53).

Entrevistar esses nordestinos, conhecer um pouco de seu cotidiano, freqüentar sua casa, ver de perto os pequenos detalhes de outra cultura diferente daquela com que estamos habituados, ganhar sua confiança a ponto de nos mostrar seus álbuns de família, cartas, receitas culinárias passadas de geração a geração por suas mães, tias e avós, ouvir confidências amorosas ou ilegais, participar de momentos de emoção causado pela nostalgia de relatar o passado, tudo isso é fascinante. “Uma coisa que a história oral pode ver, que todos os arquivos e a história convencional não vêem, é precisamente a vida cotidiana.” (PORTELLI, 2002, p. 34).

Sabemos que pesquisadores, principalmente das ciências humanas, ao optarem por trabalhar com História Oral, deverão tentar manter o controle da situação, analisar criticamente esses depoimentos, mas é quase impossível não se envolver e não se sentir sensibilizado com essas narrativas. Acreditamos que o

importante não é não se envolver emocionalmente, e sim, não deixar que essas emoções interfiram na análise dos fatos como um todo.

Não poderemos, no entanto, assegurar que as narrativas tenham acontecido da forma como nos foram relatadas, com aqueles sujeitos, naqueles locais e datas determinados, pois, assim como todos nós, os depoentes podem confundir suas próprias lembranças com o passar dos anos, misturar fatos do presente com os do passado, recriar acontecimentos e colocar-se num lugar mais “privilegiado” durante a narrativa.

Não temos, pois, a certeza do fato, mas apenas a certeza do texto: o que nossas fontes dizem pode não haver sucedido verdadeiramente, mas está contado de modo verdadeiro. Não dispomos de fatos, mas dispomos de textos; e estes, a seu modo, são também fatos, ou o que é o mesmo: dados de algum modo objetivos, que podem ser analisados e estudados com técnicas e procedimentos em alguma medida controláveis, elaborados por disciplinas precisas como a lingüística, a narrativa ou a teoria da literatura (PORTELLI, 1996, p. 64).

A respeito da “autenticidade” dos fatos narrados pelos depoentes, Bosi se aproxima das idéias de Portelli. Ela nos revela que muitas das lembranças que guardamos na memória não são “originais”, vindas de nossas experiências de vida concreta, e sim, inspiradas por conversas que tivemos com outras pessoas. Com o passar dos anos, agregamos novos acontecimentos alheios, assim, essas lembranças se incorporam em nós como sendo “uma história dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências e embates. Parecem tão nossas que ficaríamos surpresos se nos dissessem o seu ponto exato da entrada em nossa vida.” (BOSI, 1997, p. 331).

O que nos interessa, no entanto, ao trabalhar com os depoimentos, são os modos pelos quais esses migrantes vivenciaram as mudanças a partir do momento em que saíram de sua terra natal, quando tomaram a decisão de tentar uma vida melhor e se lançaram na aventura de buscar outras terras.

Outra metodologia que instrumentalizou a pesquisa foi uma pesquisa de campo realizada utilizando um formulário com questões, que foram respondidas por estudantes sem qualquer identificação.

Para essa investigação, formulamos um questionário (Anexo A) com cinco perguntas, sendo duas questões fechadas e três abertas, entregues a 30 alunos universitários, com idades entre 18 e 53 anos. A escolha dos estudantes foi feita aleatoriamente, no pátio da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia, entre os meses maio e junho de 2008. A única exigência era escolher alunos nascidos em Uberlândia dispostos a responder o questionário.

A primeira pergunta do questionário consiste em saber a idade, cidade onde nasceu, o curso e o sexo do(a) entrevistado(a) e ainda, se ele possui algum contato com nordestino. Formulamos essa primeira questão, para ter noção do grau de aproximação ou de distanciamento do depoente com nordestinos. Perguntamos em qual cidade nasceram, pois nos interessava saber a opinião daqueles nascidos em Uberlândia. O interesse em saber a idade e o curso dos depoentes foi para averiguar em que faixa etária e curso esses encontros são mais freqüentes e quais são mais escassos.

A segunda questão consistia em identificar quais locais sociais esses encontros são mais freqüentes, se na escola, no trabalho, na família ou em outros. A terceira pergunta consistia em saber: “O que geralmente você ouve falar dos nordestinos? Você concorda com a maioria?” Essa pergunta tinha por objetivo identificar a visão que a população uberlandense tem sobre os nordestinos. A quarta pergunta era: “Qual a sua opinião a respeito dos nordestinos que vivem em Uberlândia?” Aqui buscamos identificar os estigmas que geralmente são colocados na figura do nordestino e se há entre os moradores da cidade de Uberlândia preconceito contra esses migrantes. A última pergunta foi: “Na sua opinião, em qual segmento da sociedade a participação dos nordestinos na formação da cidade de Uberlândia seria mais significativa?”. Com essa questão procuramos identificar o reconhecimento ou não do migrante nordestino pela população nativa.

Ao serem abordados, muitos universitários desconversavam, não quiseram responder ao questionário, alegaram pressa ou ocupação. Apesar da resistência por parte da maioria dos alunos abordados, conseguimos que 30 respondessem as questões. A idade, o sexo, o curso que estudam, se possuem contato com nordestinos no cotidiano e onde esses encontros ocorrem geralmente estão dispostos na Tabela 1.

Tabela 1 Levantamento de idade, sexo, curso dos universitários e onde geralmente ocorrem os contatos com nordestinos.

Idade	Sexo	Curso Universitário	Possui contato com migrantes nordestinos em Uberlândia?	Onde geralmente acontecem os contatos com nordestinos?
22	F	Letras	Sim	Vizinhos
29	M	Direito	Sim	No trabalho
20	F	Letras	Raramente	No trabalho
29	M	Computação	Sim	Na escola
19	F	Arquitetura	Raramente	Eventos Sociais
19	M	Letras	Raramente	No dia a dia
21	F	Gestão em R.H.	Sim	Todos os lugares
30	F	Gestão em R. H.	Sim	Amigos
23	F	Letras	Sim	No trabalho
23	F	Engenharia civil	Sim	No trabalho
22	M	História	Raramente	Encontros casuais
24	M	Computação	Sim	Na escola
20	M	Ed. Física	Raramente	Amigos
24	F	Filosofia	Raramente	No trabalho
20	F	Direito	Não	-----
20	F	Filosofia	Não	Na escola
24	F	Direito	Não	-----
28	F	Letras	Raramente	No trabalho
21	F	Ed. Física	Raramente	No trabalho
19	F	Computação	Raramente	Vizinhos
19	F	Direito	Não	-----
33	F	Enfermagem	Sim	Na escola
28	F	Enfermagem	Sim	No trabalho
18	F	Computação	Raramente	Na família
53	F	Sociologia	Sim	Amigos
39	M	Gestão R.H.	Raramente	No trabalho
34	F	Direito	Não	-----
30	F	Letras	Não	No trabalho
36	F	Gestão R.H.	Sim	Na família e trabalho
22	F	Gestão R.H.	Sim	Na escola e trabalho

Nota-se, na Tabela 1, que a maioria dos alunos que aceitaram responder ao questionário foi do sexo feminino. Ou seja, dos trinta alunos abordados, 23 eram do sexo feminino. Observa-se, ainda, maior presença de alunos que cursam Letras e Gestão em Recurso Humanos.

Daqueles que disseram manter algum tipo de contato com nordestinos, a maioria, 40% deles, acontece nos locais de trabalho, 13% disseram manter contato com nordestinos na escola, 10% possuem amigos nordestinos, 6% têm vizinhos e 6% possuem nordestinos na família. Um aluno diz que seu contato com nordestinos acontece em “encontros casuais” e uma aluna diz que se encontra com nordestinos em “eventos sociais”.

Selecionamos para o leitor algumas respostas desses universitários para melhor percebermos a visão que esses estudantes possuem em relação aos migrantes nordestinos.

Deste modo, diante da pergunta “*O que geralmente você ouve falar a respeito dos nordestinos? E desses comentários, o que você concorda e o que você discorda?*”, uma aluna de 22 anos do curso de Gestão de Recursos Humanos respondeu:

Ouçó que tem a cabeça chata, que comem rapadura e tem uma cultura muito forte. Concordo com tudo.

Outra aluna de 19 anos, do Curso de Direito, respondeu:

Que são pessoas miseráveis, de aparência vulgar, e que sempre transmite um ar de vândalos ou mendigos. Não concordo, pois, *concereteza* há um motivo além dessas mesquinhas, p/ que essas pessoas ã tenham uma aparência boa²⁰.

Nessa resposta, além dos erros ortográficos, notamos que a entrevistada diz discordar num primeiro momento da maioria das pessoas que relacionam os nordestinos a algo miserável, mas logo em seguida, ela “justifica” que deve haver algum motivo para que os nordestinos “não tenham uma aparência boa”. Ou seja, apesar de a estudante de Direito identificar o preconceito contra os nordestinos em outras pessoas, ela não se desvencilha do preconceito e nutre o mesmo sentimento em relação a essa população.

Uma aluna do curso de Letras, 30 anos diz:

Já ouvi que as pessoas nordestinas são na maioria pobres e com pouca instrução, resumindo são menos favorecidos e eu concordo com essa opinião.

Uma aluna de Gestão em Recursos Humanos, 36 anos, ouve que os nordestinos:

São matadores, gente ruim. Mas isto não condiz com nenhum que conheço. Esta comparação é relativa à época de Lampião e Maria Bonita.

²⁰ A transcrição das respostas dos universitários foram feitas sem alterações, sem correções ortográficas para manter a “autenticidade” dos depoimentos.

Para finalizar, apresentamos a opinião de mais uma aluna do Curso de Direito, 34 anos, sobre o que geralmente ela ouve falar dos nordestinos:

O que se ouve comentar é que em geral são sujos, aspecto grosseiro e analfabetos. Não concordo em nada pois não faço julgamentos antecipados sem conhecer.

A mesma aluna responde sobre a pergunta nº 5 *“Na sua opinião, em qual segmento da sociedade a participação dos nordestinos na formação da cidade de Uberlândia seria mais significativa?”*

Creio que a participação de qualquer tipo de pessoa, nordestino, asiático, negro é de grande valia para o crescimento e enriquecimento sócio-cultural e até mesmo econômico. Quando controlado e planejado.

Nesse depoimento, chamou-nos a atenção o fato de a aluna colocar o “negro, o asiático e o nordestino” como “tipo de pessoa” que enriquece a sociedade com sua cultura, podendo, auxiliar até mesmo no crescimento “econômico”, mas, desde que isso seja “controlado e planejado”.

Ainda em relação à pergunta nº 5, dez alunos disseram não saber respondê-la. Cinco falaram que os nordestinos contribuíram na construção de Uberlândia por meio de sua cultura. Dois disseram que a contribuição mais importância era a do folclore nordestino. Um referiu-se ao forró como algo bom para a cidade. Três estudantes disseram que, com os migrantes, a cidade ficou mais “ecclética”. Dois alunos consideraram como participação dos nordestinos a sua culinária. Dois entrevistados disseram ser a principal contribuição nordestina sua “alegria contagiante”, e cinco atribuíram a importância deles para a edificação da cidade por suas participações na construção civil. Uma aluna de 18 anos do curso de Ciências da Computação escreveu:

Os nordestinos são sempre os que aceitam o trabalho mais puxado e pesado, então, a participação deles na construção civil de Uberlândia é muito grande.

A profissão mais comum que os universitários relacionaram o nordestino foi com a construção civil, seguido pela culinária, folclore, cultura, forró e a “alegria contagiante”. Não percebemos, no entanto, em nenhuma das respostas, profissões vistas como “intelectuais, executivas, acadêmicas”. Por outro lado, nos questionários, encontramos algumas definições estereotipadas dos nordestinos, como: “possuem a cabeça chata”, “comem rapadura”, têm “aparência vulgar”, transmitem um ar de “vândalos e de mendigos”, que são na maioria “pobres e com pouca instrução”, “matadores, gente ruim”, e que são em geral são “sujos, grosseiros e analfabetos”. Aqui se pode notar que alguns estereótipos ligados, durante décadas, aos nordestinos, ainda persistem.

2.2 A invenção do Nordeste: a interpretação de Albuquerque Júnior

Da mesma forma que encontramos uma forjada construção de Uberlândia como “Cidade Progresso”, construída especialmente por meio dos “esforços” da elite uberlandense, conforme apresentado no primeiro capítulo deste trabalho, encontramos também, nos trabalhos de Albuquerque Júnior, os possíveis motivos pelos quais, durante vários anos, foi arquitetada a idéia de um Nordeste pobre, flagelado, faminto pela seca e afundado num eterno “atraso”. Albuquerque Júnior (1999, p. 311) atribui essa “invenção do Nordeste” à elite nordestina, aos políticos e letrados. “O que afirmamos é que o Nordeste quase sempre não é o Nordeste tal como ele é, mas é o Nordeste tal como foi nordestinizado. Ele é uma maquinaria de produção, mas, principalmente, de repetição de textos e imagens”.

Isso nos fez despertar o interesse em entender por que, ainda nos dias atuais, essa região do Brasil e seus habitantes são imaginados pelo restante dos brasileiros como uma população margeada por uma eterna “miséria” e fadada ao fracasso. Assim como fizemos uma análise do discurso “ufanista uberlandense”, examinaremos também alguns pontos da construção do discurso da “indústria da seca nordestina”.

A designação “Nordeste” para indicar uma região específica do Brasil, com culinária, folclore, costumes e cultura singular, surgiu no início do século XX. Anteriormente a esse período, o País era dividido somente por Norte, que

englobava todos os estados do atual Nordeste e a Amazônia e o Sul, onde se situavam todos os estados abaixo do estado da Bahia. Por isso, em alguns momentos, vemos os nordestinos se autodenominarem “nortistas”, apesar de serem originários de estados do Nordeste. A população mais velha e geralmente mais pobre em relação ao restante do País também chama os nordestinos, ainda nos dias atuais, de “nortistas” em decorrência dessa antiga divisão do Brasil.

Para Albuquerque Júnior (2007, p. 90), a idéia de “Nordeste” e conseqüentemente, de “nordestino” foi produzida pela elite política e letrada dessa região. “O sentimento, as práticas e os discursos regionalistas que iriam dar origem à região que conhecemos, hoje, como Nordeste, emergiram entre as elites ligadas às atividades agrícolas e agrárias tradicionais”

Assim, um dos principais fatores que fez ascender a identidade regional nordestina foi a grande seca de 1877-1879. Essa seca ficou marcada por atingir não só os animais, os escravos e os homens pobres. Ela também atingiu a classe privilegiada que, naquele mesmo período, sofria uma grave crise econômica e política. “Ela, pela primeira vez, atinge com intensidade setores médios dos proprietários de terras, com a falência de alguns, a morte ou necessidade de migração para outros”. (ALBUQUERQUE JR., 2007 p. 92).

O prejuízo desses grandes proprietários de terra em decorrência da grande estiagem coincidiu com o surgimento de uma imprensa mais organizada e capacitada, cuja tarefa consistia em levar o fenômeno da seca ao conhecimento do restante dos brasileiros. Isso fez com que essa seca de 1877-1879 tivesse um tratamento diferenciado em relação a outras passadas.

O impacto causado pela divulgação das primeiras fotografias feitas do que se começa a chamar de flagelados, na imprensa do Sul do País, os discursos inflamados dos representantes do Norte no Parlamento nacional, que também ganham as páginas dos jornais e a publicação de uma obra como *Os retirantes*, de José do Patrocínio, ainda em 1879, primeiro romance escrito sobre o tema, por parte de um respeitado jornalista carioca, que estivera no Norte e pretensamente presenciara as cenas que descreve, cenas fortes, chocantes, tornam a seca um tema central no discurso regionalista do Norte, que se esboça nesse momento. As elites deste espaço descobrem a força da arma que têm nas mãos, como esse fenômeno e o cortejo de misérias que acarretava tornavam esse tema um argumento quase irresistível na hora de se pedir recursos, em nome de socorrer as vítimas do flagelo, obras públicas, em nome de empregá-los em trabalho

regular ou cargos públicos, em nome de organizar e promover a distribuição dos socorros. (ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 92).

A região Nordeste surge, portanto, ligada basicamente ao fenômeno da seca. Assim, a partir desse fenômeno, também seus habitantes passariam ser associados aos estereótipos de flagelado, cangaceiro, retirante. O nordestino, ainda hoje, é vítima de preconceitos por causa desse estigma de “famintos”. A experiência das dificuldades enfrentadas por diversos migrantes é reveladora, mas não deve ser generalizada. A lembrança de Fátima é individual, mas, ao mesmo tempo, suas lembranças estão enformadas por tudo o que, ao longo da sua vida, ouviu sobre a dura vida do nordestino.

[...] Meu pai, ele era um presidiário, porque matar naquele tempo era muito fácil, ele matou e mataram ele também. E no período de meu pai preso, minha mãe me criava com muita dificuldade, então eu passei muita fome, muita mesmo. Ia dormir sem ter o que jantar. Eu tinha uma vizinha que gostava de dar mingau de maisena pra filha na mureta da minha casa. E eu ficava olhando e a menina não queria comer e a mãe insistindo. E eu ali, morrendo de fome. Eu pensava: porque Deus manda comida pra essa menina e não manda pra mim? Já naquela época, com nove anos, meu pai preso, minha mãe lutando, eu pensava: aquela menina tinha tudo de comer e não comia e eu com fome sem ter o que comer. Que Deus é esse?²¹

Todavia, gostaríamos de salientar que a questão da “seca” e da “fome” no Nordeste não é igual ao restante dos migrantes nordestinos entrevistados. Apesar de a mídia e de alguns políticos tentarem generalizar o Nordeste como sendo uma eterna “miséria”, as dificuldades com relação ao clima, à pobreza ou à estiagem variam de estado para estado. De acordo com jornalista historiador Arberx Júnior²² e o geógrafo Olic, a partir de meados do Século XIX, após a proibição do tráfico negreiro, muitos dos fazendeiros de café de São Paulo buscaram a mão-de-obra do migrante nordestino, para suprir a falta do trabalho

²¹ Entrevista concedida por Fátima em 01 jun. 2008

²² Possui Graduação em Jornalismo pela Universidade de São Paulo (1982) e Doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (2000). Atualmente é professor de Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

escravo. Sobrando mão-de-obra nordestina, a tendência do salário pagos a eles era diminuir. É o que se chama “exército industrial de reserva”. Sendo assim, os fatores como a seca e a miséria responsáveis pela expulsão de grande parte de nordestino de sua terra serviram de pretexto para enriquecer muita gente no resto do País.

Ficou claro o interesse econômico na perpetuação do flagelo nordestino por parte dos empresários e da elite do resto do Brasil. Resta outra questão importante, [...] Será que a seca afeta igualmente a todos? É obvio que não! (ARBEX JR.; OLIC, 1999, p. 47).

O discurso da “indústria da seca” é marcado pela prática da corrupção generalizada, causadora de outro estigma: “viverem às custas dos recursos vindos dos cofres públicos e da corrupção, como se este fosse um privilegio de uma determinada região ou elite no país.” (ALBUQUERQUE JR., 2007, p.95).

Durante muitas décadas, tem sido reforçado no imaginário da população brasileira que o nordestino é “atrasado”, pois não tem condições de acompanhar a modernidade das grandes cidades. Isso se deve, principalmente, ao fato de a identidade nordestina ter sido edificada a partir de um movimento conservador e contrário ao capitalismo que se instalava no Brasil. “Grande parte da produção cultural que vai se nomear de nordestina será marcada por uma indisfarçável saudade da sociedade escravista, do Império e da vida rural.” (ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 102).

Esse fato reforça a imagem que foi construída pelas próprias elites nordestinas, durante seus discursos políticos e culturais, de que o Nordeste seria uma região “presa ao passado”, uma região que resistia aos padrões da sociedade moderna.

O movimento regionalista e tradicional nordestino passa a representar uma “reação política das novas gerações das elites tradicionais, que vêem seus horizontes profissionais se reduzir”. A partir do momento em que a produção de açúcar começa a entrar em colapso após o período de concentração da propriedade de terra, causado pela instalação das usinas, diversas famílias tradicionais nordestinas iniciam um processo de empobrecimento e incertezas.

A partir desse momento de crise econômica, o nordestino começa a ser representado perante o cenário político-econômico nacional como ser inferior, menor.

[...] é ter menos oportunidade, é ter menores esperanças, começando a se gestar o complexo de inferioridade que acompanha boa parte da população desta região, acompanhando no mesmo passo a gestão do complexo de superioridade tão presente entre sulistas (ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 103).

Com isso, a única alternativa que parece sobrar para a elite nordestina é “o capital intelectual.” Esse capital intelectual foi formado durante o tempo de “abundância”, no qual os grandes proprietários de terras do Nordeste passaram a investir na educação de seus filhos, a maioria enviada para estudar na Europa. Com a falência de suas famílias, buscam sobressair por meio do domínio que possuem das letras num país cuja maioria ainda era analfabeta. Aqui também surge outra imagem que está insistentemente ligada ao Nordeste: a imagem de que essa região produtora de uma “cultura folclórica”, geralmente ligada ao passado.

Os produtos culturais lembrados e usualmente relacionados à nordestinidade são os produtos artesanais, tradicionais e o seu folclore, porque não conseguiram acompanhar a modernidade e a produção industrial produzida principalmente em São Paulo, no início do século XX. Buscam uma “alternativa”, arquitetada pela elite nordestina, para manter essa região representada perante o cenário nacional. Ou seja, o Nordeste, segundo Albuquerque Júnior foi

[...] desenhado por suas elites como um espaço preso ao passado, reativo às mudanças trazidas pela História, que ameaçavam suas fortunas e seus privilégios, por isso essa região foi pensada, a partir do culto à memória de uma dominação, a das elites agrárias tradicionais.” (ALBUQUERQUE JR., 2007, p.104-105).

2.3 Experiências de migrantes: escolhas, estranhamentos, estereótipos e preconceitos

As experiências da migração são particulares. Cada pessoa produz, por meio da lembrança, uma interpretação sobre o seu passado, que é recomposta em uma narrativa. Os depoimentos de Fátima e de Marta são significativos e falam das situações vivenciadas durante a migração. Tanto Fátima de 54 anos, como Marta, de 32, saíram de regiões do Nordeste, a primeira de Fortaleza, no Ceará, e a segunda de Barreiras, na Bahia. Ambas residiram primeiramente em São Paulo. Fátima por dois anos, e Marta por cinco anos, antes de virem morar na cidade de Uberlândia. Entretanto, a experiência vivida nessa transição de moradias e a visão que elas tiveram das duas cidades (primeiramente São Paulo e depois Uberlândia) e dos seus respectivos habitantes são bastante diferentes.

Fátima nos concedeu um depoimento riquíssimo sobre o estranhamento que o migrante sente ao chegar numa região diferente daquela com a qual ele está acostumado, sobre as dificuldades em se adaptar aos novos costumes e à difícil receptividade com os moradores da “nova” cidade.

“Fugindo” de um casamento que não deu certo e da “fome”, Fátima vai tentar uma vida, “mais humana”. Sai de Fortaleza em 1979 rumo a São Paulo, lá conhece um mineiro e se casam; ao viajar, em 1981, para Ituiutaba, com intenção de conhecer a família do marido, no trajeto, ela visita Uberlândia pela primeira vez e foi, segundo ela, “amor à primeira vista” pela cidade.

Já a baiana Marta, solteira, decide deixar Barreiras, na Bahia em 2003, após a morte de sua mãe. Sendo filha caçula, migra para São Paulo em busca de emprego e passa a morar com um irmão mais velho. Durante cinco anos trabalhou em São Paulo; no entanto, ela diz não ter conseguido sobreviver sozinha com o salário que recebia; em seu depoimento ela culpa essa falta de oportunidade em conseguir um “bom” emprego por não possuir formação. “[...] fiquei cinco anos morando em São Paulo, [...], *pra mim sobreviver* tava muito complicado e eu só tinha o ensino médio e exige mais coisa, faculdade e tudo e eu não tinha nada assim²³”. Nesse ano, 2008, M. decide aceitar o convite de sua irmã e vem morar em Uberlândia. Diferente de Fátima, Marta estranha,

²³ Entrevista concedida por Marta em 04 de out. 2008.

inicialmente, a cidade e se refere a ela como cidade “de interior”, sentindo falta da agitação de São Paulo.

Apresentamos a seguir os depoimentos de Fátima e Marta que falaram sobre as mudanças mais marcantes causadas pela migração, que experiências tiveram a respeito de São Paulo e de seus habitantes e em seguida, da cidade de Uberlândia e o modo como foram recebida pelos uberlandenses.

Desse modo, Fátima relata as transformações ocorridas na sua vida e as experiências mais marcantes quando migrou para a cidade de São Paulo e em seguida, para Uberlândia:

Fui então pra São Paulo, chegando lá eu não acostumava, achava complicado, frio, foi tudo diferente de lá de Fortaleza. Mesmo que a gente morasse num lugar pequeno, lá (Fortaleza) quando saía, a gente via os coqueiros balançando e tinha a sensação de liberdade, aquelas praias..., já em São Paulo fui morar com uma irmã que morava em quarto e cozinha, tudo muito apertado, nossa! Achei horrível, horrível! Me sentia aprisionada ali. Eu sentia a dor de muita gente que foram pra lá e foram morar nas favelas. Horríveis, muito ruim, muito ruim! [...] A Avenida Paulista pra mim, não me seduziu. [...] Conheci um moço na Praça da República que foi gravar um disco em São Paulo e foi tapeado, aí eu chateada e ele também, a gente se atraiu, eu estava desanimada por estar numa cidade estranha e ele também, aí começamos a namorar, casamos e ele me trouxe pra minas pra conhecer a família dele que é de Ituiutaba. Nessa viagem ele me falou de Uberlândia e passamos por aqui²⁴. Uberlândia era uma cidade burguesa, não era o que é hoje. [...] Mas o que me chamou a atenção em ficar aqui foi, naquela época, as praças eram lavadas com carro pipa e eu vinha do Nordeste, onde a gente controlava água, lavava tudo com latinha. Eu falei: Olha, é pra cá que eu venho (risos). Essa abundância de água, cidade calma, eu não vi também mendigo, morador de rua, pois em Fortaleza tinha muito. Aí eu falei: É aqui que eu vou ficar. [...] Olha, foi amor à primeira vista pela cidade de Uberlândia. Aqui quando cheguei em 1981 foi diferente de São Paulo. Enquanto São Paulo, a cidade era fria, aqueles prédios cinzentos, o povo mesmo correndo lá, conseguia me dar bem com eles. Aqui não, aqui em 82 eles não te davam atenção, não te davam mesmo, eram uma pedra de gelo. [...] E as domésticas né, naquele tempo também elas andavam muito bem arrumadas. Empregada doméstica aqui era bem mais arrumada do que eu! (risos). Era aquela História, que eu vi, vi mesmo, das pessoas não ter e querer mostrar o que não tem. Quer dizer, uma aparência daquilo que não é, uma fantasia. Nossa, era muito! E quem tinha na verdade, não fazia conta de ninguém, esses, a gente nem conseguia chegar perto. Quer dizer, os que não

²⁴ Fátima conheceu a cidade de Uberlândia no início da década de 1980.

tinham, fazia tudo para parecer que tinham e os que tinham, se escondiam. Eu achava tudo muito complicado. E eu, ia me deparando com essas coisas, hoje tem, mas era mais.²⁵

No depoimento de Marta, a seguir, poderemos notar como a visão de uma mesma experiência (a migração para São Paulo e depois para Uberlândia) narrado por pessoas diferentes tiveram perspectivas e sentimentos distintos.

Saí de lá (Barreiras, Bahia) em 2003 e fui para São Paulo procurar emprego, fui atrás de emprego lá, mas tava difícil. Não consegui nada lá. [...] Fiquei 4 anos morando em São Paulo morando com meu irmão. Mas já tava querendo mesmo era querendo voltar pra Bahia porque já tava muito cansada. Pra “mim” sobreviver tava muito complicado e eu só tinha o ensino médio e exige mais coisa, faculdade e tudo e eu não tinha nada assim. Aí minha irmã me convidou pra vir morar aqui na casa dela, em Uberlândia. Ela falou: Vem, quem sabe você encontra alguma coisa aqui. A diferença de São Paulo pra cá é totalmente diferente. Nossa! Lá você vê com outros olhos, vê pessoas diferentes, coisas diferentes. Você estranha quando chega em cidade menor. Já tava acostumada com bagunça, com mundão lá. Mais assim, eu amava São Paulo. [...] Mas lá é igual formiguinha né, você vai e volta e ninguém te vê e nem fala com você, é tudo fechado, mais é porque é muito perigoso, lá tem muita gente maldosa. Até a violência lá é demais. Mas eu gostava, assim, todo final de semana um lugar para passear. [...] Aí, quando eu cheguei aqui, eu chorei. [...] Eu vim de São Paulo pra cá, assim, as pessoas da cidade são maravilhosas, as pessoas aqui são humanas mesmo, aqui as pessoas são humanas, nossa! Aqui senti o carinho, acolhimento das pessoas, de todos. Eu nunca conheci as pessoas assim em São Paulo. Lá as pessoas são muito fechadas. Aqui as pessoas perguntam: “Oi, como vai?”. Elas se preocupam mesmo. Aqui, quando eu estava distribuindo currículo, todo mundo me ajudava. Parecia uma família. O ruim é o emprego né, que não paga muito. Outra diferença de São Paulo pra Uberlândia é o clima, nossa! Em São Paulo eu tive muita dificuldade com o frio, na Bahia era muito calor. Pra ir trabalhar lá (São Paulo) eu colocava 3 blusas, toca luva e duas meias. Aqui em Uberlândia achei normal, parece com a Bahia²⁶.

O depoimento de Fátima apresenta relatos de uma migrante que não consegue adaptar-se às mudanças, o que gerou em seu íntimo um sentimento negativo em relação à cidade de São Paulo. Em sua fala, ela expressa a angústia

²⁵ Entrevista concedida por Fátima em 01 de jun. de 2008.

²⁶ Entrevista concedida por Marta em 04 de out. de 2008.

vivida por diversos migrantes que não conseguem se encaixar a um novo ritmo de vida. “Achei horrível, horrível! Me sentia aprisionada ali. Eu sentia a dor de muita gente que foram pra lá e foram morar nas favelas. Horríveis, muito ruim, muito ruim! [...] A Avenida Paulista pra mim, não me seduziu²⁷”.

Já em relação a Uberlândia, diz Fátima ter sentido “amor à primeira vista pela cidade”. O mesmo sentimento não aconteceu em relação aos moradores de Uberlândia, que foram definidos por ela como “uma pedra de gelo”.

Já Marta via a cidade de São Paulo com bons olhos e, ao chegar a Uberlândia, ela sentiu a diferença de ritmo das duas cidades. “Você estranha quando chega em cidade menor. Já tava acostumada com bagunça, com mundão lá. Mais assim, eu amava São Paulo. Aí, quando eu cheguei aqui, eu chorei”.

Diferentemente de Fátima, Marta consegue ter uma boa impressão dos uberlandenses, segundo ela:

[...] as pessoas da cidade são maravilhosas, as pessoas aqui são humanas mesmo, aqui as pessoas são humanas, nossa! Aqui senti o carinho, acolhimento das pessoas, de todos. Eu nunca conheci as pessoas assim em São Paulo²⁸.

Esse depoimento vem corroborar as afirmações de Portelli (2002):

[...] o que vemos na História Oral é mais a memória que cada ser humano tem individualmente. Essa memória é um produto social, porque todos nós falamos um idioma, que é um produto social; nossa experiência é uma experiência social, mas não se pode submeter completamente a memória de nenhum indivíduo sob um marco de memória coletiva. Cada pessoa tem uma memória, de alguma forma, diferente de todas as demais. Então, o que vemos, mais que uma memória coletiva, é que há um horizonte de memórias possíveis. (PORTELLI, 2002 p. 31).

Acreditamos ser um dos possíveis motivos de os relatos serem tão diferentes a respeito da forma como foram acolhidas pelos paulistanos e pelos uberlandenses e a impressão que tiveram primeiramente da cidade de São Paulo e de Uberlândia seja o fato de as migrações terem ocorrido em épocas e pessoas

²⁷ Entrevista concedida por Fátima em 01 de jun. de 2008.

²⁸ Entrevista concedida por Marta em 04 de out. de 2008.

diferentes²⁹. Tanto Marta como Fátima tiveram perspectivas e sentimentos singulares de um mesmo lugar, de um mesmo povo. Como nos explica Portelli:

A história oral e as memórias, pois, não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias. A dificuldade para organizar estas possibilidades em esquemas compreensíveis e rigorosos indica que a todo momento, na mente das pessoas se apresentam diferentes destinos possíveis. Qualquer sujeito percebe estas possibilidades à sua maneira, e se orienta de modo diferente em relação a elas. (PORTELLI, 2002 p. 72).

Devemos considerar, aqui, a singularidade das bagagens culturais e emocionais que cada uma das entrevistadas acumulou e traz consigo. Fato esse que irá refletir em seus diferentes modos de enxergar a sociedade e reagir às múltiplas relações sociais do dia a dia.

Acreditamos também que o fato de Marta ter sido recebida em Uberlândia por uma irmã que já possuía laços de amizade com outros moradores de Uberlândia tenha amenizado o estranhamento que se tem geralmente por alguém desconhecido, vindo de fora. E Fátima, por não conhecer ninguém em Uberlândia, teve que plantar novas raízes, criar aos poucos, novos laços de amizades e relações de confiança no seu dia-a-dia, após ter passado inicialmente por um período de estranhamento e de adaptação, cedendo, em alguns momentos às regras ditadas pela sociedade local e resistindo a outras. A esse respeito nos lembra Bosi (2004):

O enraizamento é um direito humano esquecido. O migrante vem chegando à cidade com as raízes partidas: a liturgia poderia enraizá-lo, criar e reviver tradições, valores, lembranças que dão sentido à vida (BOSI, 2004 p. 28).

A autora afirma, ainda:

O migrante perde a paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha, os animais, a casa os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir, o entoado nativo de falar, de viver, de louvar a seu Deus... suas múltiplas raízes se partem. Na cidade a sua fala é chamada 'código restrito' pelos lingüistas, seu jeito de viver,

²⁹ Fátima saiu de Fortaleza migrando para São Paulo em 1979, chegando em Uberlândia em 1981. Já Marta saiu da Bahia e foi viver em São Paulo em 2003, mudando para Uberlândia em 2008.

‘carência cultura’, sua religião, credence ou folclore. Seria mais justo pensar a cultura de um povo migrante em termos de desenraizamento. Não buscar o que se perdeu: as raízes já foram arrancadas, mas procurar o que pode renascer nessa terra de erosão. (BOSI, 2004, p. 176).

Os estudantes, ao responderem o questionário, referindo-se diretamente à categoria social “nordestino”, demonstraram ter poucos conhecimentos sobre eles, sobre a variedade sociocultural e sobre a participação desses migrantes na cidade de Uberlândia. Geralmente os associaram somente às atividades artísticas ou a trabalhos braçais.

O fato de que a maior parte dos migrantes nordestinos não possuíam qualificação profissional, indo ocupar as atividades mais desqualificadas, gestou um outro preconceito, que atinge, inclusive, os setores médios e intelectuais. O mais sério deste estereótipo é que ele foi introjetado, não só por boa parte das camadas populares da região, como pelos próprios setores de nível educacional superior. (ALBUQUERQUE JR., 2007 p.117).

A imagem de que a região do Nordeste é produtora de uma “cultura folclórica”, geralmente ligada ao passado perdura. Nos depoimentos com os universitários, a maioria dos alunos relaciona a importância da participação dos nordestinos para Uberlândia, na construção civil, nas atividades ligadas ao folclore ou em expressão da cultura nordestina.

As respostas, no nosso ponto de vista, evidenciaram estereótipos e preconceitos. De acordo com Albuquerque Júnior, a fala da estereotipia apresenta determinadas características. Em suas palavras:

O discurso da estereotipia é um discurso assertivo, imperativo, repetitivo, caricatural. É uma fala arrogante, de quem se considera superior ou está em posição de hegemonia, uma voz segura e auto-suficiente que se arroga no direito de dizer o que o outro é em poucas palavras. O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira, rápida e indiscriminada do grupo estranho; este é dito em poucas palavras, e reduzido a poucas qualidades que são ditas como sendo essenciais. O estereótipo é uma espécie de esboço rápido e negativo do que é o outro. [...] O estereótipo pretende dizer a verdade do outro em poucas linhas e desenhar seu perfil em poucos traços, retirando dele qualquer complexidade, qualquer dissonância, qualquer contradição. O estereótipo lê o outro sempre de uma única maneira, de uma forma simplificadora e acrítica, levando a uma imagem e uma verdade do outro que não é passível de discussão ou

problematização. O estereótipo constitui e institui uma forma de ver e dizer o outro que dá origem justamente a prática que o confirmam ou que o veiculam, tornando-o realidade, à medida que é incorporado, subjetivado. O cabeça-chata é uma forma estereotipada de dizer o que é o nordestino, reduzindo-o a seu corpo e este à sua cabeça e generalizando um dado formato de crânio, que é encontrado em algumas populações que vivem na região, para todo e qualquer habitante deste espaço. (ALBUQUERQUE JR., 2007, p.13).

Os estereótipos são também frutos da desinformação e de um discurso imperativo, segundo Queiroz:

Os estereótipos são rótulos usados para qualificar, superficialmente e genericamente, grupos étnicos, raciais, religiosos, nacionais e até grupos de pessoas de mesmo sexo ou profissão. [...] Geralmente verbalizados, os estereótipos constituem imagens simplificadas ou caricaturais. Essas imagens são assimiladas pelas pessoas a partir das mais variadas fontes, mas raramente pro meio de uma experiência direta com a realidade. (QUEIROZ, 1995, p. 25).

A esse respeito, achamos pertinente trazer o depoimento da professora do Instituto de Letras da Universidade Federal de Uberlândia, que ao ser questionada se já havia sofrido preconceito por ser nordestina, responde da seguinte forma:

Eu já, e muito, aqui mesmo dentro da universidade. Por exemplo, quando eu fiz o Mestrado na Unicamp e terminei na UnB. [...] Porque, é assim, eles se sentem especiais, dentro do contexto acadêmico. Então, ah, era o pior preconceito que você pode imaginar que é o preconceito velado, dos risinhos de quando você fala, de achar que você não vai conseguir. O esforço nosso é triplo porque você acaba tendo que ser o melhor em tudo, melhor que os outros entendeu? [...] Eu sofri muito na UnB essa questão do preconceito, e não fui eu só não. Eu acho que ainda existe, aqui dentro mesmo na UFU. Você vê que existe uma certa surpresa porque eles pensam assim, que a migração no século XX para São Paulo e para as outras grandes capitais, sobretudo para São Paulo, para o nordestino que foi o grande responsável pela construção de São Paulo nos moldes que a gente sabe hoje, com essa grandiosidade e tal. Naquela leva veio muito trabalhador da mão-de-obra civil, então eu acho que marcou muito. A grande maioria das pessoas desinformadas, aí é que está, desinformadas e ignorantes mesmo, eles acham que o nordestino ou é servente de pedreiro ou é empregada doméstica e se surpreendem quando

tem alguém assim, que se destaca dentro de uma área. Eu falo que isso é ignorância porque se você for olhar dentro do Senado Brasileiro o que tem de nordestinos contribuindo para o desenvolvimento do País. Não só lá, mais em todas as áreas né³⁰.

De acordo com Silva (1997, p. 134), esse preconceito, que diz respeito mais especificamente ao nordestino é aquele, recorrente na cultura brasileira, que desvaloriza o trabalho braçal. O preconceito em relação ao nordestino não é negado, entretanto, está sempre remetido ao “outro” em raríssimos casos, ouviremos alguém assumir possuir preconceito.

O preconceito ocorre de maneira implícita, disfarçada e nunca confessável. No meu caso, já fui abordado por pessoas que se utilizavam de um sotaque forçado, artificial que além de não representar a realidade da fala nordestina, demonstra um gesto de menosprezo, de desvalorização da pessoa nordestina. Nunca fui vítima de maiores ações, de agressividade ou outras ocorrências congêneres³¹.

Schwarcz esclarece que “todo brasileiro parece se sentir [...] como uma ilha de democracia racial, cercado de racistas por todos os lados” (1998, p. 179). Apesar de muitos universitários entrevistados tentarem demonstrar não possuí-lo, pudemos ler nas “entrelinhas” falas preconceituosas contra os nordestinos.

[...] na ausência de uma política discriminatória oficial, estamos envolvidos no país de uma ‘boa consciência’ que nega o preconceito ou o reconhece como mais brando. Afirma-se de modo genérico e sem questionamento uma certa harmonia racial e joga-se para o plano pessoal os possíveis conflitos. Essa é sem dúvida uma maneira problemática de lidar com o tema: ora ele se torna inexistente, ora aparece na roupa de alguém outro. (SCHWARCZ, 1998, p.179).

Não devemos nos esquecer que Uberlândia possui a maior parte de sua população formada por pessoas vindas de diversas regiões do Brasil, sendo somente uma pequena parte desses habitantes realmente nascidos aqui.

³⁰ Entrevista concedida por Maria Ivonete em 17 de maio de 2008.

³¹ Entrevista concedida por Vamberto em 11 out. de 2008.

De acordo com o economista demógrafo Luiz Bertolucci Jr., (2006), Uberlândia, ainda na década de 1980, é composta pela maior parte de sua população por migrantes. O Censo Demográfico de 2000 registrou, aproximadamente, 54% da população residente de nascidos em outras localidades. Da região Nordeste, os que mais migraram para Uberlândia foram os estados do Rio Grande do Norte e da Bahia, totalizando mais de 13.000 pessoas nos últimos anos do Século XX.

Segundo o mesmo autor, os motivos que levaram a população a migrar durante a pesquisa feita em 2001 foram, em grande parte, a busca de trabalho. Ou seja, das pessoas pesquisadas, 64,6% dos imigrantes vieram para Uberlândia em busca de emprego, vindo em seguida, o motivo de acompanhamento de parentes, ou seja, 21,5% dos responsáveis pelas famílias mudaram para Uberlândia com o intuito de assistir outro parente que, por sua vez, também viera em busca de emprego, educação, tratamento de saúde e outros recursos socioeconômicos que acreditam Uberlândia possuir.

Após a década de 1940, Uberlândia apresenta um rápido crescimento populacional proveniente principalmente do aumento de migrantes para a cidade. Esse contingente de pessoas vindas de diferentes cidades e regiões do Brasil trazia consigo peculiaridades no modo de pensar, nas preferências musicais, na culinária, nas vestimentas. A partir do momento em que se intensificam os movimentos migratórios no Brasil, áreas e populações das quais antes não se tinham tanto conhecimento por estarem mais isoladas e distantes dos grandes centros brasileiros passam a ter, como diz Albuquerque Júnior, (1999, p. 57) “[...] um contato e um conhecimento mais apurado. É nesse momento que muitos dos estereótipos que marcam os diferentes espaços e populações do País se gestam”.

Ao migrarem para a cidade de Uberlândia, muitos desses nordestinos, por possuírem sotaques desconhecidos dos uberlandenses e tantos outros costumes específicos de suas cidades de origem, são recebidos pela maioria da população local com estranhamento. Esse “estranhamento” irá provocar ressentimento em ambas as partes.

A discriminação e o preconceito que pautaram as relações entre mineiros e nordestinos, ou que muitas vezes, impediram essas relações, somente se explicam pela diferença cultural e condição social dos migrantes nordestinos. Pela construção de valores baseados, única e exclusivamente, na aparência do outro. (SILVA, 1997 p.133).

No depoimento de Dona Lourdes, encontramos o sentimento de estranhamento que geralmente ocorre no encontro entre povos de diferentes regiões. Nesses primeiros encontros, o migrante, ao mesmo tempo em que sofre por estar num lugar estranho, diferente ao que estava acostumado, com costumes e regras desconhecidas, ele também provoca o estranhamento nas pessoas que já pertencem ao lugar.

Quando chegamos (em Uberlândia), ficamos numa “colônia”. Tinha mais nordestino que mineiro. Ficamos separados. Mas eu achava muito interessante os mineiros, “chiadeiros”, falavam chiando, falavam “uai” o tempo todo. Quando nós brigava (uberlandenses e mineiro) eles nos chamavam de “nordestino cabeça chata”, “pau-de-arara”. Então eu não achava ruim não porque a gente vinha mesmo de pau-de-arara, gastamos oito dias de viagem pra chegar aqui. Aí nós fomos crescendo e eles respeitava a gente. Porque no começo, os mineiros tinham medo de nordestino. Falava que a gente era muito bravo, que matava de facão (risos).³²

No depoimento do Sr. Severino Ramos da Silva, de 72 anos, natural de Ouro Branco, Rio Grande do Norte, casado a 46 anos com Dona Lourdes, também expressa o difícil relacionamento que teve que enfrentar ao chegar no ano de 1956 em Uberlândia.

O que mais estranhei aqui era o povo. Falava na cara que a gente era pau-de-arara, que nordestino não sabia falar direito e tal. Muitas vezes no início eu quis brigar demais porque eles vinha querer discriminar né? Eu falava assim: o que eles estão pensando, nordestino também é gente, (risos). Mas aí, o tempo foi indo e hoje, graças a Deus eu moro em Uberlândia até hoje, gosto demais daqui. Não tenho vontade de voltar pro Nordeste não.

³² Entrevista concedida por Dona Lourdes, 67 anos, em sua residência no Bairro Santa Mônica, em 15 jun. de 2008.

Assim ..., tem, se minha mulher quiser viver lá, porque nós somos aposentado né, mas ela não vai de jeito nenhum³³.

Aqui, a esposa do Senhor Severino, Dona Lourdes, interfere no diálogo, confirmando sua vontade de continuar vivendo em Uberlândia. “Há, imagina, nunca na minha vida que eu volto!”³⁴.

Nota-se em grande parte dos depoimentos que o estranhamento e os preconceitos contra o nordestino em Uberlândia se dá com mais intensidade no início da chegada. Com o decorrer dos anos, os laços de amizade vão se formando e se fortalecendo. O estranhamento vai sendo amenizado à medida que os nordestinos vão criando novas raízes em Uberlândia por meio da convivência do dia-a-dia com uberlandenses. Ou seja, com o conhecimento do outro, vão sendo desvendados o véu do preconceito. De acordo com Weil,

O enraizamento é talvez a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana. É uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, isto é, que vem automaticamente do lugar, do nascimento, da profissão, do ambiente. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber quase que a totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios de que faz parte naturalmente. (WEIL, 1979, p. 348)

O ressentimento da população nativa contra nordestinos deve-se, em alguns momentos, ao medo da concorrência. Assim, com a intenção de se evitar o confronto de possíveis disputas, moradores nativos iniciam um discurso de autoproteção, disseminando que eles (migrantes) “invadem” sua cidade, ocupando as escassas vagas de empregos, aumentam a violência, a mendicância e as favelas na cidade, ou seja, delegam todas as mazelas da cidade aos “forasteiros” que por aqui se aventuraram. De acordo Albuquerque Júnior,

Temos que chamar a atenção para um fator decisivo para entendermos a forma preconceituosa como o nordestino é tratado

³³ Entrevista concedida pelo Sr. Severino, em 15 de junho de 2008.

³⁴ Entrevista concedida por Dona Lourdes, em 15 de junho de 2008.

em todo o País, mas principalmente nas grandes cidades do Sudeste, foi a concorrência pelo mercado de trabalho entre a população migrante nordestina, as populações locais e as populações de imigrantes estrangeiros. A formação da classe operária no Brasil, notadamente a partir dos anos 30, teve a contribuição decisiva dos migrantes nordestinos, como fica patente se olharmos para as principais lideranças do movimento operário brasileiro, a partir da abertura política do final dos anos 70, quase todas de origem nordestina, inclusive a maior delas, que hoje é o Presidente da República, vítima constante de preconceitos não só de classes, mas de origem geográfica. (ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 115).

Já os “de fora”, se ressentem com os moradores “nativos” por não se sentirem acolhidos pelos moradores da nova cidade, ou não são aceitos em seus ciclos de amizade. Com isso, passam a denominar os uberlandenses de “esnobes de nariz empinado”. Para Fátima o maior problema ao se mudar para Uberlândia em 1981 foi justamente o fato de os moradores desta cidade tentarem aparentar “uma coisa que não eram” e de não acolherem bem o migrante que aqui chegava.

Aqui quando cheguei foi diferente de São Paulo. Enquanto São Paulo a cidade era fria, aqueles prédios cinzentos, o povo mesmo correndo, lá conseguia ficar bem. Aqui não, aqui em 82 eles não te davam atenção, não te davam mesmo, era uma pedra de gelo. Não adiantava, por mais que você tentasse fazer amizade. [...] E as domésticas né, naquele tempo também elas andavam muito bem arrumadas. Empregada doméstica aqui era mais arrumada do que eu (risos). [...] era aquela história, que eu vi, vi mesmo, das pessoas não ter e querer mostrar o que não tem. Nossa, era muito! E eu ia me deparando com essas coisas. Hoje tem, mas era mais. Os estudantes, se você visse eles nas ruas, pensava que era filho de algum fazendeiro. Depois você ia na república onde eles moravam e eu via que minha casa era duas, três vezes melhor. Quer dizer, uma aparência daquilo que não é, uma fantasia. Igual uma mocinha de vila que anda no shopping e você fica sem saber na verdade o que têm e o que não tem. Se tem condições de tá ali ou se é fantasia. Uberlândia era aquilo ali, era só fantasia. E quem tinha na verdade, não fazia conta de ninguém. Esses, a gente não conseguia nem chegar perto. Quer dizer, os que não tinham, faziam tudo para parecer que tinham e os que tinha, se escondiam. Eu achava tudo muito complicado³⁵.

³⁵ Entrevista concedida por Fátima em seu restaurante no dia 01 de jun. de 2008.

Do encontro da população migrante nordestina com a uberlandense observamos o modo como o “choque” de culturas tão singulares (mineira e nordestina) poderá instigar o surgimento de estigmas, estereótipos e preconceitos na sociedade.

Se, por um lado, os uberlandenses antigos parecem ter-se ressentido com a invasão dos “forasteiros”, também estes devem experimentar sentimentos para com a nova cidade que os recebia. Uma cidade maior onde eles eram os “estranhos”. Uma cidade onde eles não conheciam pessoas para visitar, não contavam com amigos com quem sair nem pontos de lazer onde se distraírem. Esse sentimento que permeia quase todas as pessoas que se mudam de suas cidades, pode ter sido o gérmen da dicotomia estabelecida, na tradição oral da cidade, entre os que aqui nasceram, (os uberlandenses) e os que para aqui vieram ficar, para construir suas vidas e construir uma “nova” cidade os (uberlandinos). Os que chegaram consideravam os uberlandenses esnobes, fechados, bairristas (CAPARELLI, 2006, p. 112).

Ressaltamos ainda que muitos dos problemas de relacionamento que “assombram” não só o imaginário dos moradores desta cidade, mas também da sociedade em geral, decorrem dessa falta de conhecimentos sobre outras culturas, outros povos e tradições que não seja a própria. “Quando duas culturas se defrontam, não como predador e presa, mas como diferentes formas de existir, uma é para outra como uma revelação. Mas essa experiência raramente acontece fora dos pólos de submissão – domínio”(BOSI, 1992, p. 16). Ou melhor, temos a tendência de cair no “etnocentrismo”, é ele que

“[...] trata da relação entre um nós (grupo social ou cultural a que se pertence) e os outros, que estão dele excluídos ou dele diferem. Muitos dos preconceitos que marcam os povos advêm do fato de que possuem padrões culturais diferentes dos povos dominantes ou hegemônicos.” (ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 34).

Temos por hábito julgar outras culturas tendo com o referencial a nossa própria cultura. Tudo que escapa do nosso cotidiano é considerado algo “exótico”, “estranho” ou “anormal”. Podemos dizer que os (pré)conceitos surgem de nossas práticas etnocêntricas, pois antes mesmo de conhecermos já os julgamos como algo inferior a nós. Ou seja, a sociedade habituou-se a denominar as

características e as práticas cotidianas do “outro” como “bizarrras” e as “nossas” como as “normais”, ou seja,

Esses relatos fundam uma tradição, que é tomar o espaço de onde se fala como ponto de referência, como centro do País. Tomar seus “costumes” como os costumes nacionais e tomar os costumes das outras áreas como regionais, como estranhos. São Paulo, Rio de Janeiro ou Recife se colocam como centro distribuidor de sentido em nível nacional. As “diferenças” e “bizarrias” das outras áreas são marcadas com o rótulo do atraso, do arcaico, da imitação e da falta de raiz. (ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 42).

Geralmente, o nordestino que chega a Uberlândia vem sem o mínimo de informação sobre a cidade e sua população. Por se tratar de uma região com características diferentes daquela com a qual ele (nordestino) está acostumado a viver no dia-a-dia, aliada à falta de informação sobre a cidade e sua população, torna-se ainda mais difícil a sua re-adaptação na sociedade local.

Ao perguntarmos a Vamberto. sobre as maiores dificuldades que teve que enfrentar ao deixar o Nordeste ele nos fala:

A solidão ou o sentimento de solidão causado pela distância da terra natal, dos amigos da infância e da região em que nascemos é sem dúvida uma das maiores dificuldade que se vence após anos depois da saída de nossa terra. O isolamento na nova região, a falta de amparo em ações simples, como alugar casa, aglutinar amigos, obter confiança para confidências seja pessoal ou profissional também incrementar as dificuldades comuns nos imigrantes.³⁶

Ao saírem da zona rural ou de cidades pequenas em direção às grandes cidades e capitais em busca de melhores oportunidades de emprego, estudo etc., a maioria deles não possuem, como diz Albuquerque Júnior (2007),

[...] o mínimo domínio dos códigos que regem a vida numa grande cidade. Seus hábitos, costumes, formas de se comportar, concepções, formas de pensar, de andar, de falar, estão marcadas por sua vivência no campo e por sua condição social de homens pobres, analfabetos (ALBUQUERQUE JR., (2007, p. 102).

³⁶ Entrevista por Vamberto concedida em 11 out. de 2008.

Da mesma forma, a população uberlandense, por não ter conhecimento suficiente da realidade nordestina, abarrotava-a de estereótipos pejorativos: “baiano”, “pau-de-arara”, “cabeça-chata”, “comedor de farinha”, “analfabeto” e tantos outros estigmas que são comumente relacionados aos nordestinos. Para Crochik (1995, p. 19) “outra forma que assumimos frente à pessoa estranha é a da rejeição, no sentido de não lhe darmos nenhum valor, ou então, um valor preconcebido, no qual ela não merece a nossa atenção por ser inferior a nós”.

A partir dos depoimentos orais, procuramos verificar o modo pelo qual muitos dos nordestinos foram recebidos pela cidade e seus habitantes, se nessa relação houve ou ainda há vestígios de discriminação e preconceito contra o nordestino ou se essa questão é mera utopia.

O preconceito, como a própria palavra deixa entrever; é um conceito prévio, um conceito sobre algo ou alguém que se estabelece antes que qualquer relação de conhecimento ou de análise se estabeleça. É um conceito apressado, uma opinião, uma descrição, uma caracterização, que vem antes de qualquer esforço verdadeiro no sentido de se entender o outro, o diferente, o estrangeiro, o estranho, em sua diferença e alteridade. O preconceito quase sempre fala mais de quem o emite do que daquele contra o qual é assacado, pois o preconceito fala dos conceitos da sociedade ou do grupo humano que o utiliza. (ALBUQUERQUE JR., 2007, p.11).

Sendo assim, trazemos o depoimento de Fátima.³⁷, no qual a depoente narra o de que maneira foi tratada, ao trabalhar em um dos hospitais mais reconhecidos de São Paulo.

Comecei a trabalhar no Hospital Albert Einstein, não tive problema de arrumar emprego pois já trabalhava em Fortaleza com fisioterapia e nesse período, algumas coisas que me marcou nesse emprego. Lá é um hospital que tem mais judeu e eu tive uma dificuldade muito grande porque eu era nordestininha, pequenininha, aquele sotaque né, eu fui logo trabalhar ali (risos), uma vez fui colher sangue de um senhor alto que falava “ela que vai colher meu sangue? Não vou deixar não”. Tinha uns que não deixava eu colher o

³⁷ Fátima, divorciada, 54 anos, é proprietária de um restaurante típico nordestino em Uberlândia. Participa de feiras gastronômicas pela cidade levando a culinária (tapioca) e outras especiarias nordestinas. Reside em Uberlândia desde 1981.

sangue não, por mais que explicassem que eu era uma pessoa competente e que tinha condições de fazer aquele serviço, às vezes até melhor do que alguns ali que tinha outra aparência né. E aquilo ali às vezes me chocava, mas eu não falava nada, eu tava em busca de sobrevivência, então, eu tinha que suportar mais sem querer entender. Entendia mais fingia não entender. Eu pensava, “meu Deus, além de estar num lugar que não estou gostando, as pessoas em vez de ajudar, em me acolher, fazer esse tipo de coisa?”³⁸

Antes de migrar para Uberlândia em 1981, Fátima morou por dois anos em São Paulo. Em seu depoimento, ela relata ter sofrido preconceito nas duas cidades. Todavia, em São Paulo, a indignidade de não ser reconhecida como profissional e ter sua capacidade avaliada apenas pela aparência física, fez com que Fátima, “fingisse não entender” o preconceito que sofria por parte de alguns pacientes do hospital Albert Einstein.

Essa atitude de “fingir” algo para tentar driblar o sofrimento e sentimento de rejeição é atitude comum entre alguns migrantes. Por medo de não serem aceitos na nova sociedade para a qual migram, forjam uma identidade ou atitudes que não lhes são “naturais”. Tentam parecer o mais próximo possível da população que os acolheu. Procuram mudar o modo de falar, os gostos pelas músicas, aprendem a culinária local, freqüentam lugares onde a população “nativa” freqüenta, ou seja, tentam tornar-se “mineiros”.

Lourdes, ao ser questionada sobre como se sentia mais nordestina ou mais mineira, ela, apesar do sotaque nordestino carregado, responde:

Eu me sinto mais mineira, porque fui criada aqui, me casei aqui, essa é minha casa. Só vou pro Nordeste pra passear porque não me adapto mais lá, sinto falta e saudade daqui. Na verdade, eu me sinto uma brasileira, nascida no Nordeste e morando em Minas³⁹.

Muitos desses estereótipos que foram construídos durante décadas, devem-se à insistência da mídia em explorar determinadas imagens sensacionalistas, trazendo cenas chocantes da miséria nordestina.

³⁸ Entrevista concedida por Fátima em 01 de jun. 2008.

³⁹ Entrevista concedida por Lourdes, em sua residência no bairro Santa Mônica em 17 de jun. 2008.

Essa incorporação das narrativas escritas sobre a seca por parte dos autores e pela imprensa virou uma constante, de tal forma que fixou descrições de escassez, de calamidade, de populações esqueléticas, doentes, débeis, atrasadas, como elementos de repetição na trama (BARBOSA, 2004, p. 106).

O informante Wilton faz um apontamento que nos chamou a atenção:

A T.V. é muito boa, mas ela só mostra as coisas ruins que acontece lá no Nordeste, ela não mostra as coisas boas. Quando vai apresentar as coisas boas a gente fica até admirado. Lá tem muita coisa boa, igual aqui também, mas, se a gente for nesses bairros mais afastados aqui em Uberlândia, a pobreza aqui é até mais que lá no Nordeste. Gente passando fome e tudo⁴⁰.

Na busca incessante por essas cenas “sensacionalistas”, a mídia generaliza e reprisa informações muitas vezes específicas a uma região ou população para assim, prender e chamar a atenção do leitor.

A presença desse assunto nas páginas dos jornais, em especial, na Gazeta de Notícias, que investiu muito espaço na divulgação das notícias vindas do Norte, produziu, ampliou o raio de alcance das informações a partir de 1877-78. A partir disso, surgiram novos e semelhantes escritos e imagens, reproduzindo, quase sempre, os famintos com aspectos esqueléticos, desnudos, aparência disforme, fincados em sua maioria, em pose frontal. (BARBOSA, 2004, p. 110).

É a partir principalmente do desenvolvimento da imprensa após a década de 1920 que os jornais iniciam a fase chamada “notas de viagem” que traziam matérias sobre determinadas regiões com intuito de conhecer “realmente” o Brasil. Essas matérias para conseguir chamar a atenção do leitor, vinham repletas de personagens exóticos como o retirante, o flagelado e o cangaceiro. De acordo com Albuquerque Júnior (2007, p. 94), “O nordestino sofrerá muitos dos preconceitos de que é vítima por estar associado a estas imagens e a estes tipos: o nordestino será visto, quase sempre, como sendo um retirante, um flagelado ou um cangaceiro em potencial.”.

⁴⁰ Entrevista concedida por Wilton, em sua residência, em 22 de maio de 2008.

Além da “contribuição” da mídia em geral em mostrar somente a parte “atrasada” e “miserável” do Nordeste, outro fator que contribuiu para que a maioria de uberlandenses não recebesse com simpatia os migrantes nordestinos que aqui chegavam, pode ter sido por medo da concorrência. Ou seja, pelo grande número de migrantes que foram chegando e se instalando na cidade, principalmente a partir da segunda metade do século XX, fez com que os moradores (nativos) se sentissem ameaçados, invadidos por esses “forasteiros”.

Aos poucos foi sendo formado uma disputa que margeia o imaginário tanto da população nativa como da não nativa até mesmo nos dias atuais. Disputa essa que tem de um lado os “uberlandenses”, que se autodenominam filhos *legítimos* da cidade e que são considerados pela maioria dos migrantes que aqui vivem de *esnobes*. Já do outro lado temos os “uberlandinos”, que por não terem nascidos em Uberlândia são considerados *arruaceiros* pela população “uberlandense”, fazendo com que uma rede de pré-conceitos seja diariamente entranhada na vida dessas pessoas.

O sotaque carregado do nordestino o distingue claramente dos outros habitantes de Uberlândia. Geralmente, o sotaque é o primeiro sinal perceptível na distinção de alguém que nasceu nesta cidade ou é de fora.

Então, o preconceito quem sofre mais é com relação ao sotaque, por exemplo, o meu é muito aberto mesmo, mas já pensou se eu fosse apresentar o “Canta Nordeste” com sotaque carioca? Não dá né, então a questão do sotaque é muito importante pra nós.⁴¹

O linguajar diferenciado e carregado do nordestino se tornando um fator que ora é sinônimo de estranhamento e ora funciona como atrativo para encontro de conterrâneos do Nordeste ou mesmo para aqueles que admiram a cultura e o povo nordestino, pois ao notarem seu sotaque diferenciado, já se aproximam com entusiasmo. “O sotaque, a escuta da voz podem ser um som familiar que aproxima as pessoas ou provoca estranhamento, separação. Ele funciona como um dos primeiros índices de identificação e também de estereotipia.” (ALBUQUERQUE JR., 1999, p. 157).

⁴¹ Entrevista concedida por Alcides, apresentador do programa de rádio direcionado à comunidade nordestina em Uberlândia, em 17 de maio de 2008.

As vezes, quando eu tô num lugar e converso as pessoas chegam perto de mim e perguntam: Há, de onde você é? Você não é daqui não né? Aí eu digo: Não, eu sou do Maranhão, sou lá do Nordeste, aí a pessoa já logo diz: Nordestino são gente boa, trabalhador. Sempre eu ouço elogio⁴².

Agora, com relação a essa coisa do sotaque, é de uma ignorância..., eu sou professora de filologia românica aqui na universidade, a filologia⁴³ mostra que infinitos fatores concorrem para a dialeção de uma língua, então, de repente você vê uma pessoa, com preconceito, achando que o jeito que ela fala é a melhor fala, isso aí você não pode nem se aborrecer porque ela tá passando um atestado de ignorância. Se existe esse preconceito em determinadas situações, eu acho que você perde o estímulo. Se você tá numa situação de conversação, não é, de interlocução com uma pessoa, então você não tem estímulo para seguir com isso. Primeiro, se você tá conversando com uma pessoa que tem preconceito contra o Nordeste, ela demonstra que não conhece nem sequer a questão geográfica do Brasil, quanto mais outras questões relacionadas a filologia, à língua portuguesa, a questão cultural, entendeu então não vale nem a pena⁴⁴.

No depoimento de Wilton, possuir o sotaque nordestino aparece como algo positivo, onde as pessoas o “elogiam” e o relacionam à imagem de “gente boa” de “trabalhador”. Já na fala de Maria Ivonete, o preconceito contra quem possui sotaque nordestino considera-o como sinônimo de “ignorância” de pessoas que não possuem “conhecimento”, sendo assim, não valem nem a pena questionar.

Dentro dessa perspectiva, encontramos mais uma vez o nordestino ser relacionado a algo ultrapassado, atrasado ou ainda, relacionados a pessoas que não estão abertas para mudanças, que se “esquentam” com facilidade, vistos também muitas vezes como pessoas “ignorantes”.

O preconceito eu acho que existe aqui dentro mesmo (UFU), você vê que existe uma certa surpresa, não é bem um preconceito, é uma surpresa porque eles pensam assim que a migração no século XX para São Paulo e para outras grandes capitais, sobretudo para São Paulo tendo o nordestino como grande responsável pela construção dessa metrópole, nos moldes que a

⁴² Entrevista concedida por Wilton da Silva Oliveira em sua residência no bairro Santa Mônica, dia 22 de maio de 2008.

⁴³ Filologia: Ciência que, por meio de textos escritos, estuda a língua, a literatura e todos os fenômenos de cultura de um povo. Fonte, Dicionário Michaelis.

⁴⁴ Entrevista concedida por Maria Ivonete Santos Silva, em 17 de maio de 2008.

gente sabe hoje né, com essa grandiosidade e tal. Naquela leva veio muito trabalhador para a mão-de-obra civil, então eu acho que marcou muito. A grande maioria das pessoas desinformadas, aí e que está, desinformadas e ignorantes mesmo, elas acham que o nordestino ou é servente de pedreiro ou é empregada doméstica. E se surpreende quando tem alguém assim que se destaca dentro de uma área. Eu falo que isso é ignorância porque se você for olhar dentro do Senado brasileiro, o que tem de nordestinos contribuindo para o desenvolvimento do país... não só lá mais em todas as áreas né⁴⁵?

Em um dos depoimentos dos universitários ao responderem a respeito do que eles geralmente ouvem falar dos nordestinos, diz que “São matadores, gente ruim. Mas isto não condiz com nenhum que conheço. Essa comparação é relativa à época de Lampião e Maria Bonita⁴⁶”. Ou seja, a relação do nordestino com a violência ainda está presente no imaginário da população.

O cangaceiro incorpora as características de valentia, de matador e a de ignorante. O cangaço vai deixar tanto no Nordeste como no nordestino os estigmas da macheza, da violência, do “instinto animal”. De acordo com Albuquerque Júnior (1999, p. 26),

[...] o elogio ao cangaço servirá para estigmatizar o homem pobre e vindo do meio rural do Nordeste, especialmente quando chega nas grandes cidades do Sul. Estereotipá-los como homens primitivos, bárbaros, alheios à civilização e à civilidade (ALBUQUERQUE JR., 1999, p.126).

A música típica do Nordeste que também é relatada pelos universitários como sendo uma das “contribuições” da migração nordestina para Uberlândia. A música nordestina ora é motivo de “deboche” vista por alguns como música brega e ultrapassada, ora vista com admiração. O ritmo nordestino mais conhecido e aceito pela população uberlandense é o forró.

A música típica do Nordeste que toca nas rádios da cidade tem um sentido especial para esses migrantes, pois, ao deixarem suas cidades de origem para se aventurar em outras regiões, encontram na música nordestina, especialmente no Baião, uma forma de matar a saudade de sua terra natal, de se verem representados nos programas de rádio e nos pontos de encontro com outros

⁴⁵ Depoimento concedido por Maria Ivonete Santos Silva, em 17 de maio de 2008.

⁴⁶ Aluna do curso de Letras, 30 anos. Dia 14 de junho de 2008.

conterrâneos. Ou seja, para Albuquerque Júnior (1999, p. 155), “O baião será a “música do Nordeste”, por ser a primeira que fala e canta em nome desta região. Usando o rádio como meio e os migrantes nordestinos como público”.

Aqui em Uberlândia tem muito forró, mas o forró de lá é um forró mais agitado, aqui não, aqui é mais lento. Agora lá não, lá pra conseguir acompanhar tem que saber mesmo (risos). Aqui até que o forró eu ouço sim, porque quando vim do Maranhão eu deixei minhas músicas tudo lá. Mas chegando aqui eu consegui comprar algumas gravações de lá, Limão com mel, Calcinha Preta, Calipso. Tudo isso aí é banda lá do Maranhão, do Pará, é tudo daquela região. Mas tem outras músicas que a gente gosta lá que são muito boas, as antigas, elas são muito boas mesmo. É as músicas brega. Aqui em casa tem uns CDs de bregas, tem DVD, tem muita coisa. Só não vou ouvir mais por causa da muié. Tem dia que eu tô sozinho, quando ela não tá em casa eu coloco o CD e fico fazendo as coisas de casa e ouvindo. Eu gosto (risos). Ela não gosta mais eu gosto.⁴⁷

Esse depoimento Wilton, 29 anos, nordestino do estado do Maranhão que é casado com uma mineira nascida em Uberlândia, demonstra como age no cotidiano para não deixar de ter contato com suas antigas formas de lazer, seu gosto musical, buscando alternativas para continuar a manter suas tradições. Espera “a esposa sair de casa” para ouvir suas músicas “bregas”. Já o forró, como foi citado anteriormente, já se tornou mais aceito na sociedade uberlandense. O forró por ser mais comum na cidade, Wilton não encontra resistência para ouvir esse estilo musical em sua residência.

É importante ressaltar que os nordestinos de classes média e rica não recebem o mesmo tratamento preconceituoso que os nordestinos mais pobres, apesar de o discurso regionalista tentar generalizar que “todos” da região nordeste são discriminados com os mesmos estigmas.

De acordo com Nóbrega (2007), a discriminação contra os nordestinos não se dá de forma igualitária. O fato de se pertencer a uma classe social privilegiada faz com que os preconceitos sejam mais brandos, entretanto, não os torna livres por completo de discriminação. Os membros das classes dominantes nordestinas, embora sejam ocasionalmente vistos com certa reserva e considerados uma elite

⁴⁷ Entrevista concedida por Wilton em 22 de maio de 2008.

de segunda classe, quando se destacam no meio acadêmico, por exemplo, são vistos com “espanto”.

“Creio que as elites nordestinas, quando sofrem preconceito, esse advém exclusivamente da origem geográfica, no caso do nordestino das camadas populares, esse preconceito vai ser potencializado pelo preconceito de classe” (ALBUQUERQUE JR., 2007, p127). A esse respeito trazemos um fato relatado por Maria Ivonete no qual ela é testemunha de discriminação contra sua própria origem.

Eu estava em uma loja comprando, aí chegou uma senhora com uma criança nos braços e outro senhor. E a moça que estava me atendendo me pediu para aguardar um pouco porque ela ia despachar aquele povo que estava entrando na loja. Aí ela foi, despachou e eu não entendi na hora o porquê, aí depois ela voltou e me disse assim: “eu fui lá pra despachar esse povo porque eles tão com cara de ser nordestino e eles entram assim e não compram nada, só querem roubar”. Aí na hora eu pequei toda a minha documentação e disse assim: - “Olha, pois você está muito enganada, você é muito ignorante porque aqui está, eu sou nordestina e você está fazendo um pré-julgamento a partir da aparência da pessoa”. Porque a mim, ela estava atendendo muito bem e a senhora que entrou era mais o aspecto mesmo, visual. Provavelmente nem fosse nordestina, mas na cabeça da vendedora, nordestino deve ter uma situação financeira sempre inferior ou são pessoas que já saem com intuito de roubar ou cometer algum delito etc...e eu já tava tirando nota, aí eu desisti da compra e falei que não valia a pena. Essa foi minha reação mais firme porque me causou indignação e eu acho que se fosse hoje, eu denunciaria mesmo a uma instancia jurídica assim, mais séria⁴⁸.

Por possuir uma aparência “melhor” que o outro cliente, Maria Ivonete não é relacionada ao nordestino, por outro lado, a simplicidade do outro cliente foi, segundo a informante, um dos motivos que fizeram com que a vendedora a discriminasse. Com isso, notamos que o preconceito contra o nordestino está ligado não somente quanto à sua origem regional, mas também com o preconceito de classe social, relacionados às pessoas humildes, que se encarregam de tarefas mais “desqualificadas”. “O nordestino também será vítima do preconceito dirigido aos menos letrados e analfabetos, já que uma boa parcela

⁴⁸ Entrevista concedida por Maria Ivonete Santos Silvas no dia 17 de maio de 2008.

dos migrantes nordestinos dos anos 30, 40, 50, possuíam baixa taxa de escolaridade.” (ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 126).

CAPÍTULO III

A RECRIAÇÃO AFETIVA DO NORDESTE E ESTRATÉGIAS DE PERTENCIMENTO

Aonde chegam, os migrantes nordestinos estabelecem alianças com os seus conterrâneos. Percebemos que eles buscam criar novas raízes nos novos lugares, como resposta ao processo de desenraizamento vivenciado desde que saem do seu lugar de origem. Para conseguir firmar-se na nova cidade, esses migrantes procuram outros que passam ou passaram pelos mesmos caminhos da migração – estranhamento, exclusão, e readaptação – em busca de apoio, não só financeiro, mas também emocional.

Uma das formas de se sentirem “pertencentes” à nova cidade é por meio da manutenção de seus costumes, como a culinária, a dança, a música, os locais de lazer, a aliança de amizade com outros conterrâneos e até mesmo, com familiares.

Refletimos sobre quais expressões culturais e o porquê de elas persistirem apesar de muitos viverem nesta cidade a mais de 40 anos e serem submetidos diariamente aos novos hábitos e costumes locais.

3.1 O ritmo “arretado”

Apesar do grande número de nordestinos residentes em Uberlândia (segundo a ANUDI⁴⁹, cerca de 25 a 30.000), a cidade possui pouquíssimos pontos expressivos da cultura nordestina, onde essa população possa confraternizar com outros conterrâneos e matar um pouco a saudade do Nordeste. Dentre eles podemos citar o programa “Canta Nordeste”, apresentado pelo radialista Alcides Melo da Silva⁵⁰. Nesse programa, são apresentados cantores nordestinos, músicos, repentistas, com apresentações ao vivo, que, ao

⁴⁹ Associação de Nordestinos em Uberlândia.

⁵⁰ Alcides Melo tem 57 anos e a 25 mora em Uberlândia. É natural de Aracajú, no estado do Sergipe.

mesmo tempo, incentivam novos talentos e levam a música típica nordestina para seus ouvintes.

Tenho dois programas de rádio, o “Canta Nordeste” na Rádio Universitária, e o “Aurora Nordestina” na Rádio Aurora. Faço ao vivo porque quando faz gravado você perde audiência sabe. E é bom que a gente tem contato com o povo nordestino”⁵¹.

A figura 2 traz a foto do radialista Alcides Melo e o *Trio Sucupira*. Esse trio foi criado no final do ano de 2007, seu estilo é o Forró Pé-de-Serra. Esse é um dentre vários grupos que o programa “Canta Nordeste” apresenta aos ouvintes, nas manhãs de sábado.



Figura 1 Alcides Melo, radialista com o Trio Sucupira, em apresentação no “Canta Nordeste”⁵².

Na reportagem do Jornal Correio de Uberlândia⁵³, o programa “Canta Nordeste” é apresentado como uma “forma de se preservar a identidade nordestina”.

⁵¹ Entrevista concedida por Alcides Melo da Silva, no dia 17 de maio de 2008.

⁵² Foto Disponível em: <<http://triosucupira.blogspot.com/>>, Acesso dia 30 de maio de 2008.

⁵³ TIBURCIO, Luciana. Um pedacinho do Nordeste aqui. **Jornal Correio de Uberlândia**. 28 de maio 2006.

A comunidade nordestina é tão forte na cidade que foi criado até um programa de rádio para tocar apenas músicas do Nordeste — e matar a saudades de muitos. O "Canta Nordeste" vai ao ar todos os sábados, das 9 às 10h, na rádio Universitária, e toca desde Lenine, Caetano Veloso, Djavan, Caju e Castanha até um forró bem "arretado" para preparar para as Festas Juninas. "Pego os discos nas minhas viagens ao Nordeste. Tem cada raridade! E os ouvintes sempre têm espaço para conversar, discutir sobre nossos assuntos. Falo sobre como está o emprego, recados, quem está vindo para cá, quem está voltando para o Nordeste, onde vende comida típica. É um espaço nordestino em Uberlândia", conta o apresentador Alcides Mello da Silva, natural de Aracaju, no Sergipe, e que está há 23 anos trabalhando em Uberlândia. (TIBURCIO, 2006).

Alcides Melo, além de apresentar os programas nas rádios, é o idealizador do CTCN⁵⁴, que segundo ele, "ainda está engatinhando". Esse centro, tem cadastrado os nordestinos para saber quantos são e quem são eles, quem canta, compõe, faz artesanato etc. Também recebem ali coleções de discos, fitas, escrevem para as universidades para saber quais trabalhos acadêmicos estão sendo produzidos sobre o Nordeste, não somente sobre a cultura, mas sobre a culinária e tantas outras tradições da região nordeste.

O objetivo nosso é formar aqui no Sudeste um centro de irradiação da nossa cultura nordestina tá, mas assim, uma coisa bem parceira com a cidade, não é impondo, nada fechado só para nós não. E por isso, nós queremos começar a organizar, para que daqui 20, 30 anos a gente comecemos a participar do projeto político da cidade, certo. Mas antes disso, nós temos que começar a liderar movimentos nos bairros, fazendo associações, sindicatos também. Depois vamos partir pras regiões, pois já estamos cansados de ser massa de manobra dos políticos que tem aí. Essa é uma forma da gente acabar com o preconceito, é por meio do poder que também a gente vai mudar as coisas. Mas esse é um projeto político à longo prazo, é pros filhos da gente. Outro objetivo nosso é organizar a comunidade para que ela consciente de suas tradições, ela preserve essas tradições, ela divulgue essa suas tradições, ela lute contra a questão do preconceito né, e que também ela dê oportunidade, e aí é um papel que tá à frente do movimento todo, dá condições para que profissionalmente, ele melhore também de vida sabe ⁵⁵.

⁵⁴ Centro de Tradições Culturais Nordestinas.

⁵⁵ Entrevista concedida por Alcides Mello da Silva, no dia 17 de maio de 2008.

Alcides, que veio a Uberlândia para visitar um amigo em 1983, decidiu ficar na cidade e se tornou uma das figuras mais empenhadas e dedicadas em manter e defender a cultura nordestina. Apesar de que, no início ter sido atraído para Uberlândia pelo emprego estável, ele não consegue ficar muito tempo longe dos movimentos culturais da cidade.

Cheguei aqui para visitar um amigo que tinha trabalhado na campanha do Zaire. E ele me convidou para conhecer a cidade. Cheguei na sexta-feira e na segunda já estava com minha carteira assinada e aqui fiquei com a roupa do corpo⁵⁶.

Como muitos dos migrantes que chegam a Uberlândia, a busca por “estabilidade” financeira é algo almejado e quando isso ocorre, contribui para a decisão de permanência nesta cidade. Apesar de Uberlândia não possuir “locais expressivos de encontros culturais e nem as praias maravilhosas do Nordeste”, o que atraiu esse sergipano a se instalar na cidade foi justamente a oportunidade de um trabalho estável.

O que me levou a vir pra cá foi o seguinte. O nordestino ele “é ninguém” né, não migra por esporte, migra por necessidade. Necessidade de mudar de vida, melhoria de condições de vida. Então foi o que ocorreu. Eu vim pra ver uma cidade, gostei e fiquei e aí, batalhei. Uma coisa que nordestino traz na migração é a questão da força de trabalho, da honestidade, graças a Deus. E também a parte cultural. E aqui eu me identifiquei com muita coisa. É uma cidade boa, batalhadora, aberta, 60% da população é migrante, né, e aqui nós nos estabelecemos. Quando eu vim pra Uberlândia em 83, eu vim olhar a cidade e tomei a decisão de ficar aqui. A intenção era vim e voltar, porque lá (Aracajú) eu estava com a vida artística intensa, mas ao mesmo tempo muito esgotado da vida noturna. Eu queria dar um tempo nisso, e já tinha casado então ..., tinha que mudar. Então foi bom ter vindo pra cá porque aqui a gente deu uma virada na página disso tudo e a gente se concentrou mais no trabalho de sobrevivência

⁵⁶ Entrevista concedida por Alcides Melo da Silva, no dia 17 de maio de 2008.

Na fala de Alcides, observa-se que o ideário de cidade “aberta” ao migrante, que foi por muitos anos disseminada tanto pela elite local como pela imprensa, ainda persiste.

3.2 Os sabores do Nordeste

Outro ponto de encontro dos nordestinos está localizado no Bairro Presidente Roosevelt, no *Mandacaru*, restaurante tipicamente nordestino cuja proprietária tentou fazer deste recinto “um pedacinho do Nordeste”, além da culinária típica do Nordeste como “buchada de bode”, “baião de dois”, “tapioca” e vários outros pratos.

O restaurante é todo decorado com temas nordestinos, a proprietária procura ainda sempre trazer músicos nordestinos para tocar ao vivo. Dessa forma, além de alegrar o ambiente e agradar aos clientes que buscam nesse local matar um pouco da saudade da terra natal, ela procura valorizar a questão cultural, incentivando os músicos que vivem dessa profissão⁵⁷.



Figura 2 - Apresentação do Trio Sucupira no restaurante Mandacaru

⁵⁷Trio Sucupira se apresentando no Restaurante Mandacaru. Disponível em: <<http://triosucupira.blogspot.com/>>, Acesso dia 30 de maio de 2008.

Além da culinária e da música, no restaurante, Fátima mantém uma mini loja com artigos do nordeste, artesanatos, condimentos e alimentos específicos da região, como a manteiga de leite e o feijão de corda. Além de preservar a cultura nordestina, ela também a divulga na “Feira Gastronômica”⁵⁸ onde vende sua tapioca. Destacamos que, nesse caso, o comércio desses produtos nordestinos desempenha a função de importância social, vai além da tradicional atividade comercial, pois pode representar um lugar de saudosismo, de trazer para o presente lembranças que correm o risco de se perder na memória. Com a intenção de demonstrar aos moradores de Uberlândia o valor da cultura nordestina, Fátima teve a idéia de homenagear artistas nordestinos, colocando nome de músicos e artistas nas tapiocas que comercializa na feira gastronômica.

Ontem me perguntaram na feira: porquê você coloca nome de cantor nas tapiocas? Aí eu falei: primeiro porque eu quero que o meu povo seja lembrado por algo de bom que eles fizeram, eles levaram músicas que estão tocando até hoje aí pra vocês. Como Fagner, Gilberto Gil que é ministro. Inclusive, a tapioca dele é de chocolate, (risos). E todas elas tem a biografia da história de cada um desses artistas. Quando a fila pra comprar tapioca tá grande, eu entrego as biografias pra eles irem lendo, escolhendo. Assim, suportam a fila enquanto se educam. É nesse sentido. Meu restaurante também é cultural, meu cardápio é educativo também, é nesse sentido, mostrar para as pessoas que os nordestinos fizeram algo de bom⁵⁹.

Com o restaurante *Mandacaru*, ela tentou criar um “clima” de Nordeste por meio da decoração, do artesanato, da culinária, das músicas típicas e das fotografias expostas, fazendo com que migrantes nordestinos, matem um pouco da saudade da sua terra natal. Quando questionada se apesar de morar em Uberlândia há mais de 27 anos, se ela ainda se sentia nordestina, Fátima responde:

⁵⁸ A Feira Gastronômica é realizada desde 2003, toda terceira quinta-feira de cada mês no pátio do Mercado Municipal. Nela, são comercializadas comidas típicas de vários países como Itália, França, Espanha, Portugal, Arábia Saudita, Japão, México, Chile, e regionais como a goiana, mineira e nordestina.

⁵⁹ Entrevista concedida por Fátima em 01 junho de 2008.

Sim, claro, aqui no restaurante por exemplo você tem um pedaço do Nordeste em Minas. Porque você aqui vê o povo falar, “Nossa Fátima, obrigado!”. Pessoas que vem de longe, ouvem os músicos, comem a comida, ficam muito felizes. Então, à medida que você tá resgatando isso pra cá, onde você está, é porque você é mesmo nordestino⁶⁰.

Mandacaru chegou assim...

Pedindo pra ficar

Pra fazer parte da sua vida

E de quem quiser chegar

Mandacaru chegou assim...

Com gostinho de Nordeste

Do Lampião até a rede

Aqui tem cabra da peste⁶¹



Figura 3 - Fátima no Restaurante Mandacaru⁶².

⁶⁰ Idem.

⁶¹ Poema escrito por Sol Bitercutys, ex-funcionária do restaurante Mandacaru.

⁶² Fotografia de Eudes Arduini de Araújo, Uberlândia, 01/06/2008.

Assim, a culinária também é um ponto bastante expressivo para observarmos o encontro entre a cultura nordestina e mineira. Ela pode em muitos momentos, se transformar em uma maneira de resistir às suas tradições, pode aproximar pessoas de uma mesma região, ou pode ser sinônimo de estranhamento, de recusa a uma determinada cultura. Segundo Certeau, (1996),

As práticas culinárias se situam no mais elementar da vida cotidiana, no nível mais necessário e mais desprezado. [...] Em cada caso cozinhar é o suporte de uma prática elementar, humilde, obstinada, repetida no tempo e no espaço, com raízes na urdidura das relações com os outros e consigo mesmo marcada pelo “romance familiar” e pela história de cada uma, solidária das lembranças de infância como ritmos e estações (CERTEAU, 1996, p. 218).

A culinária, para Wilton, é uma prática simbólica que permite reviver sensações do passado e manter ligações de identidade. Cria-se um espaço no qual ele e seus familiares se reúnem para uma festa. Preparam pratos típicos nordestinos para, como ele mesmo diz, “matar a saudade lá do Nordeste”.

Aqui em Uberlândia às vezes eu me reúno com meus irmãos e a gente faz umas comidas lá do nordeste, pra matar um pouco a saudade de lá. A gente faz uma comida que aqui se chama “dobradinha”, mas lá é “panelada”. Panelada é feita das tripas do bucho do boi e tem a buchada também, ela é feita do bucho mas é do bode. Eu já fiz muito, vixi, inclusive aqui mesmo em Uberlândia uma três vezes a gente já fez. Uma vez meu irmão comprou um bode, aí matou e já aproveitou e fez a buchada. Já fez “panelada” também. Aqui em casa mesmo eu nunca fiz, a mulher não gosta, (risos), é mineira (risos)⁶³.

A culinária também simboliza o estranhamento, pois, às vezes, sente-se impedido de cozinhar algo que não é do agrado da esposa, que é mineira e não está habituada com determinados alimentos.

⁶³ Entrevista concedida por Wilton em 22 de maio de 2008.

3.3 A ANUDI e a caravana nordestina

Uberlândia possui ainda uma Associação de Nordestinos (ANUDI). De acordo com Vamberto:

O objeto social da instituição consta de seu estatuto social, são vários desde ações de defesa do meio ambiente à ações voltadas para a promoção da saúde e da educação. O principal dispõe sobre a ação de difusão da dos instrumentos da cultura popular regional, suas especificações num esforço de difundir, popularizar e fortalecer a memória de nossa pátria, os usos e costumes vividos pela gente nacional. Como prova das ações, cito o projeto Caravana Nordestina em execução nas feiras livres da cidade que sintetizam esses objetivos no campo social de nosso município⁶⁴.

Fundada em 1989, a ANUDI foi tema de estudo do historiador Klebston Ferreira Barros com o título: *Associação dos nordestinos em Uberlândia: Uma análise das manifestações populares nordestinas inseridas no contexto progressista uberlandense 1989-2001*, em 2001. Nessa monografia, Barros estuda como se dá a inserção da presença nordestina no cenário uberlandense, evidenciando a construção de um espaço social onde suas práticas e representações culturais são recriadas como forma de preservar sua identidade social. Nesta perspectiva, a Associação dos Nordestinos em Uberlândia é o ponto de partida dessa investigação. Com isso ele procura entender o papel de sua criação, seus objetivos e suas realizações concretas.

Em uma entrevista ao Jornal Correio de Uberlândia, Vamberto, atual Presidente da Associação, diz à repórter que a principal intenção da Associação dos Nordestinos em Uberlândia é

Acolher os que chegam. Orientar quem aqui está. E os que querem voltar. Este é o papel da Associação dos Nordestinos, fundada em 1989 e que já tem sede própria com salão de festas e sala de alfabetização. Mas ainda não se sabe quem são os nordestinos que moram aqui. É por isso que, até o fim do ano, a associação pretende finalizar o cadastro de todos aqueles que vieram dos Estados nordestinos. "Trazemos para cá o costume,

⁶⁴ Entrevista concedida por Vamberto em 11 out. de 2008.

os sentimentos, a culinária, o modo de falar e a hospitalidade. E para conhecermos qual nossa real contribuição para o crescimento da cidade, é preciso saber quem e quanto somos." (TIBURCIO, 2006).

Dentro dos projetos da ANUDI realizados no ano de 2008, existe a "Caravana Nordestina". Esse projeto objetivou percorrer as feiras livres de alguns bairros de Uberlândia, levando música, apresentando danças regionais, fotografias da região nordeste, apresentavam ainda recitais de Cordéis e repentistas. Nesses encontros com a comunidade, os diretores da ANUDI aproveitaram para cadastrar o maior número de migrantes nordestinos, além de distribuir panfletos informativos sobre futuros projetos da Associação.

Na Figura 4, a dupla de repentistas cearense Vicente Reinaldo e Adão Fernandes, juntamente com o Presidente da ANUDI, participam da apresentação na feira da Avenida Monsenhor Eduardo no dia 28 de outubro de 2008 no projeto "Caravana Nordestina"⁶⁵



Figura 4 - Vicente Reinaldo e Adão Fernandes (repentistas) com Vamberto.

⁶⁵ Fotografia disponível em: <http://www.farolcomunitario.com.br/esp_caravana_nordestina.htm>. Acesso em 28 de setembro de 2008.

A receptividade do público para com esse projeto inicialmente é de curiosidade. Mas algum tempo depois, muitos moradores da cidade animados com o som do forró, acabam dançando ali mesmo no meio da feira. Conterrâneos de diversas regiões nordestinas se encontram, fazem pedidos de canções de Luiz Gonzaga ou de outros cantores nordestinos aos coordenadores do projeto. O público que pára para ver as apresentações é composto não só por nordestinos, mas da população uberlandense no geral (Figura 5).



Figura 5 - Feira da Rua Monsenhor Eduardo, músicos e comunidade. ⁶⁶

O projeto Caravana Nordestina é patrocinado pelo Fundo Municipal de Cultura com um recurso de R\$ 25 mil. Além disso, a ANUDI conta com o apoio da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e do SESC. A estimativa é que exista em Uberlândia cerca de 70 mil

⁶⁶ Fotografia disponível em: <http://www.farolcomunitario.com.br/esp_caravana_nordestina.htm>. Acesso em 28 de setembro de 2008.

nordestinos vivendo na zona urbana e rural, o que daria algo em torno de 11% da população total de 622 mil. “Queremos fortalecer essa identidade populacional para garantir a preservação dos valores, usos e costumes”, disse V. Figueiredo. Atuante em Uberlândia há 19 anos, a associação já viveu momentos melhores e de maior evidência. “Mas como toda instituição de organização civil, nós também atravessamos dificuldades financeiras”, afirmou o Presidente. A alternativa é persistir nos projetos de campo como forma de divulgar tanto os trabalhos da associação como a cultura nordestina. (TIBURCIO, 2006).

E o próximo desafio da Associação de Nordestinos é, segundo seu Presidente, “desenvolver projetos que possam dar retornos financeiros. “Precisamos de ações de comercialização de produtos regionais, artesanato, literatura de cordel e culinária tradicional. Porque assim, vamos nos tornar auto-sustentáveis”.

Nesses poucos locais (nas feiras livres com o projeto “Caravana Nordestina; restaurante “Mandacaru”, os programas de rádio “Canta Nordeste” e “Aurora Nordestina” e a Associação dos Nordestinos, ANUDI), os nordestino podem encontrar-se com seus conterrâneos para dialogar, divertir, matar a saudade do Nordeste, ouvir músicas, dançar o forró, apreciar a culinária nordestina e se sentirem, mesmo que seja por breves momentos, representados e integrados dentro da comunidade uberlandense.



Figura 6 - Folheto distribuído durante apresentação cultural no projeto “Caravana Nordestina” nas feiras livres de Uberlândia.

Por meio dos escritos de Albuquerque Júnior vimos que a população nordestina foi, genérica e historicamente, relacionada a seca, a miséria, a

pobreza, a desinformação e a tantos outros adjetivos estereotipados e estigmatizados. Segundo ele,

Devemos criticar, por exemplo, a postura da mídia, não por que não vê nossa verdadeira face, ou mostra nossa verdadeira fala, mas por ter uma postura negadora da história, da mudança, por ter uma postura negadora da história, da mudança, por estar presa a uma visibilidade e dizibilidade do Nordeste que faz com que venha à região sempre em busca do folclórico, da miséria, da violência, da seca, até de cangaceiros, beatos e coronéis ainda no final do século XX [...]. Não são ainda resquícios de uma visibilidade e de uma dizibilidade que segmentavam o país em dois pólos antagônicos, representando o Nordeste todas as negatividades do País e o Sul, as suas positivities? Esse olhar e essa fala da mídia reproduzem, em grande parte, as hierarquias espaciais [...] que realimentam as desigualdades sociais, econômicas e culturais do País. Operando com estereótipos, ele demonstra toda a sua pretensão de deter um saber prévio sobre o outro; um olhar atento apenas às diferenças externas, [...]. As reportagens sobre o Nordeste não são feitas para descobrir algo novo a seu respeito, mas reafirmando a sua imagem já estabelecida. (ALBUQUERQUE JR., 1999, p316-317).

Essa mídia que tanto influenciou e influencia o imaginário da população brasileira, acaba criando em grande parte dos brasileiros uma visão errônea que não condiz com a realidade dessa região e seus habitantes. No entanto, Albuquerque Júnior (1999) não nega que no Nordeste não exista seca, nem miséria, nem pobreza, nem mesmo o analfabetismo, que é geralmente um fator que relaciona o nordestino como “desqualificado” profissionalmente e intelectualmente.

O problema que ele alega é que a mídia generaliza toda essa região sem respeitar as exceções, as particularidades de cada estado nordestino e, conseqüentemente, as subjetividades de seus habitantes. Mostra-os para o restante do Brasil, como sendo “somente” de miséria e “desgraças”. O que o autor gostaria que ficasse claro é que esses problemas de seca, pobreza, miséria e analfabetismo que a mídia insiste em mostrar como sendo algo inerente ao Nordeste, não existe somente nessa região, mas na maioria dos estados brasileiros.

Fazer a história da construção destes estereótipos, que deram origem a muitos dos preconceitos que dividiram e dividem hoje os humanos, torna-se uma tarefa importante se quisermos que as novas gerações escapem das armadilhas que estes significam. A história da construção destes preconceitos e dos espaços que estigmatizam nos ajudará a nos afastarmos destas visões acríticas que nos são repassadas no dia-a-dia, pelo senso comum ou mesmo pelos meios de comunicação de massa. É importante que na formação escolar de nossas crianças esteja presente a problematização de nossos preconceitos, que estes sejam substituídos por conceitos, que nasçam, por sua vez, do estudo, da análise, do conhecimento sobre o percurso que os homens descreveram no tempo e das hostilidades, conflitos, lutas, interesses, diferenças que os separaram nesta trajetória, que levaram à emergência dos epítetos negativos com que somos nomeados ou com que nomeamos nossos vizinhos (ALBUQUERQUE JR., 2007 p. 14-15).

Sendo assim, procuramos trazer a importância de se procurar romper os preconceitos com relação a esses nordestinos, trazendo à tona, além dos trabalhos de Albuquerque Júnior, (1999; 2007), os depoimentos de nordestinos residentes em Uberlândia.

O intuito desta pesquisa foi trazer o discurso, “ufanista” da cidade de Uberlândia como fator de atração para os nordestinos, paralelamente ao discurso de “miséria” da região Nordeste como fator de expulsão desses nordestinos de suas cidades de origem. Esses discursos, ao serem absorvidos e idealizados pela maioria dos nordestinos migrantes, faz com que o número de nordestinos a saírem de suas regiões e escolher Uberlândia como sua nova moradia seja tão expressivo.

Por que perpetuarmos este Nordeste que significa seca, miséria, injustiça social, violência, fanatismo, folclore, atraso cultural e social? É preciso fugir do discurso da súplica ou da denúncia da miséria; é preciso novas vozes e novos olhares que compliquem essa região, mostrem suas segmentações, as cumplicidades sociais dos vencedores com a situação presente deste espaço. Se o Nordeste foi inventado para ser este espaço de barragem da mudança, da modernidade, é preciso destruí-lo para poder dar lugar a novas espacialidades de poder e de saber. (ALBUQUERQUE JR., 1999, p. 315).

Este trabalho procurou instigar uma relação mais plausível entre nordestinos e mineiros, contribuindo para que a “fronteira” do preconceito, dos

estigmas causados muitas vezes pela falta de informação, ou, o que é pior, causada pela “desaprendizagem” disseminada por meio dos mecanismos de dominação; ou ainda, se este trabalho contribuir para que comecemos a desconfiar dos “discursos” tradicionais, “oficiais”, e dos discursos insistentes da mídia, ele terá cumprido seu objetivo principal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa pudemos observar, a partir dos depoimentos orais concedidos pelos migrantes nordestinos que escolheram Uberlândia como sua nova moradia, o significado de suas experiências cotidianas e a forma como foram atraídos para a “Cidade Jardim”. Analisamos o modo pelo qual reelaboram seus costumes, hábitos, a forma de diversão, como refizeram suas redes de amizade e como reagiram aos preconceitos recebidos pela população uberlandense. No entanto, não encerramos aqui nossa pesquisa: muitos questionamentos a respeito desses migrantes e sua relação com a cidade ainda ficaram para serem respondidas.

O migrante, estigmatizado pela constante peregrinação por diferentes regiões, sai em busca de melhores condições de trabalho e de vida. Nos locais aonde chega, é geralmente recebido como “forasteiro”, ou “estranho”. Às vezes, traz na bagagem apenas a saudade de uma terra deixada para trás onde um dia nasceu. Para que a lembrança da terra natal não desapareça de suas lembranças, vai cotidianamente reconstruindo-a em sua memória, por meio de seus relatos e de suas resistências contra a nova tradição local.

Somos um país de nômades e migrantes, como somos e fomos desde o princípio um País de degradados, desterrados, aventureiros, imigrantes, sertanistas, deportados e seqüestrados, o que nos tornou este País e esse povo aberto e receptivo a todos os que chegam, venham de onde vierem, mas que também marcamos a todos com estigmas, estereótipos ou preconceitos, maneira de lidar com estas diferenças, de torná-las compreensíveis, de reduzir o estranhamento, de domar o medo do desconhecido, que podem não aparecer como grandes movimentos xenófobos ou racistas organizados e militantes, mas que envenenam nosso dia-a-dia e se manifestam e explodem, muitas vezes na pequena querela do cotidiano. (ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 87-88).

Além da importância de se discutir o tema do preconceito contra os nordestinos, procuramos trazer ao leitor as angústias e seus anseios desses migrantes inseridos na sociedade uberlandense. Respeitar as diferenças não

somente dos nordestinos, mas de toda a população seja ela de qualquer região, religião, cor, classe social é o pressuposto básico de uma sociedade justa, menos preconceituosa.

O que aprendemos com a História é, justamente, que tudo que está a nossa volta, tudo que fazemos, dizemos, somos, pensamos, foi produzido e inventado, historicamente, pelos próprios homens e, se é assim, também pode vir a ser destruído, abandonado, desinvestido e desinventado pelos próprios homens (ALBUQUERQUE JR., 2007, p. 129).

Assim como o próprio homem construiu a imagem do nordestino como sendo “feio”, “ridículo”, de “mau-gosto”, “preguiçoso”, “violento”, “analfabeto”, “sujo”, comumente caracterizado como representante do que há de mais indesejável para essa sociedade, esperamos com este trabalho, instigar o início de sua desconstrução.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar. As fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007.

ALEM, João Marcos. Representações coletivas e História política em Uberlândia. **História & Perspectivas**, Uberlândia, n. 4, p. 79-102, jan./ jun. 1991.

ARBEX JÚNIOR, José; OLICA, Nelson Bacic. **O Brasil em regiões - nordeste**. São Paulo: moderna, 1999.

BARBOSA, M. Emisia Jacinto. Os famintos do Ceará. In: **Muitas Histórias, Outras Memórias**, São Paulo, Olho d'água, 2000.

BARROS, Klebson Ferreira Barros. **Associação dos Nordestinos em Uberlândia**: Uma análise das manifestações populares nordestinas inseridas no contexto progressista uberlandense 1989-2001. 2001. (Monografia) – Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia. Uberlândia, 2001.

BERTOLUCCI, Luiz. Uberlândia mantém atração de migrantes em busca de emprego. **Gazeta de Uberlândia**, Uberlândia - MG, p. 3 - 3, 26 ago. 2006.

BORGES, Selma Santos. **O nordestino em São Paulo**: desconstrução e reconstrução de uma identidade. 2007. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

BOSI, Alfredo (org.). **Cultura brasileira**: temas e situações. 2. ed. São Paulo: Ática, 1992.

BOSI, Antônio de Pádua. História e historiografia da formação econômica de São Pedro de Uberabinha nos anos de 1912 a 19221. **Tempo da Ciência**. Toledo, (12) 24: 17-34, 2º semestre 2005. Disponível em: <<http://erevista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/download/444/359>>. Acesso em 02 de Dez. de 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997

_____. **O Tempo Vivo da Memória, Ensaios de Psicologia Social**. São Paulo, Ateliê Editorial, 2004.

CAPARELLI, Márcia. **Identidade e Hospitalidade em questão**: um olhar sobre Uberlândia, MG. 2005. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado em Hospitalidade e Turismo da Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2005.

CASTRO, Margareth. Pedintes e Migrantes serão prioridade da nova secretaria. **Jornal Correio de Uberlândia**. Uberlândia, 07 jan. 2005. Disponível em: <<http://www.jornalcorreio.com.br/texto/2005/01/07/7127/pedintesemigrantesseraoprioridadesdanovasecretaria.html>>. Acesso em: 07 de jun. 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 2**: morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 1996.

CORREIA, Gleide. Pedintes abandonam hipercentro. **Jornal Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 28 mar. 2007. Disponível em: <http://www.jornalcorreio.com.br/texto/2007/03/28/26258/pedintes_abandonam_o_hipercentro.html>. Acesso em: 21 maio 2008.

CROCHIK, José Leon. **Preconceito**: indivíduo e cultura. São Paulo: Robe Editorial, 1997.

DANTAS, Sandra Mara. **Veredas do progresso em tons altissonantes**: (Uberlândia, 1900-1950). 2001. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.

FREITAS FILHO, Rubens de. “Metrópole a ser planejada”. **Jornal Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 31 ago. 2008.

GUILHERME, William Douglas. **O ideal de progresso e a cidade de Uberabinha-MG**: evidências oficiais, 1888 a 1922. 2007. (Monografia) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2007.

GUIMARAES, Analú. Uberlândia terra gentil que seduz. **Jornal Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 31 ago. 2008.

LIMA, Luiz Cruz; VALE, Ana Lia Farias. Migração e mudança social: a influência do migrante do sertão nordestino no norte do Brasil. **Scripta Nova**. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales Universidad de Barcelona. n. 94 (82), 01 de ago. de 2001. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn-94-82.htm#2>>. Acesso em: 17 fev. 2008.

LOPES, Valéria Maria Queiroz Cavalcante. **Caminhos e trilhas: transformações e apropriações da cidade de Uberlândia (1950-1980)**. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. **A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês: assistência social institucionalizada – (Uberlândia – 1965 a 1980)**. 1990. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História, Universidade de São Paulo, 1990.

_____. Muito além do Paraíso: ordem, progresso e disciplina em Uberlândia. **História & Perspectiva**, Uberlândia, nº 4, p. 37-77, 1991.

_____. História Oral: uma co-produção responsável. **Caderno Espaço Feminino**, v. 3, nº 1/2, 1996 p. 25-33.

MENDES, Hélio. O dia de Uberlândia. **Jornal Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 31 ago. 2008.

NÓBREGA, Ricardo. “GT5 - Cultura, Política, Memória e Subjetividade “Baianos” e “paraíbas”: notas sobre a discriminação contra migrantes nordestinos”. **XIII Congresso Brasileiro de Sociologia**. 29 de maio a 1 de junho de 2007, UFPE, Recife (PE).

NUNES, Leandro José. **Cidade e Imagens: progresso, trabalho e quebra-quebras – Uberlândia – 1950 1960**. 1993. Dissertação (Mestrado em História) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993.

PARANHOS, Rick. De volta à casa e à desesperança. **Jornal correio de Uberlândia**. Uberlândia, 25 dez. 2005. Disponível em: <http://www.jornalcorreio.com.br/texto/2005/12/25/15026/de_volta_a_casa_e_a_d_esesperanca.html>. Acesso em: 30 maio 2008.

PEZZUTI, Pedro, Cônego. **Município de Uberabinha: História, administração Finanças e Economia**. Uberabinha: Oficinas Livraria Kosmos, 1922.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos – narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**. Revista do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, vol. 1, nº 02, 1996, p. 59-72.

_____. História Oral e Memórias. **Revista História & Perspectivas**. Edufu, nº 25/26. Jan/Jul 2002, p. 27-54.

QUEIROZ, Renato da Silva. **Não vi e não gostei: o fenômeno do preconceito**. 2º ed. São Paulo: Moderna, 1995.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo, Edusp, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade – In: NOVAIS, Fernando A. **História da Vida Privada no Brasil**.

Contrastes da intimidade contemporânea. V. 4, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Ângela Maria; PINHEIRO, Maria Salete de Freitas; FRANÇA, Maira Nani. **Guia para Normalização de Trabalhos Técnico-científicos:** projetos de pesquisa, trabalhos acadêmicos, dissertações e teses. 5º ed. Uberlândia: EDUFU, 2006.

SILVA, Dalva Maria de Oliveira. **Memória: Lembrança e esquecimento:** trabalhadores nordestinos no Pontal do Triângulo Mineiro nas décadas de 1950 e 60. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1997.

SOARES, Beatriz Ribeiro. **Uberlândia: da “Cidade Jardim” ao “portal do cerrado”** imagens e representações no triângulo mineiro. São Paulo: 1995. Tese (Doutorado) – Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1995.

TIBURCIO, Luciana. Um pedacinho do Nordeste aqui. **Jornal Correio de Uberlândia.** 28 de maio 2006.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade:** uma História social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1999.

WEIL, Simone. **A condição operária e outros estudos sobre a opressão.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ANEXO

1. Depoimentos orais

1- Alcides Melo da Silva

Natural de Aracajú, Sergipe, 57 anos, casado com Maria Ivonete Santos da Silva de 52 anos. Tem um filho de quatorze anos, nascido em Uberlândia. Chegou a Uberlândia em 1983. Veio para visitar um amigo e para conhecer a cidade. Chegou numa sexta-feira e na segunda já estava trabalhando com carteira assinada. Trabalhou na prefeitura como secretário de serviços urbanos. Já fez parte da diretoria da Associação dos Nordestinos em Uberlândia, (ANUDI). Atualmente, faz curso de Jornalismo e apresenta dois programas de rádio direcionados à comunidade nordestinos, “Canta Nordeste” pela Rádio Universitária e “Aurora nordestina”, pela Rádio Aurora. Idealiza ainda a formação do CTCN, Centro de Tradições Culturais Nordestino em Uberlândia. Foi entrevistado em 17 de maio de 2008.

2. Maria de Fátima Pereira Souza

Natural de Fortaleza, Ceará, 54 anos. Divorciada, tem cinco filhos. Saiu do Nordeste em 1979, fugindo de um casamento problemático. Migrou, inicialmente, para São Paulo, lá ficou por dois anos, conheceu um rapaz e se casou. Ao visitar a família do marido, em Ituiutaba, resolveu conhecer Uberlândia. Segundo suas próprias palavras, ao vê-la foi “amor à primeira vista”. Assim, resolveu, em 1981, residir em Uberlândia. Hoje é aposentada e proprietária do restaurante típico nordestino “Mandacaru”, além de vender em feiras livres da cidade a tapioca nordestina. Entrevista concedida em 01 de junho de 2008.

3 – Maria de Lourdes Araújo Silva

Natural de Currais Novos, Rio Grande do Norte. Tem 67 anos, casada com Severino Ramos Silva. Teve quatro filhos e sete netos nascidos em Uberlândia.

Chegou no ano de 1946 com a mãe e os irmãos atrás do pai que já estava morando aqui por dois anos. O pai, veio em busca de trabalho, pois ouvia, em Currais Novos, que Uberlândia tinha muito emprego, fartura e era fácil de ganhar dinheiro. Hoje, após viver mais de 60 anos em Uberlândia, considera-se mineira. Ou melhor, ela se considera “uma brasileira, nascida no Nordeste e criada em Minas”. Além de ajudar a criar sobrinhos e netos, viaja para o Nordeste a passeio e para matar a saudade de parentes que ainda vivem por lá. Entrevista concedida em 15 de junho de 2008.

4 - Maria Ivonete Santos Silva

Natural de Aracaju, Sergipe, 52 anos, casada com Alcides Melo da Silva. Chegou em Uberlândia em 1983 acompanhando o marido. Tem um filho de quatorze anos, nascido em Uberlândia. Fez Graduação em Letras pela Universidade Federal de Sergipe (1983), Mestrado em Literatura pela Universidade de Brasília (1988) e Doutorado em Teoria Literária pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1997). Em 2006, concluiu o Pós-Doutorado também na área de Teoria Literária, junto ao Programa de Estudos Literários - POSLIT/UFMG. Atualmente é professora no Instituto de Letras da Universidade Federal de Uberlândia. Foi entrevistada em 17 de maio de 2008.

5 - Marta Messias da Cruz Oliveira

Natural de Angical, Bahia. Tem 32 anos, solteira. Saiu da Bahia após a morte da mãe. Foi, inicialmente, morar com irmão em São Paulo em 2003. Em 2008, foi convidada pela irmã para morar em Uberlândia. Mudou-se para Uberlândia em busca de trabalho. Aqui ela conseguiu um emprego de serviços gerais (diarista). Mas em suas palavras, “por não ter estudo, os empregos que consegue pagam muito pouco”. Desiludida com a falta de “boas” oportunidades

de trabalho, Marta nos confidencia pretender em breve voltar novamente para Bahia. Entrevista concedida em 04 de outubro de 2008.

6 – Severino Ramos da Silva

Natural de Ouro Branco, Rio Grande do Norte, tem 72 anos. Casado com Maria de Lourdes Araújo Silva. Chegou a Uberlândia em 1956 para encontrar um irmão e trabalho. Trabalhou durante vários anos como motorista de taxi e depois de caminhão. Hoje é aposentado e ajuda na criação dos netos e sobrinhos. Tem vontade de voltar a morar no Nordeste, mas como a esposa não concorda, continua morando aqui, todavia, sempre que pode, viaja para o Nordeste para matar a saudade dos familiares. Entrevista concedida em 15 de junho de 2008.

7 - Vamberto Figueiredo

Natural de Lagoa de Dentro, Paraíba. Tem 35 anos. Casado com Raquel Figueiredo. Tem duas filhas, de seis e doze anos, a mais velha nascida em Lagoa de Dentro e a caçula, em Uberlândia. É controlador de voo no aeroporto de Uberlândia. Na Paraíba trabalhava na lavoura, no roçado. Saiu do Nordeste em 1994. É o atual Presidente da ANUDI, (Associação dos Nordestinos em Uberlândia). Entrevista concedida em outubro de 2008.

8 – Wilton da Silva Oliveira

Natural de Barra do Corda, Maranhão. Tem 29 anos, casado com a uberlandense Gisele Chagas Arduini Oliveira. Migrou para Uberlândia em 2001, para morar com os irmãos que já viviam aqui, após a morte de sua mãe. Trabalha como auxiliar de empresas na madeireira cujo proprietário é seu irmão. Atualmente, faz curso preparatório para prestar vestibular na área de Veterinária. Diz que se considera nordestino mesmo depois de absorver vários costumes

mineiros, pois como ele mesmo disse, “a cabeça nunca vai deixar de ser chata mesmo”. Entrevista concedida em 22 de maio de 2008.

APÊNDICES

A – Questionário com os universitários

Preencha, por favor, as respostas. Não é necessário se identificar.

Sexo_____Idade_____

Curso:_____

Local de nascimento:_____

1)Você tem contato com migrantes nordestinos na cidade de Uberlândia?

() sim() não() raramente

2)Seus contatos com nordestinos acontecem:

() na família() no trabalho() na escola

(outros)_____

3)O que geralmente você ouve falar a respeito dos nordestinos? Desses comentários, o que você concorda e o que você discorda, por quê?

4)Qual a sua opinião a respeito do nordestino que mora em Uberlândia?

5) Na sua opinião, em qual segmento da sociedade a participação dos nordestinos na formação da cidade de Uberlândia seria mais significativa?

dia, _____ de _____ 2008

B – Roteiro das entrevistas com os nordestinos.

1) De que lugar do Nordeste você veio e quais as características dessa região?

2) O que levou você a sair de sua terra natal e em que ano isso aconteceu?

3) Uberlândia foi a primeira cidade para onde veio?

4) Qual a sua profissão? Ela é a mesma de quando morava no Nordeste?

5) Você ainda se sente nordestino depois de tantos anos morando em Uberlândia? Por quê?

6) Nas comemorações familiares, ou no dia a dia você e sua família mantêm as tradições nordestinas? Quais?

7) Quais as maiores dificuldades sofridas ao deixar sua terra natal?

8) Em Uberlândia existe algum local no qual os nordestinos podem se reunir para matar a saudade do lugar de onde veio? Quais?

9) Você já sofreu preconceito por ser nordestino pelos uberlandenses? Em caso positivo, como isso aconteceu e como você reagiu?

10) Se fosse possível, você gostaria de voltar para a sua terra? Por quê?